

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

ANASTÂNCIO JEMO MATSOVELE

**O PAI-NOSSO NA TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF E NA
PERSPECTIVA CULTURAL MOÇAMBICANA**

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre
2015

ANASTÂNCIO JEMO MATSOVELE

**O PAI-NOSSO NA TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF E NA
PERSPECTIVA CULTURAL MOÇAMBICANA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, linha de pesquisa em Teologia e Pensamento Contemporâneo, da área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre
2015

M434p

Matsovele, Anastâncio Jemo

O Pai-Nosso na teologia de Leonardo Boff e na perspectiva cultural moçambicana. / Anastâncio Jemo Matsovele. – Porto Alegre, 2015.

113 f.

Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Programa de Pós-Graduação em Teologia – Faculdade de Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

1. Teologia Sistemática. 2. Pai-Nosso - Exegese. 3. Religião - Moçambique. 4. Cultura - Moçambique. 5. Inculturação da Fé. 6. Leonardo Boff. I. Hammes, Érico João. II. Título.

CDD 242.722

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

ANASTÂNCIO JEMO MATSOVELE

**“O PAI-NOSSO NA TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF E NA PERSPECTIVA
CULTURAL MOÇAMBICANA”**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, linha de pesquisa em Teologia e Pensamento Contemporâneo, da área de concentração em Teologia Sistemática.

Aprovado em 20 de janeiro de 2015, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Érico João Hammes
(Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Prof. Dr. Oneide Bobsin

Porto Alegre
2015

RESUMO

Essa dissertação resulta da pesquisa e análise de conteúdos acerca da oração do Pai-Nosso. Teve o propósito de confrontar o conteúdo da oração com a vida do povo moçambicano nas suas relações com Deus e com os demais. Partindo da discussão de Leonardo Boff na obra: *O Pai-Nosso, a oração da libertação integral* (1979). Decorrente disso o tema da dissertação centra-se no Pai-Nosso na Teologia de Leonardo Boff e na perspectiva cultural moçambicana. Apresenta breve estudo exegético do Pai-Nosso. Desenvolve a discussão da oração do Pai-Nosso segundo a Teologia de Leonardo Boff. Segue com a apresentação de argumentos comprovadores que a oração do Pai-Nosso, para o povo moçambicano, não é uma teoria, mas vida. Apresenta reconhecimento da paternidade de Deus; o respeito pelo Seu santo Nome; o reconhecimento da superioridade do Seu reino; o reconhecimento da superioridade da Sua vontade; a partilha do pão que faz comunhão de pessoas; o perdão que cura as mágoas e a confiança em Deus na hora de tentação e para situações futuras. Na conclusão traz uma sinopse comparativa do Pai-Nosso na perspectiva teológica e cultural moçambicana.

Palavras chaves: Pai-Nosso. Religiosidade. Moçambique. Teologia. Inculturação da Fé. Leonardo Boff.

ABSTRACT

This dissertation is a result of research and analysis of the subjects around the “The Lord’s Prayer”. It has the purpose of confronting the content within the prayer with the lives of the mozambican people in its relations to God and others. Having as a start point the essay of Leonardo Boff’s *The Lord’s Prayer: The Prayer of Integral Liberation* (1979). Deriving from this, the theme of the dissertation is centered on The Lord’s Prayer according to the theology of Leonardo Boff and on mozambican cultural perspective. It presents a brief exegetic study of the Lord’s Prayer. It develops a discussion around the Lord’s Prayer according to the theology of Leonardo Boff. It follows with the exposure of some compelling arguments that this prayer, to the mozambican people, is not a theory, but life itself. It acknowledges God as the father; the respect for His holy Name; recognition of His Kingdom’s supremacy; recognition of the superiority of His will; the breaking of bread which makes communion; forgiveness that heals grief and the trust in God in times of temptation and for the future itself. The conclusion brings a comparative synopsis of the Lord’s Prayer in the theological and cultural mozambican perspective.

Keywords: Our Father. Religiosity. Mozambique. Theology. Inculturation of the faith. Leonardo Boff.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 EXEGESE DO PAI-NOSSO	10
1.1 A FÓRMULA DE REZAR	10
1.1.1 Crítica textual	12
1.1.1.1 A origem da oração do Pai-Nosso	14
1.1.1.2 Comparações	15
1.1.1.3 Diferenças	16
1.1.1.4 Semelhanças	17
1.1.1.5 Alterações	17
1.1.1.6 Estrutura do texto de Mateus	18
1.1.2 Contatos literários e temáticos entre as passagens de Mt 6,9-13 e 26,39-42	20
1.1.3 “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11,1)	20
1.1.4 “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6)	22
1.1.5 A Boa Nova para a humanidade	23
2 ESTUDO DO PAI-NOSSO NA TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF	26
2.1 PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS	26
2.1.1 Falar a Deus junto com os outros.....	27
2.1.2 Pai-Nosso	29
2.1.3 Que estais nos céus.....	30
2.2 SANTIFICADO SEJA O TEU NOME	31
2.2.1 O misterioso nome de Deus.....	31
2.2.2 Santificado seja... ..	32
2.2.3 O teu nome	33
2.3 VENHA O TEU REINO	35
2.3.1 O Reino de Deus.....	35

2.3.2 O Reino de Deus se instaura na terra com humildade e obediência.....	37
2.4 SEJA FEITA A TUA VONTADE NA TERRA, COMO NO CÉU.....	40
2.4.1 Seja feita a tua vontade... ..	40
2.4.2 Na terra, como no céu.....	41
2.5 O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE	43
2.5.1 O pão	44
2.5.2 O pão nosso	45
2.5.3 O pão de cada dia dá-nos hoje.....	46
2.5.4 A importância do pão	48
2.6 E PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS COMO TAMBÉM NÓS PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES	49
2.6.1 Perdoa-nos as nossas dívidas	50
2.6.2 Como também nós perdoamos aos nossos devedores.....	51
2.6.3 Importância do perdão.....	52
2.7 E NÃO NOS SUBMETAS À TENTACÃO	53
2.7.1 O medo de trair as esperanças e as promessas do Reino	54
2.7.2 Tentação	55
2.7.3 O homem, ser radicalmente frágil.....	55
2.8 MAS LIVRA-NOS DO MALIGNO	57
2.8.1 A experiência humana da dor e do sofrimento	58
2.8.2 Não a autoconfiança, e sim na confiança incondicional em Deus	58
3 ESTUDO DO PAI-NOSSO NA PERSPECTIVA CULTURAL MOÇAMBICANA ..	60
3.1 DADOS GERAIS DE MOÇAMBIQUE.....	60
3.2 JUSTIFICATIVA	62
3.3 BUSCANDO DEUS NA CULTURA E NAS RELIGIÕES TRADICIONAIS.....	66
3.4 DEUS CRIADOR É PAI.....	68
3.5 AS PETIÇÕES DO PAI NOSSO NA VIDA DO POVO MOÇAMBICANO.....	69
3.5.1 Pai nosso que estás nos céus.....	70
3.5.1.1 Pai	71
3.5.1.2 Pai nosso	72
3.5.1.3 Que estás nos céus	73
3.5.2 Santificado seja o teu Nome.....	74
3.5.3 Venha o teu Reino.....	75

3.5.4 Seja feita a tua vontade na terra, como céu	76
3.5.4.1 Seja feita a tua vontade	76
3.5.4.2 Na terra, como céu.....	77
3.5.5 O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.....	77
3.5.5.1 O pão	78
3.5.5.2 O pão nosso	79
3.5.5.3 O pão de cada dia dá-nos hoje	80
3.5.6 E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores	81
3.5.6.1 O perdão	82
3.5.6.2 Perdoa-nos as nossas dívidas.....	83
3.5.6.3 Como também nós perdoamos aos nossos devedores	83
3.5.7 E não nos submetas à tentação	84
3.5.7.1 O medo de sucumbir na tentação.....	85
3.5.7.2 Tentação.....	85
3.5.8 Mas livra-nos do Maligno	86
4 SINOPSE COMPARATIVA DO PAI-NOSSO NA PERSPECTIVA TEOLÓGICA E CULTURAL MOÇAMBICANA	88
4.1 FIDELIDADE E DOCILIDADE NO ANÚNCIO DA BOA NOVA	88
4.2 PALAVRAS PRINCIPAIS	89
4.2.1 Pai	89
4.2.2 Nome	91
4.2.3 O Reino	92
4.2.4 Vontade	93
4.2.5 O pão	94
4.2.6 O perdão.....	96
4.2.7 Tentação	99
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

Discute-se ao longo dos tempos a oração do Pai-Nosso, por essa razão e pelo seu importante conteúdo é especialmente significativo investigar essa oração na vida do povo moçambicano. Decorrente disso, o tema da dissertação é: *O Pai-Nosso na Teologia de Leonardo Boff e na perspectiva cultural moçambicana*. A situação do povo moçambicano, hoje, é semelhante a do contexto tratado por L. Boff na sua obra intitulada: “*O Pai-Nosso: a oração da libertação integral*”, publicada em 1979. Leonardo Boff, perito em teologia de libertação, afirma que com os pobres se entende melhor o Deus da revelação, esse Deus que caminha, dialoga e escuta o grito massivo dos injustamente oprimidos¹.

Como se depreende o estudo do Pai-Nosso na Teologia de L. Boff será o ponto de partida para estudar a mesma oração na perspectiva cultural moçambicana. A questão que se pretende responder nesse estudo é a seguinte: como se pode compreender que o conteúdo do Pai-Nosso nutre o povo moçambicano no seu contexto sociocultural?

Na tentativa de responder a questão acima colocada, na primeira seção, pretende-se fazer um breve estudo exegético do Pai-Nosso, para responder algumas perguntas que o texto suscita. Na segunda seção pretende-se estudar a oração do Pai-Nosso na Teologia de Leonardo Boff, destacando as implicações das sete petições, quando são assumidas com o Espírito de Jesus (cf. Fl 4,6-7). Na terceira seção (centro da dissertação), pretende-se discutir alguns aspectos informativos e descritivos sobre Moçambique e o seu povo na sua relação com Deus e, em seguida serão discutidas as sete petições com o intuito de demonstrar que a oração do Pai-Nosso para o povo moçambicano não é uma teoria, ela é vida. Por detrás dessa demonstração estará a resposta da questão que se pretende responder: “como se pode

¹ Cf. BOFF, L. *Como enriquecer a teologia da libertação: Pobre, Nova Cosmologia e Libertação*. Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/como-enriquecer.htm>. Acesso em: 11 de Novembro de 2014.

compreender que o conteúdo do Pai-Nosso nutre o povo moçambicano no seu contexto sociocultural”? Na quarta seção pretende-se fazer uma sinopse comparativa do Pai-Nosso na perspectiva teológica e cultural moçambicana; essa sinopse vai destacar e explicar as palavras principais que constituem o escopo da oração do Pai-Nosso para que os que, ainda, ignoram venham a crer e os que crêem tenham vontade de observar tudo quanto o Senhor ordena.

Na conclusão desse estudo serão recapitulados alguns aspectos discutidos ao longo da produção da dissertação e serão inclusas algumas sugestões.

A produção dessa dissertação seguirá os métodos: bibliográfico-analítico e indutivo-dedutivo para fazer entender, a partir da discussão feita por L. Boff, que a oração do Pai-Nosso para o povo moçambicano não é uma teoria, ela é vida. Para o efeito, serão consultadas várias obras, entre as quais se destacam: *o Pai-Nosso: oração da libertação integral* (L. Boff, 1979); *Religiões Africanas Hoje* (F. L. Martinez, 1997); documentos do *Concílio Ecumênico Vaticano II* (1962-1965); Exortação Apostólica pós-sinodal *Africae Munus* (Bento XVI, 2011) e a Bíblia de Jerusalém.

Espera-se com esse estudo encorajar o povo moçambicano e toda a pessoa a se preocupar sempre com a causa de Deus e a causa do homem para que a humanidade tenha vida em abundância (cf. Jo 10,10b).

1 EXEGESE DO PAI-NOSSO

A oração do *Pai-Nosso* foi e está sendo uma das mais divulgadas e usadas pela Igreja e desde o primeiro século do cristianismo foi recomendada a ser rezada três vezes ao dia². Por causa do seu freqüente uso e por sua importância é necessário fazer, como têm feito exegetas e teólogos sistemáticos de todos os tempos e lugares, um estudo mais adequado do texto dessa oração. É verdade que há inúmeras dificuldades para prosseguir um estudo de todas as perguntas que o texto suscita, porque a exegese exige o conhecimento das línguas originais como grego, hebraico e aramaico, para compreender o texto no seu contexto original, depois no contexto integral da Sagrada Escritura e por último para analisá-lo diante da história da própria interpretação ao longo dos tempos. Por isso mesmo, nesse estudo as críticas serão aceitas para melhorar a compreensão inesgotável do conteúdo da oração do Senhor (cf. Lc 11,2-4; Mt 6,9-13).

Esse estudo percorrerá alguns passos julgados indispensáveis para mostrar de maneira sucinta algumas perguntas que essa oração suscita e algumas respostas aceitas pelos exegetas.

1.1 A FÓRMULA DE REZAR

A fórmula de rezar, que recebe o nome de Pai-Nosso, encontra-se registrada três vezes nos escritos primitivos antes do fim do século I: Mt 6, 9-13; Lc 11, 2-4 e *Dídaque* 8, 2. A formulação mais antiga é a de Lucas. A fórmula de Mateus e a da *Dídaque* (datada de 90 a 100 depois de Cristo) são praticamente iguais, acrescentando esta última a doxologia final: “pois teu é o poder e a glória pelos séculos” e o preceito de recitá-la três vezes ao dia (8.3).

² Cf. *DIDAQUÉ: Catecismo dos primeiros cristãos*, n. 8.3.

Uma grande parte dos estudiosos reconhece que, o texto, tanto de Mateus como o de Lucas, têm influência na Igreja.

Contudo, a oração transmitida por Mateus é a que foi adotada como oração dominical³.

A experiência do amor paternal de Deus através de Jesus Cristo fundamenta a perpetuação dessa oração na Igreja de geração em geração. Jesus Cristo, explicitamente reforça essa certeza, que provém da fé, ao prometer que a oração será ouvida (cf. Mc 11,24) porque a verdadeira oração tem grande poder: vence as angústias (cf. Fl 4,6) e os poderes do mal e das trevas (cf. Rm 15,30; Cl 4,12; Mt 6,13). Do outro lado, o NT, assim como o AT, adverte contra os impedimentos que podem tornar ineficaz a oração: a falta de amor (cf. 1Pd 3,7; Tg 4,3), a descrença e a dúvida (cf. Tg 1,5-7) e o espírito irreconciliável (cf. Mt 5,23-24; Mc 11,25)⁴.

Na oração, o homem se volta para Deus, reconhecendo-o como único absoluto (cf. Jo 5,44; 17,3; Ef 4,5-6; Tg 2,19; 1Tm 2,5; 1Cor 8,4; Is 45,5-6; Lc 4,6-8; Dt 6,4; Ex 20,3; Mt 4,10) e reconhecendo a si mesmo como criatura (cf. Gn 1,27; 2,7; Sl 100,3), relativizando a auto-suficiência.

Os atos de *fé*, de *esperança* e de *caridade*, exigidos pelos mandamentos, fazem-se presente na oração. A elevação do espírito para Deus é uma expressão de adoração ao mesmo Deus: oração de louvor e de ação de graças, de intercessão e de súplica. A oração é condição indispensável para se poder obedecer aos mandamentos de Deus. Para o efeito, é preciso orar sempre, sem desfalecer (cf. Lc 18, 1). Para que não haja equívocos, Jesus ensinou o Pai-Nosso como oração fundamental e universal.

Eis os textos em paralelo⁵:

³ Joaquim Jeremias ressalta que a forma mais curta, de Lucas, está completamente contida na forma mais longa, de Mateus. Acredita, portanto, que é provável que a forma de Mateus seja a versão mais expandida, tendo em vista a tendência geral dos textos de crescerem por expansão. Além disso, ninguém teria ousado abreviar um texto sagrado como a Oração do Senhor, omitindo duas petições, se estas tivessem feito parte da tradição original (cf. *Pai Nosso: a oração do Senhor*, p. 89-90).

⁴ Cf. COENEN, L; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia Do Novo Testamento*, p. 1448.

⁵ O texto da Didaqué é extraído na *DIDAQUÉ: Catecismo dos primeiros cristãos*, p. 27 e os textos de Mateus e Lucas são extraídos na *Bíblia de Jerusalém*.

Didaqué (8.2)

Nosso Pai no céu,
que teu nome seja
santificado,

que teu reino venha,

que tua vontade seja feita na
terra, assim como no céu;

dá-nos hoje o pão necessário
(cotidiano),

perdoa a nossa ofensa assim
como nós perdoamos aos que
nos têm ofendido

e não nos deixes cair em
tentação, mas livra-nos do
mal,

pois teu é o poder e a glória
pelos séculos.

Mateus (6,9-13)

Pai nosso que estás nos céus,
santificado seja o teu Nome,

¹⁰venha o teu Reino,

seja feita a tua vontade na terra,
como céu.

¹¹O pão nosso de cada dia^e dá-nos
hoje.

¹²E perdoa-nos as nossas dívidas
como também nós perdoamos aos
nossos devedores.

¹³E não nos submetas à tentação^f,
mas livra-nos do Maligno.^g

Lucas (11,2-4)

Pai,
santificado seja o teu Nome

venha o teu Reino;

³o pão nosso cotidiano dá-nos a
cada dia^a;

⁴perdoa-nos os nossos pecados,^b
pois também nós perdoamos aos
nossos devedores;

e não nos deixes cair na tentação.^c

Olhando atentamente as três versões pode deparar-se com uma dúvida em relação ao texto do *Pai-Nosso* que é rezado na liturgia da Igreja, por lhes parecer diferente. Mas para dissipar essa dúvida é preciso ter presente as seguintes considerações: a) desde o primeiro século a Igreja adotou a fórmula de Mateus, com sete petições, porque entendeu que era mais expandida; b) o texto em português é uma tradução da versão latina que, por sua vez, encontra sua base no texto bíblico grego. Embora no texto grego se use a segunda pessoa do singular *tu* na tradução se usou a segunda pessoa do plural *vós* para se destacar o respeito e a veneração para com Deus; c) nessa última consideração está a questão da quinta petição. Nessa petição, usou-se a versão de São Lucas, porque se entendeu que a expressão ‘as ofensas’ engloba ‘as dívidas’ (termo usado por São Mateus)⁶.

1.1.1 Crítica textual⁷

A oração do Pai-Nosso inicia com um vocativo: *Pai*. É uma invocação que não só atrai a atenção divina e o afeto paternal de Deus, coloca também os filhos em aproximação e

⁶ Cf. PAROSCHI, W. *Crítica Textual do Novo Testamento*, p. 23ss.

⁷ Cf. JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*, p. 298-300; JEREMIAS, J. *Pai Nosso*: a oração do Senhor, p. 90-92; BORN, A. V. D. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, col. 1088s; CIVIT, I. G. *El Evangelo Segun San Mateo*: volumen primero (1-13), p. 322-371.

disposição de aceitar as ordens do Pai e cumprir sua santa vontade. Por assim dizer, se trata de uma nova relação íntima com Deus, que os judeus não ousavam chamar pelo seu *nome* e até nem o escreviam, e que na língua vernácula representavam pela grafia **H'** de *Iahweh* (**Hevha'**). Mateus acrescenta: [*Nosso que estás nos céus* (Mt 6,9)], porque na concepção judaica, os *céus* eram do domínio absoluto de Deus, onde nada nem ninguém impedia a realização de seus planos.

No AT também *Iahweh* era considerado como *Pai* (cf. Dt 32,6), pois se dizia que o povo de Israel era filho de Deus e até seu primogênito (cf. Êx 4, 22; 2 Sm 7,14) e como *Pai* de misericórdia e perdão (cf. Sl 103, 13). Mas o emprego deste apelativo na oração individual é raro, porque não dizer fora do comum. O início das orações judaicas era o de reconhecimento da Majestade e Transcendência de Deus. Por isso, as expressões (*céus*) e (*céu*) representam, respectivamente, o lugar secreto do Pai (cf. Mt 6,6) e o Reino de Deus (cf. Mt 26,39). As petições em Lucas e Mateus sobre a *causa de Deus* coincidem na primeira e na segunda, respectivamente: *santificado seja o teu nome/venha o teu reino*⁸. A terceira petição em Mateus [*seja feita a tua vontade na terra, como no céu* (Mt 6,10b)], em Lucas está omissa; ela aparece em Mateus como uma explicação magistral: a universalidade do Reino é oposta à estrita e reduzida ideologia das orações judaicas em que o reino estava fundado no triunfo político de Israel.

As petições sobre o *pão* coincidem também, em Lucas e Mateus, com as mesmas palavras; só que Lucas usa o verbo no *presente contínuo*⁹ e Mateus usa o verbo no *aoristo* (dá aqui e agora). A expressão *dá-nos*, com o presente imperativo de Lucas se pode traduzir: *continua a dar-nos* (como sempre) *o pão, o de amanhã, que vamos necessitar a cada dia*. Outra tradução seria: *dá-nos o pão necessário a cada dia*. Esta é a tradução preferida hoje em dia.

A tradução de Mateus: *o pão nosso de cada dia dá-nos hoje*, entendido como o pão supersubstancial: *o pão Eucarístico*, pela Vulgata está hoje descartada, já que a mesma Vulgata traduz a mesma palavra em Lucas por *cotidiano* (de cada dia). Sobre o *perdão*:

⁸ Cf. COENEN, L; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia Do Novo Testamento*, p. 1449.

⁹ A palavra que tem dado a diversas interpretações é *epiousios*. A opinião mais provável é que seu significado é *seguinte* como corresponde adjetivamente ao *emera* [dia] *epiousia* [seguinte]. Assim em At 7,26 está escrito: “No dia seguinte, apareceu” [tê te epiousê emera ôfthe ou *sequenti vero die*]. Também a noite é seguida por *epiousia*: [Tê de epiousê nyhti ou *Sequenti autem nocte* (At 23, 11)]. A tradução, pois, do texto seria: *o pão nosso o de amanhã, dá-nos a cada dia*. Esta tradução é confirmada pela versão antiga do evangelho dos nazarenos ou dos hebreus que usa a palavra *mahar* [prontamente] para traduzir: *dá-nos* [continua a dar-nos] *hoje o pão do amanhã*, ou seja, o pão que nos darás no teu reino (cf. EBELING, G. *Sulla Preghiera. Prediche sul Padre Nostro*, p. 51-55).

perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores e não nos deixes cair em tentação, [mas livra-nos do maligno (Mt 6,13b)].

Lucas fala de (*pecados*) e sobre (*os que estão devendo*); a palavra *pecado* aparece uma única vez das 148 vezes que ela é traduzida como *ofensa*, enquanto Mateus usa a palavra (*dívidas*) e (*devedores*, como substantivo). Mas Lucas identifica *dívidas* com *pecado* quando o devedor é o homem e o sujeito da dívida, o próprio Deus. Sobre *a tentação*: Lucas e Mateus usam a dupla (*deixar cair ou submeter/tentação*). Tudo depende de que classe de prova ou tentação é referida no versículo. *Pode ser: provação, tribulação ou sofrimento*.

A causa da diversa interpretação dessa petição é o verbo com o qual se determina a ação divina: *deixar cair ou submeter* significa *introduzir, transportar, arrastar*. Como Deus pode ser causa de uma tentação em que o homem não tem força para superá-la? Os termos em que está formulada a petição são os mesmos em que Jesus pede aos discípulos que orem para não caírem na tentação (cf. Lc 22, 40.46).

Qual era a tentação a que os discípulos estavam propensos a cair nesse momento? Sem dúvida, era a de *desertar* de seu seguimento, ou por *covardia*, ou pelas *dúvidas* que a paixão de Jesus suscitaria neles (cf. Lc 24, 21). Por isso, se pode cogitar que a tentação da qual os discípulos pedem para serem liberados seria a da *apostasia* (heresia) em relação a Jesus.

O *Maligno* (cf. Mt 6,13): *é traduzido na Vulgata por malo*. Não é um *adjetivo*, mas um *nome* e pode ser traduzido por *maligno* ou *mal*. Quando se refere ao *maligno* a personagem é o diabo. Quando se refere ao *mal* a sua manifestação é o *sofrimento* ou a *enfermidade*. Com certeza, esta é a provável natureza do pedido dessa última parte do Pai-Nosso.

Por fim, se pode dizer que os versículos de Mateus 6, 9.10b.13b faltam na maioria dos códices e, é, por isso, que estão encerrados entre colchetes. É uma transposição de textos paralelos a de Mateus. E tudo indica que o Pai-Nosso de Mateus era a oração comum das comunidades eclesiais.

1.1.1.1 A origem da oração do Pai-Nosso

A origem da oração do Pai-Nosso é Jesus Cristo. Trata-se de uma oração formal com raízes nitidamente judaicas, quando comparada com a *Shema* (a oração das 18

bênçãos), a *Qaddish* (a oração conclusiva das celebrações) e as diversas orações rabínicas¹⁰. Essa oração, nos Evangelhos está transmitida em dois lugares e em contextos diferentes: no Sermão da Montanha (cf. Mt 6,9-13) e à subida para Jerusalém (cf. Lc 11,2-4). Por essa razão tem algumas diferenças na forma como Mateus e Lucas a redigiram¹¹. Por outro lado, “deve-se levar em conta a possibilidade de duas tradições independentes, que, no aramaico original, teriam sido guardadas, respectivamente na Galiléia (Mt) e em Antioquia (Lc)”¹². Em relação a esse argumento, é interessante notar que A. Lancellotti afirma que a origem do Pai-Nosso em Mateus é *judeu-cristã*, enquanto que em Lucas surgiu em ambiente *helenístico*¹³. Sobre o mesmo debate, J. Jeremias reitera que o Pai-Nosso em Lucas reflete a sua origem na *Teologia da Igreja gentia*, enquanto que em Mateus reflete a sua origem na *Igreja cristã-judaica*¹⁴. Como se pode cogitar, *Mateus* colocou-o no seu Evangelho no discurso inaugural de Jesus (cf. cap. 5-7); porque, sendo este o sermão em que anunciava o seu “programa” sobre o Reino dos Céus, compreende-se não poder faltar o tema da oração. Por sua vez, *Lucas* colocou-o no relato da ida à longa viagem que Jesus empreendeu até Jerusalém (cf. cap. 9,51-11,13), provavelmente para traduzir a mensagem de que o homem deve aprender a rezar enquanto vai pelo caminho da vida, a fim de viver em comunhão com Deus.

1.1.1.2 Comparações

Comparando as duas versões do *Pai-Nosso*, nota-se que a mais breve é a de Lucas (com cinco petições) e a mais longa é a de Mateus (com sete petições).

A maioria dos biblistas sustenta que a versão de Lucas é a mais antiga e talvez, a que realmente Jesus ensinou. Por que se o “Pai-Nosso” de Mateus (isto é, o mais longo) fosse o original, não se entenderia porque Lucas o tenha encurtado. Ao passo que, se o “Pai-Nosso” de Lucas (o mais breve) é o original, compreende-se que Mateus, inspirado pelo Espírito Santo o tenha alongado, a fim de adaptá-lo melhor à forma de pensar de seus contemporâneos judeus.

¹⁰ Cf. RODRIGO DE CAMARGO, Y. *Livro de orações judaico - messiânica em português e hebraico*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6892563/Sidur>. Acesso em 30 de Outubro de 2014.

¹¹ Em Mateus, há paralelismo, segundo o qual três petições com “Tu” são seguidas por três petições com “nós”. Há, porém, em Mateus e Lucas a mesma ordem básica que coloca Deus em primeiro lugar, e depois, o homem. Na realidade, reflete-se aqui a ordem dos dois grandes mandamentos e do Shema (cf. Mt 22, 34-40; Mc 12,28-34; Lc 10,25-28).

¹² BORN, A. V. D. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, col. 1088.

¹³ Cf. LANCELOTTI, A. *Mateo*, p. 95.

¹⁴ Cf. JEREMIAS, J. *Pai Nosso: a oração do Senhor*, p. 91.

Frente a essa questão que, provavelmente somente os próprios autores, Lucas e Mateus, poderiam responder com precisão, E. Lohmeyer (1947), A. Hamman (1959), W. Machel (1966), O. Kuss (1966), L. Sabourin (1976), J. Jeremias (1976), entre outros, não encontram nenhum problema nas diferenças notáveis do Pai-Nosso (números de petições, composição de textos, lugares e contextos em que a oração foi transmitida e a questão das duas tradições independentes no aramaico original) por que o importante é o conteúdo e a forma (estrutura) que devem ser diferentes das orações dos gentios (cf. Mt 6,7-8). Portanto, essas versões não pretendem reproduzir literalmente as palavras de Jesus.

Henrique Matos reitera que as diferenças existentes no Pai-Nosso de Mateus quanto de Lucas de ponto de vista exegético indicam que os dois autores não reproduziram *ipsis litteris*¹⁵ o texto que o próprio Jesus teria transmitido aos discípulos. Trata-se, na realidade, de uma oração básica que fora assimilada de forma diferente em comunidades cristãs da Igreja primitiva. Embora muitos elementos do Pai-Nosso possam ser encontrados facilmente em orações judaicas daquele tempo, há uma dimensão propriamente *jesuânica* no Pai-Nosso. Encontra-se no Pai-Nosso a essência da intenção e missão de Jesus, o resumo fundamental de sua mensagem colocado em perspectiva escatológica¹⁶.

1.1.1.3 Diferenças

As principais diferenças consistem no número das petições e na composição dos textos. Lucas omite a terceira e a sétima petições presentes em Mateus 6,10b.13b. Por outro lado, Mateus compõe o seu texto em versos, enquanto que Lucas compõe em prosa contínua¹⁷.

Joaquim Jeremias ressalta que o texto de Mateus tem paralelismo: três petições com “Tu” seguidas por três petições com “nós”. A elaboração, portanto, da oração do Pai-Nosso como se encontra no Evangelho de Mateus, embora apresente basicamente o mesmo conteúdo do texto encontrado no Evangelho de Lucas, reflete peculiaridades de um conjunto simbólico diferente. A estrutura do texto de Mateus não é a mesma estrutura do de Lucas. O texto de Mateus contém o ensino de Jesus acerca da oração, e sua forma contém a idéia religiosa do modo como tal ensino deve ser tomado liturgicamente¹⁸.

¹⁵ Pelas mesmas palavras; textualmente.

¹⁶ Cf. MATOS, H. C. J. *O pai-nosso: oração do novo milênio*, p. 23.

¹⁷ Cf. COENEN, L; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia Do Novo Testamento*, p. 1450.

¹⁸ Cf. JEREMIAS, J. *Pai Nosso: a oração do Senhor*, p. 91.

1.1.1.4 Semelhanças

No item anterior foram apresentadas as diferenças existentes nas versões de Mateus e Lucas, agora urge apresentar as semelhanças que são dignas de nota, a saber: a estrutura seqüencial da Oração e o seu conteúdo. Em Mateus (6,9-13) assim como em Lucas (11,2-4), a oração é dirigida: a) ao Pai; b) pede-se a santificação do Nome; c) pede-se a vinda do Reino; d) pede-se o pão cotidiano; e) pede-se o perdão dos pecados; f) relaciona-se o perdão divino ao humano e g) pede-se o livramento da tentação¹⁹.

Como se depreende, não importa as variantes que se encontram em Mateus e Lucas já que a oração se insere no desenvolvimento cristológico e na contemplação escatológica do mundo e do Reino de Deus. Ela, portanto, reflete as tensões da fé da comunidade primitiva e é dessa forma que essa tradição é recebida, independentemente das formas que tenha assumido nas tradições subsequentes.

1.1.1.5 Alterações

Aprofundando mais um pouco sobre as alterações introduzidas por Mateus na oração do Pai-Nosso, pode-se cogitar acerca de algumas possibilidades.

Em primeiro lugar, Mateus, no lugar de começar apenas com a palavra *Pai*, como Lucas, acrescentou-lhe *nosso*, ficando a forma *Pai-Nosso*. Para entender esse acréscimo deve compreender que Mateus é um judeu, e escreve para os judeus, ao passo que Lucas escreve para os gentios.

O povo judeu costumava dar geralmente a Deus o título de *Nosso Pai*, sobretudo, quando começava as suas orações de cada dia. Este título encontra-se várias vezes no Antigo Testamento (cf. Is 63, 16; 64,7; Jr 3,4; 31,9; Ml 2,10; Sl 89,27).

Após a invocação *Pai-Nosso*, os judeus para evitarem qualquer proximidade menos respeitosa com Deus e sublinharem a sua santidade e transcendência, costumavam acrescentar: *que estás nos céus*; como aprendiam na *Mischná Torá*. Nessa *Mischná Torá* é comum encontrar a frase: *Nosso Pai, que estás nos céus*. Portanto, Mateus começou o seu *Pai-Nosso* com esta invocação, para torná-lo mais familiar à mentalidade dos seus contemporâneos judeus.

¹⁹ Cf. BAUER, J.B. *Dicionário Bíblico-Teológico*, p. 295-296.

A segunda alteração que Mateus fez foi de acrescentar, depois das duas primeiras petições, uma terceira: “Seja feita a tua vontade na terra, como no céu” (Mt 6,10b). Como judeu, sabia que, em qualquer oração, era um ingrediente essencial pedir que se cumpra a vontade de Deus na terra como no céu.

Onde se inspirou, para esta fórmula? Muitos pensam que foi no Salmo 135,6: *Iahweh faz tudo o que deseja no céu e na terra...* Ou no Salmo 115,3: *O nosso Deus está no céu e faz tudo o que deseja.*

Mais adiante, Mateus fez uma nova modificação: em vez de *Perdoa-nos os nossos pecados* (Lc 11, 4a), colocou *Perdoa-nos as nossas dívidas* (Mt 6,12).

Essa reformulação é compreensível uma vez que os judeus costumavam exprimir a sua relação com Deus em termos jurídicos. Quando um homem não cumpria os mandamentos, dizia-se que estava “em dívidas” com Deus. Por isso, todo o pecado cometido contra Deus, era uma “dívida” contraída com Ele.

A última variante de Mateus está no final da oração. Enquanto Lucas termina: *Não nos deixes cair na tentação* (Lc 11, 4c), Mateus acrescenta: *mas livra-nos do maligno* (Mt 6, 13b). Essa petição não acrescenta nada novo à anterior: se alguém é protegido para não cair em tentação, logo se depreende que se trata, antes, de um esclarecimento. Exprime pela positiva ao que antes se dizia negativamente.

Pode-se perguntar por que Mateus a inclui? Uma possibilidade é pensar que ele desejava ter a oração com 7 petições, pois, para a cultura judaica, o número 7 exprime a perfeição²⁰. Dessa forma, Mateus teria querido significar que a oração do Pai-Nosso encerra uma totalidade perfeita, da qual não é possível acrescentar nem tirar nada.

1.1.1.6 Estrutura do texto de Mateus

A estrutura do texto de Mateus tem uma configuração bem articulada. Depois da invocação - *Pai nosso* - bíblica e eclesiasticamente entendida, incorpora quem reza à vida íntima da Trindade, porque o Espírito do Filho, enviado pelo Pai é quem invoca a Este “com” e “no” coração do cristão, dizendo: *Abba* (cf. Gl 4,6; Rm 8,15). Para I. Civit, o pronome possessivo – *nosso* – determina a filiação divina da humanidade e a fraternidade na

²⁰ Esse número que exprime a perfeição aparece várias vezes nos seguintes contextos do Evangelho de Mateus: duas vezes sete gerações na genealogia (1,17); sete bem-aventuranças (5,3-10); sete parábolas (13,3-50); dever de perdoar não sete vezes, mas setenta e sete vezes (18,22); sete maldições dos fariseus (23,13-32); sete partes do Evangelho (cf. a Introdução). Com esses detalhes se pode cogitar que talvez tenha sido com objetivo de conseguir sete petições que Mateus acrescentou ao texto básico (Lc 11,2-4) a terceira (cf. 7,21; 21,31; 26,42) e a sétima (cf. 13,9.38).

linha horizontal humana²¹. Depois segue um *quiasmo* formado pelas palavras “que estás *nos céus*” o que já dá forma de estrutura a uma parte, ou seja, delimita a primeira parte *teocêntrica*. Considerando que até a expressão *na terra, como céu* o pronome predominante é a segunda pessoa do singular *Tu* e da expressão *o pão nosso de cada dia dá-nos hoje* o pronome predominante é a primeira pessoa do plural *nós*, se pode dizer que há nitidamente duas partes no texto da oração do Pai-Nosso²². A primeira parte (6,9-10) tem como centro o *Pai* e a segunda parte (6,11-13) tem como centro a comunidade humana.

Como se pode notar, no interior dessa oração descobre-se o esquema: *Tu – nós*: o *nós* eclesial dos crentes (ou da humanidade) dirige-se ao *Tu* do Pai.

A primeira parte se caracteriza pela interpelação ao Pai: *Pai nosso...* (6,9a) seguida de três petições em *Tu*: *santificado seja o teu Nome* (6,9b), *venha o teu Reino* (6,10a), *seja feita a tua Vontade...* (6,10b). Nesta primeira parte a comunidade dos discípulos de Jesus pede com as mesmas palavras do Mestre a revelação da glória de Deus. O esquema coloca em alto relevo os valores supremos do cristianismo: à procura de Deus, Seu Reino, que é a proclamação de Sua Glória e a manifestação da Sua Vontade na terra.

A segunda parte que se caracteriza pelo pronome da primeira pessoa do plural: *nós*; tem quatro petições: *o pão nosso de cada dia...* (6,11), *perdoa-nos...* (6,12), *não nos submetas à tentação* (13a), *mas livra-nos...* (13b). Nesta parte, a mesma comunidade dirige a Deus as petições que respondem às suas necessidades mais básicas: *Pão* para saciar a fome, *perdão* pelos pecados, *proteção* para a fraqueza e *salvação* diante do Maligno.

Por assim dizer, o *Pai- Nosso* é uma oração escatológica como o *maranatha* (1Cor 16,22; Ap 22,7). O seu núcleo central é a petição da *Basiléia* (Mt 4,23) que já agora se atualize. Mas as duas últimas petições mostram que o grito continua a ser sempre a última coisa²³. Quer dizer, colocam quem reza numa precisa perspectiva que tem por objeto o perigo de sucumbir ao assalto final do tentador.

Concluindo se pode dizer que o estudo feito sobre a oração do Pai-Nosso nessa breve exegese permite ao leitor compreender a razão da sua origem, sua perpetuação na Igreja e o seu grau de abrangência na vida do ser humano. Nela se esclarece a união íntima e inconfundível do divino com o humano e do espiritual com o material, do mais sublime ao menos sublime, o eterno e o cotidiano, a causa de Deus e a causa do homem, o interesse de Deus e a preocupação do homem. Tudo isso forma o objeto e o arco-íris dessa oração.

²¹ Cf. CIVIT, I. G. *El Evangelo Segun San Mateo*: volumen primero (1-13), p. 325.

²² Cf. CIVIT, I. G. *El Evangelo Segun San Mateo*: volumen primero (1-13), p. 325.

²³ Cf. JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*: nova edição revista e atualizada, p. 300.

1.1.2 Contatos literários e temáticos entre as passagens de Mt 6,9-13 e 26,39-42

A oração do *Pai-Nosso* (cf. Mt 6,9-13) tem interessantes contatos literários e temáticos com a oração angustiante no Getsêmani (cf. Mt 26,39-42). Também se diz a mesma coisa com relação às bem-aventuranças (cf. Mt 5,1-12). Destarte, a oração do *Pai-Nosso* liga o início e o fim da vida de Jesus. Nela nota-se que a estrutura gramatical das frases é muito curta e concisa. Essa estrutura faz pensar em gritos de socorro em situações de perigo, como se pode cogitar nas duas últimas petições e nas duas tempestades do mar, respectivamente: “não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno” (Mt 6,13), “Senhor, salva-nos, estamos perecendo!” (Mt 8,25); “Senhor, salva-me!” (Mt 14,30).

Hoje, a iminência da cisão interior do homem e a necessidade de libertação são constituintes do grito da comunidade humana. Essa cisão interior do homem e a necessidade de libertação, sem a ação misericordiosa de Deus, afastam-no da lei e da justiça. Quando isso sucede começa a sua história de pecado. Isto é, quando o homem ignora a vontade de Deus e procura viver com total independência para decidir pessoalmente o que é *bom* e o que é *mal*: “vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” (Gn 3,5). Essa é a primeira tentação, e dela fazem eco às outras tentações, às quais o homem está mais facilmente inclinado a ceder por causa dos paradoxos existenciais. Por essa razão, Jesus ensinou a oração do *Pai-Nosso*, aos seus discípulos para se associarem ao Pai com vista a desafiar os limites e vencer as tempestades no mar da vida com dignidade e respeito ao dom da vida.

1.1.3 “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11,1)

Atendendo ao pedido de seus discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos” (Lc 11,1), Jesus confiou-lhes a oração cristã fundamental do *Pai-Nosso*. Mas antes os instruiu sobre o modo de orar por meio de seu exemplo, como em Mateus 14,23 e a orar: com *humildade* diante de Deus (cf. Lc 18,10-14) e dos homens (cf. Mt 6,5-6 e Mc 12,40); mas, com o *coração* do que com os lábios (cf. Mt 6:7); com *confiança* na bondade do Pai (cf. Mt 6,8; 7,7-11); com *persistência* (cf. Lc 11,5-8; 18,1-8); com *fé*, para que seja atendida (cf. Mt 21,22); em seu nome (cf. Mt 18,19-20, Jo 14,13-14; 15,7.16; 16,23-27); para pedir coisas boas (cf. Mt 7,11), tais como: *Espírito Santo* (cf. Lc 11,13); o *perdão* (cf. Mc 11,25); o *bem* para aqueles que perseguem os cristãos (cf. Mt 5,44; Lc 23,34); a *vinda do Reino de Deus* e a *preservação* durante a provação (cf. Mt 24,20; 26,41; Lc 21,36; 22,31-32).

Essa oração não só ensina a pedir, mas ordena também todos os afetos do ser humano. Por meio dela, Jesus concede àqueles que O amam o código da filiação divina (cf. Jo 1,12) e o Espírito pelo qual se tornam filhos de Deus (cf. Rm 8,14). Jesus serviu-se dessa oração porque a oração ao *Nosso Pai* inscreve-se na missão misteriosa do Filho e do Espírito. Esse dom indissociável das palavras do Senhor e do Espírito Santo concede a vida a quem adere ao Seu convite (cf. Mt 19,21).

Na oração do Senhor, segundo L. Boff, encontra-se a correta relação entre Deus e o homem, o céu e a terra, o religioso e o político, mantendo a unidade do mesmo processo. Dado que aquilo que Deus uniu: a causa de Deus (a santificação de seu Nome, seu Reino e sua Vontade) e a causa do homem (o pão de cada dia, o perdão indispensável, a tentação sempre presente e a necessária proteção), ninguém deve separar. Porque uma e outra constituem a realidade implicada na oração do Senhor. Melhor dito, a oração do Senhor tem a ver com grandes questões existenciais do ser humano onde quer que ele esteja. Nessas grandes questões existenciais está o essencial que Jesus ensinou: colocar Deus acima de tudo e de todos e por último o homem em suas necessidades²⁴.

Outro dado muito importante na oração do Senhor é a revelação de Deus como Pai de todos os povos, por isso, Jesus diz: “orai desta maneira, *Pai-Nosso* [...]” (Mt 6,9-13). Aqui é evidente a ação inclusiva de Deus. Deus é Pai de todos e todos são de Deus. Esses filhos de Deus devem crescer em tudo naquele que é a cabeça, Jesus Cristo. É grande o mistério revelado nessa oração do Senhor.

A invocação com a qual se inicia a oração do Senhor - *Pai-Nosso* - descarta a hipótese de Deus ser um Pai exclusivista, isto é, um pai que faz acepção de seus filhos. Por isso, S. George afirma: “antes de qualquer missionário ou igreja chegar ou falar, Deus já está em todos”²⁵. Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em si mesmo, em um desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada. Portanto, em todos os momentos e em todos os lugares, está perto do homem. Ele chama o homem a procurá-lo, conhecê-lo e amá-lo com todo o seu poder. Convoca todos os homens, dispersos pelo mundo, para a unidade de sua família, o povo de Deus.

Quando chegou a plenitude do tempo Ele enviou o seu Filho como Redentor e Salvador da humanidade. Nele e por Ele, Ele convida os homens para se tornarem, no Espírito Santo, seus filhos adotivos e, portanto, herdeiros de sua vida bem-aventurada. Por

²⁴ BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 14.

²⁵ GEORGE, S. K. *Juntos é melhor! Convite ao diálogo missionário*, p.45.

isso, sem receio algum, todos os homens do planeta terra podem se abeirar do orbe de Deus porque Deus contempla a todos os homens com o coração de Pai.

Agora que a humanidade está em contínuo progresso, o homem depara-se com sérios desafios e dificuldades. A família perde gradualmente o poder de educar seus filhos nos bons costumes que os levariam a uma vida fraterna e sã convivência com os demais. Cresce a propensão para o subjetivismo e para o desligamento de qualquer referência: *progenitor* ou *Deus*. O pai é visto como obstáculo para o desenvolvimento e o amadurecimento do filho na passagem da fase juvenil para a fase adulta. E assim, o pai perde cada vez mais a sua importância e, o aspecto mais preocupante é a perda do sentido de Deus. Aquele Deus que sustenta e reconhece a cada ser humano uma dignidade e uma liberdade até então inexistente. Essa situação que vai de mal a pior, torna urgente a reflexão da oração do Senhor para que a mensagem evangélica de fraternidade e de amor que pressupõe um Pai para todos os seres humanos possa chegar a todos e por todos seja ouvida²⁶.

A busca por Deus se faz, concomitantemente, na busca pelo outro: o próximo. Não há peregrinação genuína, rumo ao Pai, que não passe pela mediação do outro. A pergunta de Deus sobre o paradeiro do irmão ecoa na história dos homens de hoje: “Iahweh disse a Caim: Onde está teu irmão Abel? Ele respondeu: Não sei. Acaso sou guarda do meu irmão? Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar para mim” (Gn 4,9-11). Claro que sim! Todos os homens são responsáveis uns pelos outros na grande família de Deus.

1.1.4 “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6)

A Palavra de Deus, encarnada em Jesus Cristo, Filho da Santa Virgem Maria, é a Palavra do Pai, que fala ao mundo por meio do seu Espírito. Jesus remete constantemente ao Pai, de quem se sabe Filho Único, e ao Espírito Santo, do qual se sabe Ungido. Ele é o “caminho” que introduz o homem, no mistério íntimo de Deus (cf. Jo 14,6). A apresentação do ser íntimo de Deus revelado por Jesus, na oração do *Pai-Nosso*, mostrará as implicações vitais para a vida dos seres humanos.

Ao confessar um único Deus significa que o homem não deve submeter-se a própria liberdade pessoal, de maneira absoluta e a nenhum poder terreno. Significa, além disso, que a humanidade, criada à imagem de um Deus que é comunhão de pessoas, é

²⁶ Cf. SVIDERCOSCHI, G. F. *Em busca do Pai*. Um “lugar” para Deus no mundo de hoje, p. 15-23.

chamada a ser uma sociedade fraterna, composta de filhos de um mesmo Pai, iguais em dignidade e direitos.

As implicações humanas e sociais da concepção cristã de Deus são imensas. A Igreja, ao recitar a oração do *Pai-Nosso* e ao anunciá-la ao mundo, se auto-compreende como um povo agregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. *Lumen Gentium*, 4).

Uma concepção que norteia os cristãos é a crença de que todos os seres humanos necessitam de viver juntos em paz e harmonia, sob a proteção e orientação do *Ser Supremo* (Deus). A partir da convivência fraterna iluminada pela Sagrada Escritura conclui-se que Deus sempre entra em contacto com a comunidade humana (povo) com a intenção salvadora.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no capítulo sobre o povo de Deus constata: em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça (cf. At 10,35). Aprouve, contudo, a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão com os outros, mas constituí-los num povo, que O conhece na verdade e santamente O serve (cf. *Lumen Gentium*, 9).

Na intenção salvífica de Deus existe, portanto, o respeito pela comunidade como estrutura da sociedade humana. Por que a salvação não é apenas uma questão individual entre Deus e o homem, mas sim, uma questão da comunidade (cf. Jo 17). Sobre esta visão se estrutura uma vida social que aprecia acima de tudo as relações humanas.

1.1.5 A Boa Nova para a humanidade

A mensagem de Jesus sobre Deus é uma Boa Nova para a humanidade. Jesus, de fato, anunciou o Reino de Deus: uma nova e definitiva intervenção de Deus, com um poder transformador tão grande e até mesmo “superior” àquele que usou na criação do mundo (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 11-14; *Redemptoris Missio*, 12-20). Nesse sentido, como núcleo e centro da sua Boa Nova, Jesus Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que não é somente libertação de tudo aquilo que oprime o homem, mas é, sobretudo, a libertação do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por Ele conhecido, de vê-Lo e de se entregar a Ele com espírito, alma e corpo (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 9)²⁷ que o homem

²⁷ Cf. A oração do Missal Romano, após a primeira leitura na Vigília Pascal.

confessa verdadeiramente que Deus é Pai por excelência, dizendo: “Pai nosso [...]” (Mt 6,9-13).

Ao confessar que Deus é Pai, significa então entender resolutamente a Deus como amor, como diálogo, como amizade e como vida em relação, que ocorre entre um *eu* e um *tu* na comunidade de um *nós* que une a todos e todos se doam reciprocamente (cf. At 2,42-47).

Na oração do *Pai-Nosso* torna-se claro que se o homem desfrutar a vida segundo a vontade de Deus: a vida de Deus nele e a vida d’Ele na humanidade, então, todos os homens serão verdadeiramente seus filhos no Filho.

Segundo L. Boff, é providencial que, no caminho para construir a unidade, a *oração* seja colocada no centro: isso faz lembrar, mais uma vez, que a unidade não pode ser um mero produto da ação humana; deve ser acima de tudo um dom de Deus, que implica um crescimento em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo²⁸. Tais preces comuns são certamente um meio muito eficaz para implantar a unidade: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

A oração é, desde sempre, uma atitude constante dos discípulos de Cristo, que acompanha sua vida diária em obediência à vontade de Deus, como testemunham também as palavras do apóstolo Paulo aos tessalonicenses, em sua primeira carta: “Alegrai-vos sempre, orai sem cessar. Por tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus ao vosso respeito, em Cristo Jesus” (5, 16-18; cf. Ef 6,18).

A oração cristã é por excelência uma experiência filial, como testemunham as palavras do Pai-Nosso, a oração da família - o *nós* dos filhos de Deus - que fala a um Pai comum. Estar em oração implica, portanto, abrir-se à fraternidade. Só no *nós*, se pode dizer: *Pai-Nosso*.

O Pai-Nosso é a oração sublime, cujo conteúdo reporta à glória de Deus e é tão simples por que está ao alcance de todos, visto que, juntamente com a glorificação de Deus, se pede tudo quanto há de mais útil para a humanidade. Pela sua eficácia os Santos repetiram este adágio: *sabe bem viver, quem sabe bem orar*.

Ao terminar se pode dizer que hoje como ontem, o homem tem muita necessidade de rezar com a intimidade filial como Jesus ensinou para que Deus na Sua bondade paterna não o deixe cair na tentação e garanta-lhe a salvação perante o Maligno.

Jesus ao ensinar a oração do Pai-Nosso aos seus discípulos pediu insistentemente para que fosse rezada com perseverança e confiança (cf. Mc 13,33-37; 14,38; Lc 21,36).

²⁸ Cf. BOFF, L. *Graça e experiência humana*, p. 195-203.

Para o efeito, é preciso antes, crer n'Ele, caminho, sem o qual ninguém pode ter acesso ao Pai (cf. Jo 14,6).

Na oração perseverante e confiante, Deus não recusa nada, porque tem diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do mal, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização. Enquanto não se consumar definitivamente a vontade de Deus Pai na terra, urge pedir o seu auxílio para que o homem alcance a verdade e se salve (cf. Jo 8,32).

2 ESTUDO DO PAI-NOSSO NA TEOLOGIA DE LEONARDO BOFF

Na oração do Pai-Nosso se encontram verdades valiosíssimas e inesgotáveis que observadas seriamente são capazes de melhorar o *ser* e o *agir* da pessoa humana e garantir sua comunhão íntima com Deus e com os seus semelhantes. Por isso, a discussão que se segue pretende estudar a oração do Pai-Nosso na Teologia de Leonardo Boff, destacando as implicações das sete petições, quando são assumidas com o Espírito de Jesus (cf. Fl 4,6-7).

2.1 PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS

A oração do Pai-Nosso inicia com uma invocação indissociável à comunhão: *Pai nosso que estás nos céus*. Destarte, se pode cogitar que o Senhor ensinou aos seus discípulos a fazer essa oração com uma intenção de congregar na unidade todo o gênero humano. A intenção de relação recíproca no sentido *vertical* (Deus - Homem) e *horizontal* (Homem-Homem). Visto que Deus não é uma força cósmica, Ele é um Pai por excelência: “Deus é Pai não primeiramente porque é Criador. Antes da criação já era Pai, porque eternamente era Pai do Filho. No filho Ele nos imaginou como seus filhos e filhas, portanto, irmãos e irmãs do Filho. Desde sempre estávamos no coração do Pai. Aqui estão as nossas raízes”²⁹.

Jesus mostra, nessa oração, que o homem ao se dirigir a Deus em espírito e verdade (cf. Jo 4,24) compreende resolutamente quem é Deus para ele e quem ele é para Deus. Porque Deus que é eternamente Pai ao transbordar em amor e vida criativa, criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27), para poder se doar e para ser glorificado, tanto na sua justiça quanto na sua misericórdia. Por isso, Jesus encoraja todos os homens a buscar o Pai, pois Ele é bom e doador de boas coisas (cf. Mt 7,7-11).

²⁹ BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 50.

Segundo L. Boff, quem reza deve inspirar-se sempre no sonho de Jesus e a partir da experiência do mundo, da história do sofrimento e da certeza que a última palavra não é a morte, mas a vida; não é a cruz, mas a ressurreição³⁰. Mas, para que isso aconteça, precisa antes experimentar Deus, isto é, sentir Deus a partir do coração puro e da mente sincera. Experimentar Deus é sentir Deus com a totalidade da humanidade. Experimentar Deus não é falar de Deus aos outros, mas falar a Deus junto com os outros.

Tal como uma senha de acesso, o *Pai-Nosso*, ensinado, aprendido e tornado público, é o sinal de unidade e reconhecimento de irmandade e filiação de todos os filhos de Deus. Essa consciência afirma-se no pedido de um dos discípulos de Jesus: “Senhor ensinanos a orar” (Lc 11,1). Em nome de todos, ele pediu ao Mestre uma oração que se tornou vínculo e sinal de pertença à família de Jesus, por que ela exprime o núcleo do pensamento e do conteúdo da Boa Nova de Jesus.

2.1.1 Falar a Deus junto com os outros

Para falar a Deus junto com os outros, o homem deve, incondicionalmente, apartar-se das “vicissitudes do mundo”³¹ e aproximar-se de Deus. Ora, nada produz melhor esse feliz resultado que a elevação da alma a Deus pela oração: para pensar n’Ele, na Sua glória e para amá-lo. Para o efeito, o homem é aconselhado a sair de si mesmo e esquecer os vínculos que lhe prendem na terra. E, uma vez perto de Deus e unido a Ele pela intimidade do trato, as suas infinitas perfeições, as suas amabilidades, e à vista dos bens celestes acaba desprendendo a alma das amargas preocupações do mundo que o retardam a buscar Deus. Assim, vai aperfeiçoando a sua união com Deus até um dia se tornar uma pessoa perfeita (cf. 1Pd 1,16).

Para que isso aconteça, a fé é indispensável. Dado que por meio da fé (cf. Rm 1,5; 16,26; cf. 2 Cor 10,5-6) o homem entrega-se todo ele a Deus livremente, oferecendo a Ele o obséquio pleno da inteligência e da vontade e prestando voluntário assentimento à sua Revelação. Para prestar essa fé, é necessária a graça divina que se antecipa e continua a ajudar, e o auxílio interior do Espírito Santo. É esse que aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os seus dons.

³⁰ Cf. BOFF, L. *Via - sacra*: Para quem quer viver, (contracapa).

³¹ As famosas vicissitudes, segundo Mahatma Gandhi, são: *política sem princípios, riqueza sem trabalho, prazer sem consciência, conhecimento sem caráter, comércio sem moralidade, ciência sem humanidade e culto sem sacrifício*.

Deus que se inclina para o homem, a fim de escutar as suas preces e conceder-lhe graças abundantes: quanto mais o homem se esforça por lhe prestar o obséquio religioso da fé, tanto mais Ele se ocupa em santificar a alma que trabalha pela sua glória.

Segundo L. Boff, Deus concede a vontade, a força e a constância a quem tem necessidade dos bens do alto para não querer nem amar senão o que é digno de o ser. Pela oração o homem fala a Deus e Deus reciprocamente fala ao homem; visto que a vida dolorosa do Filho de Deus e dos seus irmãos pelos tormentos do mundo tem um sentido certo quando estes tendem a transformar-se em Deus, isto é, fazendo-se participar dos seus pensamentos e perfeições (cf. Mt 5,48)³².

Não é sem sentido que Jesus revelou Deus como Pai. Pois, ele o chamou de Pai o tempo todo e ensinou aos seus discípulos a orar chamando-o de *Pai*, *Abbá*³³ no aramaico, traduzido como *paizinho*. Paulo falou que o Espírito Santo confirma no íntimo do discípulo essa relação filial quando, pela fé, clama *Abbá* (cf. Rm 8,15). É para esse tipo de relacionamento que Deus estabeleceu com a humanidade em Cristo Jesus.

Leonardo Boff ressalta que quando se invoca Deus como Pai; nessa invocação emergem experiências originárias e desejos arcaicos de aconchego, de colo acolhedor, de misericórdia e de amor incondicional. Esse afeto se funda não a partir de um sujeito moral abstrato ou em leis e separações, mas em inclusões e na teia de relações que tudo conecta e ordena com cuidado e respeito. Assume-se, pois, os seres humanos existentes em suas relações reais de subordinação, dependência, opressão e que clamam por libertação concreta. Esse afeto inclusivo é um processo de resgate da vida na medida em que todos têm acesso igualitário e legítimo aos meios da vida e às condições que permitem o florescimento das potencialidades humanas.

Essa paternidade de Deus é tão terna e familiar que Deus emerge verdadeiramente como *Pai*. É evidente que essa misteriosa revelação da paternidade de Deus começa no AT: da idéia de criador, passando pela de providência, chega à compreensão de afeição que Deus dá ao seu povo. Primeiro aconteceu que Israel, como povo, tinha consciência de ser tratado como filho amado (cf. Ex 4,22-23) para então reconhecer Deus como pai o que não entrava muito na mentalidade dos hebreus. O termo ‘pai’ aplicava-se a Deus no AT (cf. Jr 3,19; Ex 4,22; Dt 14,1; Os 11,1), mas o seu sentido era muito diferente, pois o ‘pai’ na cultura judaica era antes de tudo uma figura autoritária³⁴.

³² Cf. BOFF, L. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*, p. 38-39.

³³ Cf. COENEN, L; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia Do Novo Testamento*. 2 vol., p. 1449.

³⁴ Cf. MATEOS, J; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 72.

Há, entretanto três idéias da paternidade que estão presentes no AT: 1) um pai que dá a *vida*, 2) um pai que *educa* e 3) um pai que *ama*³⁵. Mas é sabido que o Antigo Testamento aplicou poucas vezes o título de *Pai* a Deus e, no Novo Testamento nenhum judeu tinha dado muita importância a essa paternidade de Deus. Mas, por Cristo, com Cristo e em Cristo, veio à tona a verdade absoluta, segundo a qual Deus é essencialmente *Pai*, como também é *Amor* (1Jo 4,8). Essa verdade é tão profunda e contagiante que João chegou a dizer que a finalidade da encarnação do Verbo de Deus é de dar aos homens “o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que crêem em seu nome” (Jo 1,12).

Esse *Pai* revelado por Jesus é o *Abba*’ (cf. Mc 14,36; Rm 8,15; Gl 4,6) a quem se deve depositar toda a confiança e esperança porque para Ele tudo é possível. Mas é preciso que o homem que sabe ser filho, viva fazendo o bem, deleite-se n’Ele, entregando todos os seus projetos de vida (cf. Sl 37,3-7, 9, 11).

Fazendo-se um paralelo com Mt 5,16 pode-se perceber que o Pai não é paternalista. Por isso, todo o filho deve fazer a sua parte à luz da conduta do Pai que guia os filhos (cf. Mt 5,48).

Quem são os filhos do Pai? A resposta comum é: são os batizados. Preste atenção ao que diz a passagem de Mateus: “desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (5,45). Uma confirmação minuciosa desse fato foi transmitida aos Apóstolos pelo Senhor ao confiar-lhes a expressão familiar dirigida a Deus: *Abbá*. De acordo com os Evangelistas e São Paulo, essa expressão aparece 172 vezes no NT (4 vezes em Marcos; 15 vezes em Lucas; 42 vezes em Mateus; 109 vezes em João, 1 vez em Rm 8,15 e 1 vez em Gl 4,6). Essa expressão está sob o grande arco-íris da incomensurável bondade e ternura de Deus como *Pai querido*. Jesus não apenas invoca a Deus como seu Pai (*meu Pai*), ensina também aos seus discípulos e a todos que O acolhem a invocar Deus como Pai, isto é, *nosso Pai (Pai-Nosso)*.

2.1.2 Pai-Nosso

O pronome possessivo - *nosso* - exprime a nova relação dos discípulos de Jesus com Deus, que não é somente individual, mas comunitária³⁶. Convém lembrar aqui a *personalidade corporativa* que era freqüente nos salmos. Mesmo quando aparece o pronome

³⁵ Cf. CARMIGNAC, J. *Recherches sur le Notre Père*, p. 56.

³⁶ Cf. TERRA, J. E. M. *Releitura judaica e cristã da Bíblia*, p. 78; PAGOLA, J. A. *Pai-Nosso: orar com o Espírito de Jesus*, p. 18-19.

singular da primeira pessoa – *eu* – quem está rezando é o povo de Deus. É o grupo, ou todo o povo, que está agindo, ou rezando como uma só pessoa. Esta *Personalidade Corporativa* se compreende a partir de três perspectivas: **A)** Estende-se do passado ao futuro (cf. Gn 25,8; I Sm 25,1; Jr 31,15; Am 3,1). **B)** Caracteriza-se por um ‘realismo concreto’: não parece tratar-se de uma personificação literária, mas de um só ser [a imagem do povo como esposa (cf. Ez 16 e 23); o povo como um ‘filho do homem’ (cf. Dn 7, 13.27)]. **C)** Apresenta uma notável flexibilidade, pois de um lado o indivíduo pode perder-se na coletividade, de outro lado toda a coletividade pode-se resumir no indivíduo. A nação inteira é realmente representada (isto é, torna-se presente) numa minoria (o ‘Resto de Israel’), ou numa só pessoa (o Rei, um profeta, um sacerdote, um leigo eminente como Neemias).

2.1.3 Que estais nos céus

A expressão - *que estais nos céus* - indica a imanência e transcendência de Deus e não o afastamento: *nos céus* Deus a todos contempla e *na terra* acompanha a cada ser humano na sua situação concreta. Serve também para distinguir o *Pai celeste* do *pai biológico*.

Leonardo Boff acrescenta:

Deus Pai não está ligado a lugares sagrados, nem a uma raça. Nem encontra sua presença apenas no Templo, nem em Sião, nem no Sinai, nem nas montanhas, nem no deserto. Ele está para além de tudo, mas cobrindo tudo, e tudo penetrando, oferecendo a sua bondade paternal a todos. Em seguida, se visa sublinhar a radicalidade do Pai. Ele não tem concorrentes, nem os pais da fé e do povo, nem os pais terrenos. Antes, pelo contrário, toda paternidade no céu e na terra provém dele (cf. Ef 3,14). Como diz o próprio Filho Jesus: “Um é o vosso Pai, o celeste” (Mt 23,9)³⁷.

O fato de o Pai estar *nos céus* tem um significado muito importante para aqueles que o adoram em espírito e verdade. Toda a expressão - *que estais nos céus* - denota o fato de Deus estar acima de tudo o que existe na terra e revela que Ele é soberano sobre tudo o que existe e, o seu entendimento sobre tudo o que acontece e existe ao longo da história é elevado e está acima do alcance da razão puramente humana. De fato, Ele mesmo disse: “Quanto os céus estão acima da terra, tanto meus caminhos estão acima dos vossos caminhos, e meus pensamentos acima dos vossos pensamentos” (Is 55,9). Com essa afirmação, compreende-se que Deus é alguém que não somente sabe mais do que o homem,

³⁷ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 43.

mas sabe melhor o que deve ser feito a respeito da situação existencial do homem. Ele conhece profundamente cada homem e entende muito as razões das suas orações.

Essa verdade contagiante faz com que todos os seres humanos, independentemente de pertencer ou não a uma religião estejam de “comum acordo” que Deus é soberano sobre todas as criaturas. E todos, direta ou indiretamente O procuram, cada um seguindo o caminho que lhe convém³⁸.

Concluindo se pode dizer que a invocação de Deus como “Pai nosso que estás nos céus” visa sublinhar a radicalidade da sua bondade paterna no céu e na terra. Visto que Ele está acima de tudo e considera a todos os homens que povoam o planeta-terra como seus filhos. Por isso, o seu amor cobre e penetra a todos sem nenhuma acepção³⁹.

2.2 SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Na primeira petição do *Pai nosso* está nitidamente presente o *segundo Mandamento da Lei de Deus*: não se deve desonrar o Santo Nome de Deus. Ao dizer: “Santificado seja o teu nome”, pede-se, na realidade, que Ele seja santificado por todos os homens que povoam o planeta-terra, sem nenhuma acepção (aqueles que já O santificam quanto àqueles que Deus ainda os aguarda com a sua graça). Procedendo desse modo, todos estariam a observar igualmente outro preceito evangélico, que é de rezar por todos, mesmo pelos inimigos (cf. Mt 5,44).

Pelas maravilhas que o Santo nome de Deus representa e opera na humanidade, urge que Ele mesmo tome na mão a santificação do seu nome, que Ele proteja o admirável mistério da sua invocabilidade para o homem e que sempre Ele mesmo se restaure da desfiguração humana. Esta petição representa para o homem um exame de consciência sobre a sua relação com Deus.

2.2.1 O misterioso nome de Deus

O nome de Deus como Pai, antes, a ninguém fora revelado. Mesmo a Moisés, que perguntara a Deus seu nome, outro nome lhe foi dito (cf. Ex 3,13-15). Quem o revelou foi o Filho. É preciso que haja o nome do Filho, para que seja revelado o nome do Pai. O Senhor Jesus disse: “Vim em nome de meu Pai” (Jo 5,43). E ainda: “Pai, glorifica o teu nome” (Jo

³⁸ Cf. COSTA, J. M. *Provas da Existência de Deus*, p. 32.

³⁹ Três motivos pelos quais Deus não faz acepção de pessoas: “Deus é amor” (1 João 4, 8), a sua misericórdia é infinita (cf. Jr 3, 22-23) e todas as pessoas são justificadas pela graça (cf. Rm 3, 23-24).

12,28). E ainda mais claramente: “Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste” (Jo 17,6).

Eis o que se refere à glória de Deus: que o nome de Deus *seja santificado*. Não que caiba aos homens desejar o bem a Deus, como se alguém lhe possa dar qualquer coisa. Ou que Deus passe necessidade quando os homens não lhe prestam *louvor, gratidão e reconhecimento*. Mas é muito conveniente que Deus seja bendito, pelos homens, em todo tempo e lugar.

Destarte, é graças a esse nome que os escolhidos são santificados e os demais, sem mérito algum, recebem os mesmos benefícios. Por isso, todo o homem que se reconhece como criatura de Deus, com temor e tremor deve louvar a Deus. Pois, nem os anjos em torno de Deus não cessam de proclamar: “Santo, Santo, Santo, Senhor, Deus Todo-poderoso, Aquele-que-era, Aquele-que-é e Aquele-que-vem” (Ap 4,8).

É digno de ser santificado o Santo Nome de Deus por que no silêncio da sua eternidade, irrompeu em seu amor, fazendo tudo nascer de seu coração (cf. Gn 1,1-31). Criou os céus, a terra, os mares e as galáxias, e Ele está aí, a passear por todo o universo nos astros e planetas e, na imensidão de sua grandeza, passeia também bem por dentro de cada coração humano, feito à sua imagem e semelhança, revelando-se como se deu a conhecer a Moisés: “Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” (Ex 3,6). Por tudo o Deus é e faz para o inteiro gênero humano que povoa a terra é impossível que o homem permaneça indiferente. Por isso, o primeiro passo que manifesta a sua gratidão é a santificação do nome de Deus: pela oração e pelo cumprimento dos seus Mandamentos.

2.2.2 Santificado seja...

A Deus o homem pode pedir tudo quanto pode desejar, mas acima de tudo deve estar em primeiro lugar a *glória de Deus*: a santificação do seu Nome (isto é, reconhecido e proclamado santo)⁴⁰. Quando se diz: *santificado seja o teu nome*, o desejo maior é que Ele seja santificado nas suas criaturas (cf. Sl 8). Assim orando, o homem deseja, por um lado, que Deus revele continuamente a santidade do seu caráter e, por outro, que Deus o capacite para reconhecer a sua santidade e entender melhor o seu mistério para Lhe prestar toda a reverência que merece.

⁴⁰ Toda a oração começa com gratidão, louvor e reconhecimento da grandeza, excelência e majestade de Deus (Sl 8; 100 (99); Ap 4,8-11).

Quem entende melhor essa expressão, não pode desejar que o nome de Deus seja santificado para alguns e não para outros porque Deus não faz acepção das suas criaturas (cf. Rm 2,11). Deus, sendo o ser mais elevado, perfeito em tudo, eterno, infinito e mais belo acima de tudo, é impossível contemplar realmente quem Ele é sem louvá-lo.

Jesus ao revelar a essência de Deus à humanidade ensinou que Ele é Pai. E revelou que todos aqueles que de joelhos confessarem que Ele é o Senhor podem se dirigir ao Pai como filhos no Filho. Também deu a conhecer que Deus é soberano e é elevado acima de todos os seres e realidades que se podem imaginar. E, fez saber que a oração tem uma estrutura lógica e conseqüente: começa com a *causa de Deus* (cf. Mt 6,9-10) e termina com a *causa do Homem* (cf. Mt 6,11-13). Quando se fala da causa de Deus está em primeiro lugar à *exaltação do seu nome*. Por que a salvação da humanidade deve ao fato de depositar a fé no nome de Deus (cf. At 4,12). Este desejo de santificação do nome de Deus está explicitamente presente em toda a Sagrada Escritura e na “ética cristã”⁴¹.

Uma das melhores sínteses da *santificação do nome de Deus* está contida no Sermão da Montanha (Mateus, Cap. 5- 7). Nesse Sermão, Jesus define a conduta de quem *glorifica e santifica o santo nome de Deus*. Essa *conduta* é uma condição sem a qual não se pode chegar à plena comunhão com Deus e com os irmãos: *humildade, mansidão, misericórdia, integridade, busca da justiça e da paz, do perdão e da verdade, da generosidade e acima de tudo o amor*. A moralidade deve ser tanto externa como interna: *sentimentos e intenções* (cf. Mt 5,28).

Aquele que viola essa síntese e não abre o seu coração para que a vontade de Deus seja feita, não santifica *o santo nome de Deus* e não pode estar em *comunhão* com Deus. Porque um coração sem Deus é um terreno fértil para todo o tipo de maldade (cf. Mc 7, 21-23).

2.2.3 O teu nome

Considerando a oração-modelo, ensinada por Jesus Cristo, ela começa assim: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome” (Mt 6,9). Mais tarde, Jesus orou a

⁴¹ A *ética cristã* é a ciência da conduta humana que se determina pela conduta divina. Entende-se por *ética* a ciência da moral ou dos valores que têm a ver com as normas sob as quais o indivíduo e a sociedade vivem. Entre os motivos que devem impulsionar as pessoas em sua conduta está a imitação de Cristo (cf. Rm 15, 5; Gl 2, 20; Ef 5, 1-2; Fp 2, 5). Outro motivo fundamental é o amor (cf. Rm 12, 9-10; I Co 13, 1-13; 16, 14; Gl 5, 6). O viver ético é sempre o fruto do Espírito (cf. Gl 5, 22-23). Na sua argumentação ética, Paulo dá ênfase ao bem-estar da comunidade, o corpo de Cristo (cf. Rm 12, 5; I Co 10, 17; 12, 13 e 27; Ef 4, 25; Gl 3, 28). Ao mesmo tempo, ele valoriza o indivíduo, o irmão por quem Cristo morreu (cf. Rm 14, 15; I Cor 8, 11; I Ts 4, 6; Fm 16).

Deus: “Pai, glorifica o teu nome”. Em resposta, veio então, uma voz do céu: “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente” (Jo 12,28). Obviamente, o nome de Deus é de máxima importância.

Segundo Mateos e Camacho “o nome é semitismo que designa a pessoa enquanto é designável, ou seja, segundo um aspecto que a caracteriza; supõe, portanto, a manifestação, que no caso de Deus, realiza-se por sua atividade na história”⁴².

Leonardo Boff afirma que o nome de Deus define o Seu *Ser* e o Seu *Agir*, isto é, designa a pessoa e a natureza íntima de Deus, ou melhor, dito, responde às perguntas: como Deus é? Qual é a sua natureza? Como age Deus? Conhecer o nome de alguém significa conhecer a própria pessoa (cf. Nm 1,2-42; Ap 3,4; 11,34). Ao revelar o seu nome, Deus se comunica a si mesmo ao homem estabelecendo a ponte de mútua inserção do homem em Deus e de Deus no homem⁴³.

No nome de Deus estão presentes as suas principais características (atributos), a saber: 1) a *Onipotência*: poder absoluto sobre todas as coisas; 2) a *Onipresença*: poder de estar presente em todo lugar e 3) a *Onisciência*: poder de saber tudo⁴⁴.

O nome de Deus deve ser invocado, pois está escrito: “celebrai a Iahweh, invocai o seu nome, anunciai entre os povos as suas façanhas” (Sl 105,1). E no livro de Êxodo está escrito: “Prestai atenção a tudo o que vos tenho dito, não farei menção do nome de outros deuses: nem se ouça da vossa boca” (23,13). Sem dúvida alguma, Deus ordena que seu nome seja adorado e glorificado como único Deus verdadeiro. Pela fé, o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. E com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento ao Deus que se revela. A Sagrada Escritura chama essa resposta do homem a Deus de “obediência da fé”. Então, a fé é a resposta do homem à revelação divina. Deus quis se comunicar, dar-se a conhecer, para convidar os homens a participar da vida divina. Por meio da Igreja, a revelação divina chega aos homens. No ato de crer se manifestam a confiança, a obediência e a entrega. Essa resposta do homem se pode ver nas atitudes dos grandes personagens da Sagrada Escritura, como Abraão, que, ao receber o convite de Deus, respondeu positivamente (cf. Gn 12,1-4); também a Virgem Maria escutou o anúncio do Anjo e obedeceu (cf. Lc 1,38). A resposta do homem (fé) se fundamenta na autoridade de Deus, que revela a si mesmo. Deus não se engana nem ao homem engana; sua autoridade é a

⁴² MATEOS, J; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 73.

⁴³ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 59-60.

⁴⁴ Essas características foram reveladas aos homens através de textos contidos nos Livros Sagrados, a saber: o *Bagavadguitá*, dos hinduístas; o *Tipitaka*, dos budistas; o *Tanakh*, dos judeus; o *Avesta*, dos zoroastrianos; a *Bíblia*, dos cristãos; o *Livro de Mórmon*, dos santos dos últimos dias; o *Alcorão*, dos islâmicos; o *Guru Granth Sahib* dos sikhs; o *Kitáb-i-Aqdas*, dos bahá'ís.

autoridade da verdade. Com a revelação do seu nome se dá a conhecer, acima de tudo, o seu mistério, no qual o homem encontra a salvação.

Nessa petição, se depreende que Jesus sublinha a honra de Deus entre os homens. Essa honra de Deus consiste na glorificação do Seu nome (cf. Jo 17,4) e na Sua reconhecida e respeitada santidade. A oração perseverante e confiante que o Senhor ensinou é um dos veículos indispensáveis para que Deus seja reconhecido, pelos homens, quem Ele é (cf. Jo 17,6). Desse reconhecimento se espera que os homens se disponham a acolher “o Reino de Deus”⁴⁵.

2.3 VENHA O TEU REINO

O homem é livre para escolher em que colocar seu coração. Pode correr atrás das coisas materiais e do dinheiro, poder ou buscar a Deus e as coisas espirituais, mas não pode fazer duas coisas ao mesmo tempo. Os que põem Deus em primeiro lugar podem estar certos de que Ele conhece todas as suas necessidades e que não deixará de provê-las, por isso, não devem preocupar-se. Contudo, não deixem nunca de rezar e de discernir o que é digno de ser aceito segundo a vontade de Deus. Isto é, procurar sempre seguir o caminho certo que conduz à instauração do Reino de Deus na terra e à certeza da vida eterna.

2.3.1 O Reino de Deus

O Reino de Deus não é um território ao qual o mal teria direito de acesso livre. A idéia do reino é inseparável da noção de soberano. Segundo Yves de Montcheuil para compreender a idéia do reino, é preciso antes, entender o que é para os judeus a noção de reino. Para eles o reino é de origem sobrenatural: o rei é o representante da divindade, que deriva seu domínio soberano, mas, além disso, ele é protetor e senhor dos pobres e dos oprimidos. A missão do rei é de instaurar um reino perfeito onde a justiça, o direito e a proteção são garantidos para todos, especialmente para pobres e oprimidos⁴⁶.

O que vale para o rei vale para os deuses. Entre os hebreus era assim também. O Deus de Israel era o protetor dos fracos. Pois, Deus é incorruptível e não tem nada de um magistrado venal (cf. Dt 10,17-18). Deus é o protetor de todos os seres por Ele criados,

⁴⁵ É o governo de Deus. Deus é a fonte de toda autoridade. Ele é o rei absoluto do universo por direito inerente, por ser seu criador, dono e sustentador. Ele é a autoridade suprema sobre tudo que existe, sobre o que é visível, e o que é invisível, sobre a criação, os anjos, a humanidade, a história, as nações e os eventos futuros (cf. Sl 93,1-2; 97,1-2; 99,1; 145,13; 146,10; Hb 1,3).

⁴⁶ Cf. DUPONT, J. *Le Beatitudini*, p. 578-579.

principalmente os sem defesa. Ele é justo juiz. Um sinônimo muito significativo de fazer justiça é amar⁴⁷.

A situação crítica de Israel fez dele um oprimido, um pobre e por isso Deus se tornou o seu defensor (cf. Sl 76): os órfãos, as viúvas e solitários encontraram uma família (cf. Sl 68,6-7). Pois Deus se tornou seu pai. Deus cumpre obras de justiça e juízo por todos os oprimidos (cf. Sl 103,6). Faz juízo do pobre (cf. Sl 140,13). Deus socorre quem n'Ele se apóia (cf. Sl 146).

Segundo L. Boff o Reino de Deus é um projeto de humanização do mundo no plano da salvação divina que vai acontecendo no anúncio da Boa Nova do enviado de Deus⁴⁸. O Reino de Deus, em Jesus, impulsionou o seu agir, de modo que para estabelecer a vontade do Pai, relativizou a lei e os costumes: curou em dia de sábado (cf. Mc 1,29-31). Enfrentou as autoridades religiosas e políticas e alertou o povo sobre seus interesses em buscar fama de santidade, que na verdade querem dominar e oprimir: são hipócritas (cf. Mt 23,25). Como o próprio Deus que tomou partido daqueles que ninguém se preocupava, Ele vê, ouve, conhece, desce até a pessoa e a toca, realizando, assim, a libertação para o marginalizado, a criança, a mulher, o doente e o pobre (cf. Ex 3,7; Lc 5,12-32). Põe-se ao lado dos marginalizados da sociedade, oferece aos oprimidos um caminho de libertação: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8,11); tira o espírito maligno que atrapalha as boas relações (cf. Mc 5,1-20). Sua solidariedade com os excluídos levou-lhe ao ponto de tomar como sua a causa deles: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40); em nome deles apela à solidariedade humana para que acabe com a injustiça. Nos gestos de Jesus se concretiza a Boa Nova e a esperança para aqueles que viram sua dignidade roubada e foram excluídos do convívio social. Nele, os mais infelizes podem se alegrar e esperar, porque para eles também desponta o sol que não conhece ocaso; irrompe o tempo da libertação.

É grande este mistério, mas deve ser incondicionalmente anunciado aos quatro cantos do mundo para que homens e mulheres de todas as gerações e lugares cheguem ao conhecimento da verdade e se salvem. Porque Deus que é o soberano amante da vida (cf. Sb 11,24-26) não permite que a vida e o mundo, assumidos pelo Verbo, desapareçam da história.

⁴⁷ Cf. DUPONT, J. *Le Beatitudini*, p. 602.

⁴⁸ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 71.

O pensamento de L. Boff sobre o Reino de Deus que se apresenta como um projeto de humanização do mundo no plano da salvação divina é acolhido por G. Gutiérrez nessa lógica pragmática:

O Reino de Deus implica uma exigência de comportamento. O discípulo de Jesus que aceita o dom do Reino responde a ele com uma conduta determinada. É a dimensão ética do Reino. Convertam-se: esta exigência acompanha o dom do Reino e gera uma nova atitude para com Deus e o irmão. A conversão supõe uma ruptura, mas, significa, sobretudo, empreender o caminho novo, sempre novo: “Creiam na Boa Nova”⁴⁹.

Enquanto houver alguém gritando no mundo - diz L. Boff - seja mulher, criança, doente ou pessoa discriminada, sempre tem sentido, a partir da fé, falar e atuar de forma libertadora porque o Reino de Deus se instaura na terra com diversas ações: os que partem em missão (cf. Mt 28,19s), os que rezam, os que trabalham e os que partilham os bens (cf. At 2.42-47)⁵⁰.

De fato, L. Boff está convencido de que o Reino de Deus se instaura na terra com a colaboração direta de homens e mulheres de boa vontade. Esses homens e mulheres devem estar dispostos a sacrificar o luxo, o emprego, a família e a si mesmos para lutar pelo bem de todos⁵¹.

2.3.2 O Reino de Deus se instaura na terra com humildade e obediência

Jesus, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um Deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até à morte sobre uma cruz (Fl 2,6-8).

A condição inicial de Jesus Cristo, que dá origem e alimenta o hoje do Seu compromisso, o trajeto de oblação, de entrega, de descida e de amor pela humanidade, levou-O a assumir a identidade humana, em tudo, exceto no pecado. Ele veio a confirmar o quão amava a humanidade com o mistério da Sua paixão e morte como oferenda que pleniza o Seu projeto de caridade a favor de todo o povo. Não apenas a favor dos amigos, ou dos bons, mas em benefício de todos, bons e maus, amigos e inimigos.

⁴⁹ GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*, p. 137.

⁵⁰ Cf. BOFF, L. *Deus acredita em todos os seres humanos*.

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514475-deus-acredita-em-todos-os-seres-humanos-entrevista-especial-com-leonardo-boff>. Acesso em: 05 de Março de 2014.

⁵¹ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 65.

Olhando para o Cristo ressuscitado o cristão, contudo, confessa-se um profeta do sentido (verdade) e um inimigo de todo o absurdo. A história pode ser profundamente transformada e o homem degenerar para um suicídio coletivo, mas em Jesus ela atingiu sua meta e realizou já seu ponto Ômega. Esse dado faz com que ele possa esperar contra toda a esperança⁵².

Impõe-se que o homem de hoje se volte novamente para Cristo, a fim de obter dele a resposta sobre o que é bem e o que é mal e o que fazer diante do “absurdo”. Ele é o Mestre, o Ressuscitado que possui em Si a vida e que sempre está presente na sua Igreja e no mundo. É Ele que desvenda aos homens a vontade do Pai e ensina a verdade sobre o agir moral. Dado que, Ele é fonte e vértice da economia da salvação, Alfa e Ômega da história humana (cf. Ap 1, 8; 21, 6; 22, 13), revela a condição do homem e a sua vocação integral. Por isso, o homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente - não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios e medidas do próprio ser - deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Deve, por assim dizer, entrar n’Ele com tudo o que é em si mesmo, deve apropriar-se e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. Se no homem se atuar esse processo profundo, então ele irá produzir frutos, não somente de adoração a Deus, mas também da luta pela justiça social e da libertação integral de “todos os homens e do homem todo” (Paulo IV), especialmente dos mais necessitados.

Segundo L. Boff, a atitude fundamental para a construção do Reino de Deus há de ser a de Cristo: “Eis que eu vim para fazer tua vontade” (Hb 10, 9). A busca permanente da vontade do Pai imprime um novo caráter e uma nova dinâmica a quem se interessa por construir um mundo digno e querido pelo Pai, onde reina a fraternidade, a verdade, a justiça e a paz. Esse é o exemplo que Jesus Cristo deu aos seus discípulos. Ele não se refugiou na intimidade com o Pai. Mas essa intimidade o impulsionou a comprometer-se com todos os interesses do Pai. Ele se entregou plenamente para a construção do Reino de Deus: o anunciou e deu testemunho, o instituiu e semeou-o nas almas dos discípulos, e por ele sofreu e morreu na cruz. Essa intimidade inquestionável de Jesus com o Pai e o seu comprometimento com todos os interesses do Pai deve impulsionar a Igreja e aos homens e mulheres de boa vontade para uma revolução absoluta redefinindo as relações do ser

⁵² BOFF, L. *A nossa ressurreição na morte*, p. 21.

humano com Deus, com os outros, com a sociedade (opção preferencial: os pobres) e com o universo⁵³.

Os primeiros beneficiários dos bens do Reino de Deus devem ser preferencialmente os pobres, por que, segundo C. Mesters, Jesus inaugurou o Reino de Deus colocando-se ao lado dos pobres, oprimidos e excluídos pelas elites da sociedade do seu tempo⁵⁴.

A instauração do Reino de Deus e a restauração da dignidade dos pobres, oprimidos e excluídos, constituem desafios permanentes para o inteiro gênero humano, especialmente para os pobres e para todos aqueles que se colocam ao lado dos pobres, fazendo-se tudo para todos para que se construa uma sociedade na qual não haja pobres, mas, que todos tenham o suficiente e decente para viver. Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade da pessoa humana, o Documento de Aparecida coloca no eixo da opção preferencial os pobres e excluídos⁵⁵.

Leonardo Boff nas suas reflexões revela que a experiência do Reino de Deus coloca o ser humano no centro e numa dinâmica de vida e de sentido orientado por Deus, pois Ele é “o sentido do mundo, reconciliado e transfigurado, eis o que a expressão Reino de Deus quer significar”⁵⁶. A *experiência* é, então, a porta para conhecer Deus e pedir a vinda do seu Reino, ainda que ela não apreenda a totalidade do Mistério que é Deus e permanece Deus, pois “Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas” (1 Jo 3,20).

Ao longo de milhares de anos da história da humanidade, a busca de Deus, por parte do homem, tem tomado muitos rumos. O resultado é essa enorme diversidade de expressões religiosas que se vê no mundo todo. Nessa esteira de busca de Deus, uns seguem o animismo, a magia e o espiritismo e outros seguem o islamismo e o cristianismo. Com essa fascinante busca de Deus verdadeiro, torna-se evidente que o homem se deu conta que sem Deus sua existência não tem sentido. Pois, onde a existência do homem não tem sentido, não se pode implantar o Reino de Deus. Por que o Reino de Deus, segundo L. Boff, começa quando as pessoas aderem a esse anúncio esperançador e assumem a ética do Reino: o amor incondicional, a misericórdia, a fraternidade sem fronteiras, a aceitação humilde de Deus que habita com o homem como Pai de infinita bondade⁵⁷.

⁵³ BOFF, L. *A tradição de Jesus versus a religião crista*.

Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/10/13/a-tradicao-de-jesus-versus-a-religiao-crista>. Acesso em: 05 de Março de 2014.

⁵⁴ Cf. MESTERS, C. *Um projeto de Deus: a presença de Deus no meio do povo oprimido*, p. 37.

⁵⁵ Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*, n. 391-398.

⁵⁶ BOFF, L. *Experimentar Deus*, p. 113.

⁵⁷ Cf. BOFF, L. *O cristianismo em poucas palavras*. Disponível em: <http://www.brasilefato.com.br/node/26020>. Acesso em: 05 de Março de 2014.

Concluindo, se pode dizer que para L. Boff o Reino de Deus não é obra imprevisível de Deus, é uma visão do que o homem pode fazer em sua própria existência.

2.4 SEJA FEITA A TUA VONTADE NA TERRA, COMO NO CÉU

Aceitar a vontade de Deus é o primeiro passo para que a oração seja recebida e plenamente atendida: essa aceitação gravita no acolhimento da Sua Palavra. Eis o que diz Jesus: “Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vós o tereis” (Jo 15,7). Portanto, é necessário que a vontade do homem se submeta à vontade de Deus (cf. Lc 22,42). Isso exige a renúncia da vontade egoísta do homem para dar lugar à vontade de Deus. Ainda que isso implique muitos sacrifícios, quando o homem se submete incondicionalmente a Deus, descobre que Sua vontade é boa, perfeita e agradável (cf. Rm 12,1-2).

2.4.1 Seja feita a tua vontade...

A frase formula novamente a anterior (venha o teu reino). O termo ‘*vontade*’ inclui dois momentos, a *decisão* e a *execução*, a que correspondem às especificações ‘*na terra, como no céu*’⁵⁸.

Quando se fala da vontade de Deus, refere-se àquela vontade que vem do reconhecimento da soberania de Deus e dos outros aspectos da Sua natureza. Essa expressão: *vontade de Deus* gravita no fato de que Ele soberanamente ordena tudo o que chega a acontecer. Em outras palavras, não há nada de bom que acontece fora da vontade soberana de Deus. Esse aspecto da vontade de Deus é visto na Sagrada Escritura como soberania absoluta e perfeita de Deus: Deus faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade (cf. Ef 1,11) e nada sai mal: “Reconheço que tudo podes e que nenhum dos teus desígnios fica frustrado” (Jó 42,2). Esse ponto de vista da vontade de Deus é baseado no fato de que o permanente exercício da energia divina, pelo qual Deus preserva todas as Suas criaturas, opera em tudo o que existe no mundo e dirige todas as coisas para o seu determinado fim.

⁵⁸ Cf. MATEOS, J; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 73-74.

2.4.2 Na terra, como no céu

A decisão é tomada no *céu* (Deus), mas tem que ser executada na *terra* (comunidade humana). Essa expressão - *na terra, como no céu* - mostra que a comunidade humana deseja ardentemente que tudo se realize, na terra, exatamente como está decidido no *céu*.

Luiz C. Susin reitera que essa expressão - *na terra, como no céu* ou por outras palavras: *assim na terra como no céu* - exprime o desejo de andar no caminho de reconciliação, da mútua fecundidade, sem confusão e sem separação entre a vida terrena da pessoa e a promessa da vida celeste. Trata-se de um ajuste às perguntas e às repostas que às vezes distantes no tempo e no espaço e estranhas aos ouvidos, podem ser aclaradas e assim abrir os olhos e os ouvidos da fé para firmar a esperança e renovar a fé em Deus para a feliz comunhão criatural e filial com o Pai e com o Filho no Espírito. Porque Deus na sua incrível e exaltante promessa de comunhão do céu e da terra quer na prática congregar todos os seus filhos e filhas onde Ele quer que esteja⁵⁹.

Em suma, as três primeiras petições do *Pai nosso* têm igual conteúdo. A experiência da vida de fé em Deus leva a humanidade a desejar que os desígnios de Deus se estendam no planeta terra. Somente depois a comunidade humana passa preocupar-se consigo mesma. Mas se a oração do Senhor é de uma comunidade de pobres, oprimidos e perseguidos então se trata de uma comunidade que lança gritos de socorro também para si.

O homem, na sucessão dos dias, tem muitas esperanças - menores ou maiores - distintas nos diversos períodos da sua vida. Às vezes pode parecer que uma destas esperanças o satisfaça totalmente, sem ter necessidade de outras. [...] mas quando estas esperanças se realizam, resulta com clareza que, na realidade, isso não era a totalidade. Torna-se evidente que o homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar⁶⁰.

Esse último versículo da primeira parte da oração do Senhor - *na terra, como no céu* - liga-se a todo o grupo das três petições, e a palavra *céu* responde à do primeiro versículo: *Pai nosso que estás nos céus*. É evidente que os *céus* representam a morada de

⁵⁹ Cf. SUSIN, L. C. *Assim na terra como no céu*: Brevilóquio sobre escatologia e criação, (orelha da contracapa).

⁶⁰ BENTO XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20071130_spesalvi_po.html. Acesso em: 12 de Março de 2014.

Deus, ou seja, a corte celeste onde os anjos cantam sem cessar a glória de Deus (cf. Ap 1,4-7; 4,2-11; 5,6-14).

Na linguagem do Médio Oriente e do Antigo Testamento - diz L. Boff - *céu e terra* querem exprimir, especialmente, a totalidade da criação de Deus (Mt 5,8; 24,35); por conseguinte, Deus é o ‘Senhor do céu e da terra’ (Mt 11,15) e o Cristo ressuscitado recebeu, do Pai, o poder sobre o *céu* e a *terra* (cf. Mt 28,18)⁶¹. A súplica quer então dizer que nos céus já se faz a vontade de Deus, sendo assim, é urgente que seja feita também na terra.

Para que a vontade de Deus seja feita na terra quanto nos céus, cabe a quem se compadece pelos pobres e excluídos, fazer ato de caridade (cf. 2 Cor 8,7-12). Orar não é a meta, é o alicerce para a prática consciente da caridade (cf. 1 Cor 13,1-8.13).

O grito de L. Boff sobre a causa dos pobres e excluídos do Planeta-Terra, ganha mais eco com o Papa Francisco quando afirma:

Não é possível ficar impassível, sabendo que existem seres humanos tratados como mercadoria! Pense-se em adoções de crianças para remoção de órgãos, em mulheres enganadas e obrigadas a prostituir-se, em trabalhadores explorados, sem direitos nem voz, [...]. Se, depois, descemos ao nível familiar e entramos em casa, quantas vezes aí reina a prepotência! Pais que escravizam os filhos, filhos que escravizam os pais; esposos que, [...] se exploram como se fossem um produto descartável, [...]; idosos sem lugar, crianças e adolescentes sem voz. Quantos ataques aos valores basilares do tecido familiar e da própria convivência social!⁶²

Diante dessa realidade vivida e visível a olho nu, há gente com elevado talento para a indiferença em ajudar os que sem culpa alguma são sacrificados, explorados, ignorados e excluídos da convivência familiar e social. Não obstante a transversalidade do problema da indiferença é imperioso reconhecer o contributo que pessoas de boa vontade oferecem, com a ajuda de Deus, para aliviarem o sofrimentos desses semelhantes que estão mergulhados num caos. Esse contributo em favor de quem não tem o necessário para viver digna e decentemente, brota da certeza de que em cada ser humano, rico ou pobre está presente o *criado* e o *criador*, a *humanidade* e a *divindade*. A outra razão segundo L. Boff, é: Jesus não só optou pelos pobres, mas identificou-se com eles⁶³. Por isso, como Juiz supremo, se esconde atrás deles: o “que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o

⁶¹ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 87-88. Para mais detalhes leia a obra do mesmo autor: *O casamento entre o céu e a terra*. [s.l]: Salamandra, 2001.

⁶² FRANCISCO (Papa). *Mensagem para Quaresma 2014*. Disponível em: <http://www.aleteia.org/pt/sociedade/artigo/-pobrissima-riqueza-e-a-riquissima-pobreza-5811743385190400>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

⁶³ Cf. BOFF, L. *Ecologia social: pobreza e miséria*. Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/o-sentido.htm>. Acesso em: 12 de Março de 2014

fizestes” (Mt 25,40) e o “que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” (Mt 25,45). A questão dos pobres é tão central que o Papa Francisco chegou a afirmar: “quero uma Igreja pobre e para os pobres”⁶⁴. Pois, os pobres, os excluídos, os perseguidos e os misericordiosos são os herdeiros do Reino de Deus (cf. Mt 5,3-12).

Concluindo, se pode dizer que Deus coloca ao alcance do homem comprometido com a causa do Reino tudo o que é necessário para que a sua vontade se torne realidade na terra. Se a vontade de Deus for feita na terra como nos céus, tudo então terá chegado à plena reconciliação e Deus será “tudo em todos” (1 Cor 15,28). Assim, Deus que reina soberanamente sobre o curso dos acontecimentos e da vida dos homens que Ele próprio os criou para associá-los à sua vida eterna, será por todos glorificado como é glorificado pelos anjos (cf. Ap 4,8) quando todos chegarem ao conhecimento da verdade.

2.5 O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE

Com essa petição inicia a segunda parte da oração do Senhor (o Pai-Nosso). A primeira parte colocou Deus no centro, com o uso predominante da segunda pessoa do singular: *Tu*. Os grandes desejos dirigidos a Deus, na primeira parte, são: a *santificação do Nome* (6,9b), a *vinda do Reino* (6,10a) e a realização da *Vontade divina* na terra (6,10b). Esses desejos são os fundamentos das petições que nessa segunda parte correspondem às necessidades mais básicas do ser humano: o *pão de cada dia* (6,11), o *perdão dos pecados* (6,12), a *não submissão à tentação* (13a) e a *proteção diante do maligno* (13b). Nessa parte, o pronome predominante é o da primeira pessoa do plural: *nós*.

De todas as petições contidas no Pai-Nosso, essa é a única relacionada com a esfera material. Segundo L. Boff, nessa segunda parte não se nota nenhuma mistificação ou espiritualização: é a vida humana em sua concreção histórica, infra-estrutural, biológica, social e sempre ameaçada. Ela não preocupa somente o homem; preocupa também a Deus. Por isso é feita material de oração e de súplica. Não há, portanto, concorrência nenhuma entre o vertical de Deus e o horizontal do homem. Ambos se encontram sob o arco-íris da oração⁶⁵. Essa esfera material fez com que Jesus pudesse ensinar aos seus discípulos a usar a

⁶⁴ FRANCISCO (Papa). *Quero uma igreja pobre para os pobres*. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2013/03/16/francisco: quero uma igreja pobre e para os pobres/br-673943>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

⁶⁵ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 91.

oração para suplicar a Deus Pai a fim de providenciar o *pão* diário, uma vez que o Criador também se importa com a manutenção física saudável das suas criaturas (cf. Mt 6, 25-34).

A súplica do homem pelo *pão* (alimento), segundo L. Boff, está relacionada ao banquete celeste⁶⁶. Isto é, o banquete escatológico como atesta as seguintes passagens: “Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados” (Lc 6,21); “Feliz aquele que tomar refeição no Reino de Deus!” (Lc 14,15). Esse pão futuro servido no Reino eterno do Pai é objeto da súplica: “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6,11). Trata-se de um desejo de fé, esperança e confiança em Deus Pai para que na sua infinita bondade conceda hoje e agora “o já ainda não”: o pão material e necessário sem o qual a vida terrena não persistiria, projeta o homem para o pão do Reino de Deus onde a vida será eterna e feliz.

2.5.1 O pão

Pedir pão é um gesto próprio de pobres que não têm o que necessitam para viver⁶⁷. Não se trata de pão qualquer, mas do “pão da vida” (Jo 6,35). Esse “pão da vida”, segundo L. Boff, está indissociavelmente ligado ao pão material (o conglomerado físico-químico) que é símbolo do alimento humano – o alimento necessário, suficiente e diário. O “pão da vida” é mais do que o “pão material”, mas o “pão material” é tão importante que Deus associou a salvação e a perdição ao atendimento justo e fraterno ou não que dele ser feito⁶⁸.

Esse pedido do *pão* faz recordar as histórias mais dolorosas a respeito dos efeitos da queda da humanidade: no Jardim de Éden, não havia escassez, não havia catástrofes naturais para atrapalhar ou aniquilar o cultivo dos alimentos e não havia o egoísmo incorrigível do homem. No relato da criação, há várias referências ao suprimento abundante disponibilizado pelo Criador para a perfeita manutenção do primeiro casal e de todos quantos fossem gerados a partir dele – ervas e árvores de todas as espécies que dão frutos servindo para o mantimento (cf. Gn 1,29; 2,9.16). Com a introdução do pecado na experiência humana, vieram as dificuldades também na esfera material (cf. Gn 3,17-19.23). As desordens na esfera física (cf. Rm 8, 21-22) somadas ao egoísmo dos homens (cf. 2 Tm 3, 2) têm-se a fórmula conhecida para a explicação da fome no mundo. Nem para aqueles que são sinceros servos de Deus há garantia de subsistência automática. Eles devem orar pelo pão diário, como Jesus ensinou.

⁶⁶ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 100-101.

⁶⁷ Cf. PAGOLA, J. A. *Pai-Nosso: orar com o Espírito de Jesus*, p. 47.

⁶⁸ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 92.

Por de trás desse pedido está a *simplicidade da vida*. Como se pode notar Jesus só recomendou pedir pão. Ele não alistou qualquer outro artigo, ainda que útil e necessário como objeto da súplica. Os discípulos de Cristo devem pedir “pão”, não “riqueza”.

A Igreja, perita em humanidade, na sua *doutrina social*⁶⁹, ressalta que os bens materiais ainda que sejam imprescindíveis na vida cotidiana, eles nunca entraram nos ensinamentos de Jesus como objetos do desejo. Por isso, Jesus, na sua amorosa solicitude pela sorte da humanidade, ensinou os seus discípulos a pedir o *pão*.

Os ensinamentos de Jesus sobre o pedido do *pão* e não da *riqueza*, apresentam-se como um instrumento para o discernimento moral da vida cotidiana do homem nos seus diversos eventos que caracterizam o seu tempo; como um guia para inspirar, no plano individual quanto no coletivo, comportamentos e opções que permitem a todos os homens olhar para o presente e para o futuro com confiança e esperança.

O fato de pedir o pão no dia que se chama “hoje” é um incentivo vigoroso à dependência de Deus. Contudo, Jesus não ensina apenas pedir pão, mas pedir o suprimento necessário à subsistência de cada dia.

Esse pedido não isenta ninguém de trabalhar para ter pão e tudo o que necessita para viver digna e decentemente. Além disso, na petição está incluído o trabalho lícito. Por que se alguém alcança o “pão nosso” diário por meios ilícitos não é verdadeiramente “nosso” aos olhos de Deus.

2.5.2 O pão nosso

A expressão “o pão nosso” é mais um aviso a respeito do compromisso comunitário na partilha dos bens que Deus coloca diante dos homens para a sua subsistência e realização.

Como se depreende, toda a oração do Pai-Nosso está no plural. Jesus ensinou que a súplica deve ser coletiva. E nessa oração estão incluídas as necessidades de todos os homens do mundo inteiro, porque juntos, eles constituem uma só família (cf. Ef 3, 14). Quem pede pão para os seus, deve sempre pensar nas necessidades da humanidade inteira, mas, sobretudo para com os irmãos na fé (cf. Gl 6,10). Por conseguinte, abre-se a oportunidade de

⁶⁹ *Doutrina Social da Igreja* é o conjunto dos ensinamentos contidos na Doutrina da Igreja Católica e no Magistério da Igreja Católica, constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos Papas inseridos na tradição multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do Cristianismo. Tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações. É um convite a ação. A outra finalidade da doutrina social da Igreja é levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena.

tornar conhecidos ao Senhor os desejos da humanidade inteira ao incluir os mais e menos próximos. É um exercício difícil, mas necessário e revelador⁷⁰.

Enquanto houver no mundo homens de todas as idades, vivendo em condições desumanas e passando fome, o *pão* que uns e outros acumulam e por fim deixam deteriorar-se, é um *pão* injusto. Portanto, ao pedir a Deus nessa petição o sustento diário é necessário ter sempre presente as seguintes advertências: repartir o pão com os famintos, acolher os pobres sem teto, vestir os nus e não recusar ajuda ao próximo (cf. Is 58,7). Quem observa essas advertências, corresponde ao que Jesus disse: tive fome e me destes de comer, era peregrino e me acolhestes, tive sede e me destes de beber, estive preso e viestes me visitar, estive nu e me vestistes, estive doente e me visitastes (cf. Mt 25, 35-36).

Segundo L. Boff, “o pão” para ser “nosso” exige que o mundo seja transformado e a sociedade liberta de seus mecanismos de riqueza feita à custa do pão tirado da boca do outro. O *pão* convoca os homens à conversão coletiva. Essa conversão é a condição necessária para que a oração não seja vazia e farisaica. O Senhor interdita a quem quer que seja de pedir apenas o pão para si, com descaso das necessidades dos outros que estão à sua volta. É preciso ter sempre presente na mente que “o pão nosso” é pão de Deus que deve estar ao alcance de todos, sem exclusão alguma⁷¹.

2.5.3 O pão de cada dia dá-nos hoje

Desde o tempo de Noé, Deus tem prometido: “Enquanto durar a terra, sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite não hão de faltar” (Gn 8, 22). Mas porque é que hoje maior parte da população do mundo, sobretudo, dos países em via de desenvolvimento passa fome e diversas necessidades? A causa desse problema existencial é o homem. O homem é quem faz a desordem em todas as coisas. Para citar o exemplo, em todo lugar, os auto-suficientes (poderosos) estão explodindo: as multinacionais movidas pelo lucro exploram os recursos minerais e naturais de modo desordenado e egoísta, os fazendeiros, por sua vez, estão cortando e queimando florestas para fazer plantações numa terra que só permanece fértil por pouco tempo, antes de se tornar deserta. Enfim, o mau uso dos recursos naturais está arruinando a terra.

⁷⁰ Cf. BOFF, L. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*, p. 12-17. Leia também a obra do mesmo autor: *Virtudes para um outro mundo possível* – Vol. III: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁷¹ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 95.

A fome está no mundo porque o homem governa as coisas a seu modo ignorante e egoísta. O cristão sabe disto, e reconhece sua dependência de Deus. Porque é Deus quem dá a capacidade para existir, a possibilidade de germinar e crescer todas as plantações, e a habilidade para colheita. Ainda que o homem possa trabalhar e, deve trabalhar “com as próprias mãos, realizando o que é bom, para que tenha o que partilhar com o que tiver necessidade” (Ef 4, 28), não deve, nunca, cessar de depender de Deus. Pois, o trabalho não apaga a realidade da dádiva de Deus:

E agora, vós os que dizeis: “Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, passaremos ali um ano, negociando e obtendo bons lucros”. E, no entanto, não sabeis nem mesmo o que será da vossa vida amanhã. Com efeito, não passais de vapor que se vê por alguns instantes e depois logo se desfaz. Em vez de dizer: “Se o Senhor quiser, estaremos vivos e faremos isto ou aquilo”, vós vos jactais de vossas fanfarronadas! Ora, toda jactância desse gênero é má. Assim, aquele que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado (Tg 4, 13-17).

Torna-se evidente nessa citação de Tiago que a existência e a subsistência do homem dependem de Deus, diariamente. O povo de Israel, ao passar fome e humilhações no deserto, foi alimentado com o maná que não sabia de onde vinha. Com esse maná, Deus queria que o povo aprendesse que era dependente dele. Pois, o homem vive “de tudo o que procede da boca do Iahweh” (Dt 8, 2-3). O povo de Israel fracassou miseravelmente em aprender a lição. Sua descrença e falta de confiança em Deus fizeram com que fosse ignorante do propósito de Deus. Eis a pergunta que coloca: “E por que Iahweh nos traz a esta terra, para nos fazer perecer à espada, para entregar como presa as nossas mulheres e nossas crianças?” (Nm 14, 3). Se esse povo tivesse reconhecido e apreciado o cuidado diário de Deus, não teria deixado de entender a meta final de Deus.

A abundância de boas coisas faz o homem deixar de apreciar o cuidado diário de Deus. Mas, no princípio, o divino Criador não queria que o homem chegasse a esse ponto. Para evitar a maior e pior catástrofe da humanidade, convém ter sempre presente essa verdade: o homem pode ganhar o mundo e tudo o que nele existe, mas tudo isso pode ir embora amanhã ou a qualquer momento. Tudo passa e Deus permanece. Lembre-se da história de Jó.

Jó era um homem íntegro, reto e temente a Deus, mas conheceu a pobreza. Ele tinha gado, ovelhas, camelos, servos, filhos e filhas regozijando e tinha boa saúde. Em um dia tudo se foi (cf. Jó 16, 22). Visto que o homem depende de Deus, diariamente. Tanto é que depende de Deus, diariamente, para o pão. O homem devia voltar o seu rosto para Deus, apresentando-lhe preocupações que dizem respeito à causa de Deus, em primeiro lugar e em

segundo lugar a sua própria causa. Assim é que deveria ser a oração. Todo o resto virá por acréscimo. Lembre-se que Deus supriu as necessidades de Elias a caminho do monte Horeb (cf. 1Rs 19, 4-8) e deu a Paulo passagem segura para Roma, apesar de uma tempestade, sua vida sendo ameaçada pelos soldados, por um naufrágio, e ao ser mordido por uma serpente (cf. At 27; 28). Tudo isso indica que Deus está interessado no bem-estar físico e espiritual de cada homem.

Com certeza o pedido do “pão de cada dia” está incluído no dom precioso e na dádiva perfeita que vêm do alto, como atesta São Tiago (cf. 1,17). Sim, é pelo pão de cada dia que o homem implora a Deus, porque é pela graça de Deus que vive e come em cada dia. Entendendo essa total e incondicional dependência de Deus, o homem ao alcançar o necessário para a sua subsistência (alimento e vestuário) jamais desejaria a riqueza (dinheiro) causa da ruína e perdição (cf. 1 Tm 6, 8-9). E, por conseguinte, não haveria nesse mundo quem come o seu próprio pão e o pão retirado da boca do outro irmão.

O pão que sacia a fome do faminto representa a alternativa necessária: *o modo de ser cuidado*, pois o pão, em cada dia, representa o alimento indispensável para a saúde e subsistência do homem. O pão coloca a pessoa saciada em disposição de amar e servir a quem entra em contacto com ela.

Segundo L. Boff é urgente nos dias de hoje resgatar a dimensão da partilha para com quem não tem nada de comer e beber; para despertar nele, embora encoberto por grossa camada de desespero, de revolta para com todos e para com Deus. É a partilha e o comer juntos que devolve a humanidade perdida a quem um dia sentiu-se descartado⁷². Em seu sentido humanitário reforça também o preceito ético mais universal, isto é, tratar humanamente cada ser humano, com ações contagiantes, tais como: compreensão, acolhida, cuidado e partilha.

2.5.4 A importância do pão

A necessidade do pão é individual; a sua satisfação, no entanto, não pode ser individual, mas comunitária. Por isso não se reza: *o pão meu*, mas *o pão nosso*. Nisso vai uma profunda lição da importância do pão presente na oração do Senhor. E está presente na memória dos povos o fato de que diante do pão o homem está perante uma realidade santa. Tal santidade faz do pão o alimento que reúne a cada família à volta da mesma mesa para a ceia familiar. O pão deve ser tratado com respeito. Não se joga fora; somente as sociedades

⁷² Cf. BOFF, L. *O cuidado necessário*, p. 168-170.

dessacralizadas o fazem porque perderam a referência básica para com o Santo e o Sublime do homem e do mundo. Segundo L. Boff, o pão é santo porque está associado ao mistério da vida que é sacrossanta. Para o homem bíblico o pão é um dos sinais primordiais da graça e do amor com que Deus cerca e sustenta o seu povo. Por ele Deus exorciza os demônios da fome e da morte (cf. Ex 16). Para o homem cristão o pão é ainda mais santo porque simboliza a reconciliação terminal de todos os justos no banquete com Deus no Reino celestial (cf. Mt 25, 31-40). Ele é também o símbolo real de Jesus, “pão da vida”, que salvou a vida para sempre (cf. Jo 6)⁷³. O pão de cada dia é santo por um título ainda: é a matéria que, transubstanciada, constitui o sacramento da Eucaristia, o pão dos peregrinos com o qual se alimenta a vida para que ela seja ressuscitada e feliz eternamente.

Concluindo se pode dizer que ontem como hoje é grande a necessidade do *pão*, alimento que sacia a fome e convoca os homens à sã convivência fraterna. É o pão que derruba os muros de divisão. Desde Adão e Eva até hoje, graves e sangrentos conflitos, discórdias e desentendimentos no seio das famílias e dos Estados, das Nações e do Planeta-Terra, têm a sua origem no pão, cuja distribuição não abrange todos os homens. Contudo, nunca se pode justificar a intolerância ou as guerras em nome do pão. Porque o pão é puro dom de Deus. Por isso, todo o homem devia suscitar uma correta e justa distribuição do pão para saciar a fome e promover valores éticos que edificam a sã convivência entre os homens. Esse pão que é puro dom de Deus exige do homem um trabalho árduo para ganhá-lo justa e honestamente (cf. Gn 3,17).

2.6 E PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS COMO TAMBÉM NÓS PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES

É óbvio que, depois de venerar a generosidade de Deus (cf. Mt 6,11), o homem, rogue também a sua clemência (cf. Mt 6,12). De que serviria o pão, se aos olhos de Deus não fosse senão como um touro a engordar para ser sacrificado? O Senhor sabe que só Ele é sem pecado. É por isso que Ele ensinou a pedir: “Perdoa-nos as nossas dívidas”. Pedir perdão já é uma confissão, pois quem pede perdão, confessa ter pecado. Assim, a penitência se revela agradável a Deus, porque ele a prefere à morte do pecador (cf. Ez 18,21-23).

⁷³ Cf. BOFF, L. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*, p. 117-120.

O Senhor que se sabe não ter pecado, pela sua infinita bondade e misericórdia, concede perdão ao homem que roga pela sua clemência. Esse perdão é um apelo para que o homem faça o mesmo aos seus semelhantes (cf. Pr 19,11; Ef 4,32; Mt 6,14). É por essa razão que num outro lugar, o Senhor diz, empregando as mesmas palavras dessa oração: “Perdoai, e vos será perdoado” (Lc 6,37). E quando Pedro perguntou se devia perdoar sete vezes ao irmão, o Senhor respondeu: “Mais ainda, setenta e sete vezes” (Mt 18,21-22). Desse modo, o Senhor aperfeiçoava a Lei, visto que no livro do Gênesis se declara que Caim é vingado sete vezes e Lamec, setenta e sete vezes (cf. Gn 4,15.24). Esse legado revela que no Reino de Deus não há lugar para pessoas impiedosas como atesta a discussão que se segue.

2.6.1 Perdoa-nos as nossas dívidas

A partir dessa profunda convicção, de que Deus é *Abbá*, Pai querido, nasce a súplica do homem: “perdoa-nos as nossas dívidas”. Essa é a experiência do povo bíblico (cf. Ne 9,17; Sl 130,4) e dos discípulos de Jesus Cristo (cf. Lc 6,37; 15,1-32; Mc 11,25; Mt 5,7; 6,14-15). O perdão é uma necessidade fundamental da vida. É impossível ter uma vida saudável emocional, física e espiritual sem o exercício do perdão. Quem não perdoa não pode orar (cf. Mt 5,23). Quem não perdoa não pode trazer sua oferta ao altar (cf. Mt 5,24). Quem não perdoa não pode ser perdoado (cf. Mt 5,25). Quem não perdoa é entregue aos verdugos e flageladores da consciência. O perdão é até mesmo uma questão de bom senso. Quando o homem guarda mágoa de alguém, acaba se tornando prisioneiro dessa pessoa. A mágoa escraviza o homem e o mantém em cativeiro. Quando se nutre mágoa por alguém, esse alguém perturba continuamente. Quer esteja, por exemplo, a tomar uma refeição ou esteja de férias, essa pessoa que causou mágoa continua sempre presente. Perdoar é a única maneira de quebrar essas correntes e ficar livre.

O perdão deve ser ilimitado. Jesus ensinou a perdoar até setenta e sete vezes (cf. Mt 18,21-22). Essa cifra não é literal. Ela aponta setenta vezes o número sete, o número da perfeição. O perdão é ilimitado, pois é dessa forma que Deus perdoa a quem humildemente se arrepende dos seus pecados. Jesus deixou esse fato claro na sua parábola do devedor implacável (cf. Mt 18,23-35). Aquele servo que recebeu um perdão de dez mil talentos não perdoou seu conservo de uma pequena dívida de cem denários. Dez mil talentos são seiscentas mil vezes mais que cem denários. Aquele que havia recebido um perdão

seiscentas mil vezes maior negou-se a perdoar alguém que lhe devia uma dívida seiscentas mil vezes menor. Então, o senhor encolerizado, chamou o servo mau e lhe entregou aos verdugos até que ele “pagasse” a dívida impagável. A dívida que cada homem tem para com Deus é impagável. Por isso, o perdão de Deus é ilimitado. E Jesus foi claro ao afirmar que se não perdoardes aos vossos irmãos, não sereis perdoados: “Eis como meu Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão” (Mt 18,35).

Segundo L. Boff o perdão é o caminho da cura das feridas das mágoas causadas pelas diversas vicissitudes da vida, entre as quais se destacam a pobreza e a miséria, por um lado e por outro a riqueza e o luxo. O perdão é a ponte de reconciliação das relações quebradas. O perdão é o remédio divino para os relacionamentos enfermos. O perdão é a renúncia do ódio e da vingança. O perdão é o sepultamento de uma vez para sempre de todos os conflitos e divisões com vista a crescer e dispor-se a realizar um novo projeto de vida. Hoje, é tempo de perdoar. Hoje, é tempo de pedir perdão. Hoje, é tempo de restaurar relacionamentos dentro da família, da Igreja e da sociedade⁷⁴ a fim de que a humanidade tenha uma vida plena e abundante. Para o efeito, ninguém deve negar dar ou receber o perdão porque é dom de Deus.

2.6.2 Como também nós perdoamos aos nossos devedores

O perdão de Deus aparece vinculado ao perdão que o homem concede ao seu irmão ou àquele que lhe ofende. Claro que Jesus advertiu que para receber o perdão de Deus é necessário que o pecador saiba perdoar a seus irmãos. Portanto, o perdão deve ser compreendido como algo bom tanto para quem dá e quanto para quem recebe (cf. Mt 7,12). Para L. Boff “não se trata, portanto, de um negócio e de um condicionamento prévio, mas, de mantermos a mesma atitude para com Deus e para com o próximo”⁷⁵. Por isso, a vida deve ser vivida nesse ciclo vicioso: dar e receber perdão. L. Boff acrescenta: “Não tem o direito de pedir o perdão a Deus quem não quer dar o perdão a seus irmãos”⁷⁶. O pedido de perdão a Deus e aos irmãos é sinal de maturidade, humildade e reconhecimento do erro cometido contra Deus e contra o próximo (cf. Lc 15,11-32). Mas, como é que o homem peca? Por meio de *pensamentos, palavras, atos e omissões*. Essas quatro vias levam o

⁷⁴ Cf. BOFF, L. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*, p. 120-122; confronte também a obra do mesmo autor: *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 107-114.

⁷⁵ BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 115.

⁷⁶ BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 115.

homem ao pecado, gerando, por conseguinte, catástrofes incalculáveis na sua vida (cf. *Gaudium et Spes*, 13).

De todas as catástrofes que assolam os homens de todos os tempos e lugares, talvez nenhuma seja responsável por mais destruição que as *mágoas*. As mágoas representam a *ira* não-resolvida. Quase sempre envolvem pessoas mais próximas e em seguida atingem pessoas inocentes e distantes. Enquanto os homens se indignam quando ouvem e vêem tragédias acontecendo a pessoas na família, na sociedade, no país e no Planeta-Terra (fome, desemprego, guerras, violência, corrupção, injustiças, etc.) as mágoas criam raízes. A pessoa magoada experimenta a *ira* contínua, fervendo um pouco abaixo da superfície da sua vida, causando uma ferida aberta que o tempo nunca cura. Talvez ela fique adormecida por um tempo, mas até que seja drenada do seu veneno fatal pelo poder curador da cruz de Cristo, mata a pessoa física e espiritualmente aos poucos. As mágoas corrompem as fontes da vida.

Perante essa situação de mágoa que provoca a *ira*, L. Boff entende que só com a misericórdia e a ternura de Deus se pode superar. Mas exige da pessoa magoada compreender o ser humano como um projeto infinito e imperfeito⁷⁷. Para chegar nesse nível de compreensão é necessário seguir dois passos: 1) identificar a mágoa (cf. Ef 4,26-27.31) para dela se libertar, 2) ter presente que Deus chama para a vida de perdão. O mesmo tipo de perdão que Cristo ofereceu à humanidade pela Sua morte na cruz. Somente com Cristo, por Cristo e em Cristo, o homem pode ser capaz de transformar as mágoas em perdão.

2.6.3 Importância do perdão

O perdão concebido como amor incondicional e maior expressão da misericórdia de Deus é importante que seja concedido a quem pede. O mesmo perdão entendido como graça deve ser oferecido a quem não merece.

Se uma pessoa busca convivência, relacionamento e integração, o ato do perdão é indispensável. Do ponto de vista da maturidade espiritual, ao interagir, as pessoas precisam ser tolerantes e misericordiosas, a tal ponto de carregar o peso uns dos outros para cumprir a lei de Cristo (cf. Gl 6,2). Deus para congregar na unidade os seus filhos que se encontram no cativeiro do pecado, não cessa de acolher e conceder o seu perdão. O Papa Francisco

⁷⁷ BOFF, L. *Via - sacra: Para quem quer viver*, p. 61-63; confronte também a obra do mesmo autor: *Tempo de transcendência: O ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

sintetiza: “Deus não se cansa de perdoar; nós é que cansamos de pedir perdão”⁷⁸. Se Deus não se cansa de perdoar significa que não há limites para perdoar. E em nenhum lugar na Sagrada Escritura existe essa limitação.

Quando Pedro perguntou a Jesus se ele deveria perdoar até sete vezes, Ele respondeu: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes” (Mt 18,21-22). O perdão como uma graça não entra na contabilidade. Ele exige o arrependimento do pecador e a misericórdia de quem foi ofendido. Para o efeito, é necessário que o problema seja encarado com transparência e sinceridade: “confessai, pois, uns aos outros, vossos pecados e orai uns pelos outros, para que sejais curados” (Tg 5,16). Fazendo sua essa regra básica, a pessoa deixará de ser escravo da culpa, da depressão e da sensação de distanciamento de Deus. E ainda aprenderá a reconhecer suas fraquezas para controlar melhor as reações. Tudo na vida depende de compreensão, relacionamento e perdão mútuos. Não há possibilidade de se construir relações e convivências sadias se não houver nas pessoas a predisposição para perdoar.

Leonardo Boff ressalta que o perdão restabelece a comunhão vertical (Deus - Homem) e a comunhão horizontal (entre os Homens) gerando, assim o mundo reconciliado onde os Homens vivem sob o arco-íris da misericórdia divina⁷⁹.

Seguindo o raciocínio de L. Boff, se pode concluir que o perdão é a possibilidade de restabelecer os laços e a convivência quebrados, pois, gera a flexibilidade necessária para a construção do novo projeto de vida em família ou em comunidade. Pelo seu impacto na história da salvação, o perdão merece ser cultivado e concedido a quem pede e mesmo para quem não merece.

2.7 E NÃO NOS SUBMETAS À TENTACÃO

Esta é a única petição na oração do Pai-Nosso que tem uma formulação negativa. Segundo L. Boff, isto quer dizer: o homem concebe o advento do pecado como decorrência da insegurança (ou angústia). Em Adão, o homem era totalmente inocente e por ser inocente não tinha nada porque lutar, nenhuma inquietação, nenhuma insegurança. Mas por causa de não ter a consciência de sua condição de criatura e o desejo de ser autônomo, o homem tornou-se pecador (cf. Ex 32,8; Dt 9,12; 13,6). Entender a natureza humana - diz L. Boff - a

⁷⁸ AZEVEDO, R. *Deus não se cansa de perdoar; nós é que cansamos de pedir perdão*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/deus-nao-se-cansa-de-perdoar-nos-e-que-cansamos-de-pedir-perdao>. Acesso em 23 de Junho de 2014.

⁷⁹ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 116.

partir da história da queda é um desafio de suma importância especialmente para a concepção teológica dessa petição. Como se pode compreender, a sua formulação revela a existência de um perigo eminente: o diabo em volta do homem (cf. 1 Pd 5,8). É o diabo que perverte o homem na escuta e no seguimento de Deus (cf. Gn 3,1-19)⁸⁰. Quando o homem é submetido aos desejos do Maligno torna-se infiel a Deus caindo no pecado de servir a dois senhores (cf. Mt 6,24). Não se serve a Deus senão de todo o coração, de toda a alma e de toda a mente (cf. Mt 22,37; Dt 6,4). O homem, consciente da sua fragilidade e vulnerabilidade, pede: “e não nos submetas à tentação”. Nessa petição, o homem, confessa que não pode por si mesmo fugir do mal, por isso, se coloca na total dependência daquele que é o único que pode de fato o preservar das astúcias do diabo. Isso de maneira alguma diminui o homem, mas revela que em si mesmo ele nada pode encontrar que suscite uma postura de autonomia total que o levaria certamente a colocar-se numa posição de independência.

2.7.1 O medo de trair as esperanças e as promessas do Reino

A razão - medida de todas as coisas leva o homem a ter medo de perder não só a própria vida, mas também a própria humanidade. Essa angústia diante do enigma do destino da humanidade e da pessoa verifica-se no percurso da história de cada ser humano, independentemente da sua situação política, econômica, religiosa, social, cultural e familiar. Essa angústia não deixa ninguém totalmente seguro e autônomo, por isso, o homem pede: “e não nos submetas à tentação”.

Para L. Boff essa petição traduz a amarga experiência existencial do ser humano sujeito à tentação de trair as esperanças e as promessas do Reino. Quando o homem confia na sua capacidade e arrogância, cai nas mãos do diabo que o impede de dar sustentabilidade aos bens do Reino assumidos com solidariedade e amor incondicional para todos⁸¹.

Jesus, diante desse paradoxo existencial, convida o homem a rezar e a vigiar (cf. Mt 26,41) sempre porque a tentação é diária. Como se depreende, de Adão e Eva até hoje nota-se que a tentação é a grande desgraça que priva o homem de usufruir o que Deus tem preparado para aqueles que O amam (cf. 1 Cor 2,9). Sem o amparo do Pai na hora da

⁸⁰ Cf. BOFF, L. *O homem e a mulher assumidos por Deus*.

Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/o-homem.htm>. Acesso em: 25 de Junho de 2014.

⁸¹ Cf. BOFF, L. *Via - sacra*: Para quem quer viver, p. 15-16.

tentação, o homem cai nas mãos do diabo, perdendo, por conseguinte, aquela porção do Reino que foi conquistada pelo Sangue de Cristo⁸². Para que isso não aconteça, pede: “e não nos submetas à tentação”.

2.7.2 Tentação

A palavra pode significar uma *prova*, isto é, uma experiência dura e difícil que pode ajudar o homem a crescer no bem (cf. Dt 8,2; Jt 8,25; Sl 26,2). A mesma palavra pode também significar uma *incitação* ao mal. Nesse sentido, trata-se de uma situação de empurrar ou arrastar o homem ao mal. Essa *tentação* se manifesta por diversos modos, e cada modo torna-se realidade numa pessoa concreta que vive no espaço e no tempo concreto. O próprio Jesus a viveu nos derradeiros momentos do fim da sua vida terrena, ao ser rejeitado pelo povo que ele próprio amou e serviu (cf. Mt 17,25; 27,27-31; Mc 15,15-20; Jo 18,13; 19,5-16), o abandono dos discípulos que ele próprio os amou como amigos (cf. Mt 26,57-75; Jo 18,12-27; 20,9) e a sensação de ter sido abandonado pelo Pai (cf. Mt 27,46).

Sobre o enigma da *tentação*, qualquer pessoa pode constatar que é uma realidade que se faz sentir onde existe o homem. Desse enigma surge no homem o desejo de um auxílio, de uma proteção ou de uma segurança. É a partir da sua situação de fragilidade que o ser humano busca pontos de apoio para encontrar um fundamento sólido sobre o qual possa construir a sua vida. Porque ele tem essa liberdade que lhe foi dada pelo Divino Criador de dar sentido à sua própria vida e a responsabilidade de construir o próprio destino. Para o efeito, deve antes reconhecer que o seu “auxílio” (Sl 121) e a sua “salvação” (Sl 3) vêm de Deus, rocha sobre a qual está solidamente construída a existência humana. Confiar em Deus não significa fugir das decepções da vida, mas significa ver a realidade como ela é, sem mentiras e sem enganos, sem lamentações, mas também sem desculpas, pois é dentro dela que Deus manifesta a sua força e fidelidade.

2.7.3 O homem, ser radicalmente frágil

Não nos submetas à tentação. Não pense que é Deus que tenta o homem, como se ignorasse a fé deste, ou como se ele quisesse o fazer cair. Isto quer dizer: não permitas que o tentador faça o homem cair. É o maligno que faz o homem cair. O maligno tenta quem o vê

⁸² Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 119-123. Confronte também a obra do mesmo autor: *Via - sacra: Para quem quer viver*, p. 76-77.

à sua frente. O próprio Senhor foi tentado (cf. Lc 4,1-13; Mt 4,1-11; 16,21-23). Deus não tenta ninguém, apenas submete constantemente o homem a uma prova de fé. Assim, fez com Abraão, pedindo-lhe o sacrifício do seu filho. Não foi para tirar-lhe a fé, mas para prová-la (cf. Gn 22, 1-18). Queria, sim, fazer dele um exemplo para o mandamento que iria dar mais tarde: os que vos são caros, não os amem mais do que a mim (cf. Mt 10,37-38).

O homem que se apresenta como um ser radicalmente frágil, ameaçado de dentro e de fora, exposto a todo tipo de perigos e riscos que podem arruinar seu projeto de vida, como pode se salvar? O homem tem ao seu alcance dois instrumentos infalíveis que o próprio Senhor e Mestre usou para vencer as tentações e provações: a *Palavra de Deus* e a *Oração*.

a) A Palavra de Deus

Jesus, a cada uma das três grandes tentações recorria à Sagrada Escritura, dizendo: “está escrito...” (Mt 4,4.7.10). É um convite para que o homem escute o que Deus lhe fala ao pé do ouvido e no coração. Essa é a razão pela qual Paulo recomenda: “empunhai sempre o escudo da fé, com o qual podereis extinguir os dardos inflamados do Maligno. E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (Ef 6,16-17). É urgente que o homem lê e medite assíduo e diariamente a Sagrada Escritura para não quedar nas tentações.

b) A Oração

No Getsêmani, como em todos os momentos de tomada de decisão, Jesus dobrou os joelhos e rezou ao Pai (cf. Mt 26,36-39; Lc 22,41-44) e convidou também aos seus discípulos para rezarem, dizendo: vigiai e orai para não cairdes em tentação (cf. Mt 26,41; Lc 22,45-46). Os discípulos tinham caído na tentação, a ponto de abandonar o Senhor, porque preferiram dormir a orar (cf. Mt 26,40-45). O Getsêmani de Jesus e dos discípulos é hoje o Getsêmani de cada homem. Se salva desse Getsêmani quem se alimenta da *Palavra de Deus* e da *Oração*.

Leonardo Boff entende que o combate a ser travado contra o tentador, deve ser individual e coletivo (um por todos e todos por um). Por isso, quando o homem pede a Deus para preservá-lo e fortalecer nas tentações, este, deve estar próximo dos outros, para se apoiarem e assistirem-se mutuamente. E deve velar para que ninguém o tente e nem tente os outros, não o faça tropeçar e nem faça os outros tropeçarem. Visto que quando alguém está

só e débil, facilmente pode cair. Quando muitos estão juntos e unidos na mesma causa, são capazes - com a ajuda de Deus - de resistir, com firmeza, aos poderes do maligno⁸³.

Concluindo, se pode dizer que o enigma da tentação é real e, é a principal batalha que o homem deve travar para não trair as esperanças e as promessas do Reino. Nessa batalha deve crer que não está só, pois o Eterno Pai, por Seu amado Filho, está ao lado de quem é tentado para auxiliá-lo (cf. Hb 2,17-18; 4,15-16). É essencial, portanto, seguir cuidadosamente o exemplo de Jesus para vencer o enigma da tentação (cf. Lc 4,1-13). Isso é crucial, mas Deus quer que o homem, a exemplo de Jesus enfrente a tentação na área de sua humanidade, usando somente os recursos que estão à sua disposição⁸⁴.

2.8 MAS LIVRA-NOS DO MALIGNO

A última petição do Pai-Nosso retoma a penúltima e transforma-a numa preposição positiva. Se na penúltima petição domina o “*não*” (“e *não* nos submetas à tentação”), isto é, a uma provação insuportável, na última se deposita toda a confiança em Deus Pai: “mas livra-nos do Maligno”. Trata-se em ultima instância do pedido pela salvação. Por que o homem, sozinho não pode resistir nessa situação enigmática. Segundo L. Boff, toda a lei da existência humana consiste nisto: que o homem possa a joelhar-se diante do infinitamente grande para receber o auxílio e o sentido de tudo o que lhe aparece como absurdo⁸⁵. Por outro lado, essa petição deve ser concebida como exame de consciência e como apelo para a colaboração na luta contra os efeitos devastadores do maligno. Porque Deus tem nas mãos o tempo, a história, a inteligência e o coração do homem (cf Sl 1,1-3; 55,22; 2 Cor 3,5; Ez 20,34; Pr 16,1; 1Pd 5,7; Ef 3,20; Fl 1,6), que é o único que pode responder àquela profunda nostalgia que desperta a ponto de ser identificada também como dado social. Esse Deus é o caminho e o destino verdadeiro (cf. Jo 1,38-39; 14,6; Cl 1,17) que pode levar o homem a uma comunhão plena (cf 1Jo 1,5-7; 4,20-21; Pr 3,1-12), apesar de ser frágil e incoerente no cumprimento dos Mandamentos da Lei de Deus.

⁸³ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 123-126.

⁸⁴ O homem tem ao seu alcance dois instrumentos infalíveis que o próprio Senhor e Mestre usou para vencer as tentações e provações: a *Palavra de Deus* e a *Oração*.

⁸⁵ Cf. BOFF, L. *Graça e experiência humana*, p. 195-200.

2.8.1 A experiência humana da dor e do sofrimento

A dor e o sofrimento são experiências de difícil aceitação para o homem. Considerando a situação atual da humanidade, marcada pela cultura da indiferença, do individualismo e do descarte alimentada pela economia que se move pelo afã de ter mais e a *tentação* de prescindir-se dos outros para se salvar sozinho⁸⁶. Toda essa realidade, segundo L. Boff, gera desconforto, inquietação e até mesmo revolta de quem vê sua vida cercada de limitações⁸⁷. É por essa razão que a dor e o sofrimento são considerados como piores entraves à jornada existencial do homem. Mas também se constituem em uma via de transcendência para a busca de solução. Como o ladrão arrependido que clamou pela compaixão e solidariedade a Jesus (cf. Lc 23,42), hoje como ontem os homens que vivem na dor e no sofrimento (prova ou tentação) clamam: *e não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno*.

2.8.2 Não a autoconfiança, e sim na confiança incondicional em Deus

Essa conclusão do Pai-Nosso: *mas livra-nos do Maligno*, confirma efetivamente a confiança incondicional do homem em Deus. Trata-se de uma ruptura entre o antes e o depois da vida de um homem: a *lei* e o *Evangelho*. A *lei* deixa o homem entregue às suas próprias forças (autoconfiança) e o desafia a empregá-las no máximo, mas sem Deus a *lei* em nada o satisfaz (cf. Jo 15,5). Enquanto que o *Evangelho* coloca o homem diante do dom de Deus e lhe pede que faça desse dom inefável o verdadeiro fundamento de sua vida⁸⁸. Da gratidão de filho de Deus remido, brota o fruto de uma vida nova: *a vida da graça*, que apaga para sempre a “experiência amarga do passado”⁸⁹.

A vida da graça, isto é, do homem remido por Deus (cf. Rm 8,28), segundo L. Boff, se manifesta pela luta constante contra o maligno e suas seduções: resistência às tentações e arrependimento na queda, obediência ao Senhor e prática da *vontade de Deus* (cf. 1 Ts 4,3)⁹⁰.

⁸⁶ Cf. FRANCISCO (Papa). Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/EVANGELIIGAUDIUMPapaFrancisco2013CEP.pdf>. Acesso em: 27 de Junho de 2014, n. 52-109.

⁸⁷ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 141.

⁸⁸ Cf. JEREMIAS, J. *O sermão da montanha*, p. 57.

⁸⁹ O cativo (cf. 2 Rs 24,12); a escravidão (cf. Rm 6,16); a cegueira espiritual (cf. 1Jo 2,11); dar lugar ao diabo (cf. Ef 4, 27) e a condenação eterna (cf. Jo 5,29).

⁹⁰ Cf. BOFF, L. *A Graça Libertadora do Mundo*, p. 16; cf. LAPIDE, P. *Filho de José? Jesus no judaísmo de hoje e de ontem*, p. 32-33.

Leonardo Boff termina sua reflexão afirmando que o maligno procura, constantemente, corromper sempre a obra de Deus, semeando divisão no coração humano, entre corpo e alma, entre o homem e Deus, nas relações interpessoais, sociais, internacionais e também entre o homem e a criação. Destarte, o maligno semeia guerra e Deus cria paz. Nessa situação angustiante, o fiel e a comunidade humana gritam: Pai livra-nos do Maligno e de todas suas seduções⁹¹. Trata-se de um grito de confiança porque Jesus disse: “se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vós o tereis” (Jo 15, 7). Nosso Senhor promete de maneira clara, em inúmeras circunstâncias de sua vida terrena a onipotência da oração. “Pedi vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá” (Mt 7, 7-8). Quem colocaria em dúvida o juramento do Divino Salvador? Quem ousaria contradizê-Lo? Deus resiste somente aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes (cf. Tg 4, 6).

Concluindo, se pode cogitar que as duas últimas petições do Pai-Nosso, a sexta e a sétima, expressam respectivamente: a preocupação com as possibilidades de pecado futuro e a necessidade de proteção de Deus nos perigos da vida. Visto que o tentador anda a volta do homem para enganá-lo e destruir. Destarte, o homem que se reconhece frágil e vulnerável às seduções do tentador, lança o um grito de socorro a quem o pode salvar. Pois, Deus disse: “Vós me invocareis, vireis e rezareis a mim, e eu vos escutarei” (Jr 29,12).

⁹¹ Cf. BOFF, L. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*, p. 143.

3 ESTUDO DO PAI-NOSSO NA PERSPECTIVA CULTURAL MOÇAMBICANA

A seção que agora inicia trata-se do centro da dissertação. Nela serão discutidos alguns aspectos informativos e descritivos sobre Moçambique e o seu povo na sua relação com Deus. E na segunda parte da mesma seção serão, também, discutidas as sete petições com o intuito de demonstrar que a oração do Pai-Nosso para o povo moçambicano não é uma teoria, ela é vida. Visto que a vida desse povo está impregnada dos valores contidos na oração do Pai-Nosso.

3.1 DADOS GERAIS DE MOÇAMBIQUE⁹²

Moçambique é um país localizado no sudeste da África, limitado a norte pela Tanzânia, a noroeste pela Zâmbia e Malawi, a leste pelo canal de Moçambique e pelo Oceano Índico, a sul pela África do Sul, a sudoeste pela Suazilândia e África do Sul e a oeste pelo Zimbabwe.

Moçambique foi colônia portuguesa desde 1498 até 1975, ano da sua independência, proclamada no dia 25 de Junho. Faz parte da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), da SADC⁹³ (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), da UA (União Africana), da Commonwealth of Nations (Comunidade de Nações), da Organização da Conferência Islâmica e da Organização Internacional da Francofonia.

Moçambique é oficialmente chamado República de Moçambique. A capital do país é Maputo. Esse país tem uma área de 801.590 km² e a população que nela habita é de 25,83

⁹² Cf. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Disponível em: <http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 06 de Novembro de 2014.

⁹³ Southern Africa Development Community. É um bloco econômico e político composto por 15 países da África Austral (região sul do continente). A sede do bloco fica na cidade de Gaborone (maior cidade de Botswana). A SADC foi criada em 17 de outubro de 1992.

milhões, segundo o censo de 2013. A língua oficial do povo é a língua portuguesa, mas existem muitas línguas nacionais não-oficiais. A moeda oficial é o Metical. O hino nacional é Pátria Amada. O governo é nomeado pelo Presidente da República porque Moçambique é uma república presidencialista. O presidente é eleito democraticamente por um mandato de cinco anos.

a) Subdivisões

Moçambique está dividido em 11 Províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo e a Cidade de Maputo que tem estatuto de província. As Províncias estão divididas em Distritos, os Distritos estão divididos em Postos Administrativos e esses em localidades.

b) Economia

As principais fontes de receita e seus produtos são: *agricultura* (algodão, cana-de-açúcar, castanha de caju, polpa do coco, milho, amendoim, feijão e mandioca) e os diversos recursos florestais; *pecuária* (bovinos, suínos e ovinos); *pesca* (todos os produtos do mar com principal destaque para o camarão e o sal); *minérios* (carvão, grafite, bauxite, ouro, pedras preciosas e semipreciosas, mármore e gás natural); *indústria* (fundição de alumínio, bebidas, tabaco, barragens hidroelétricas e transportes) e *turismo* (zonas propícias do mergulho nos seus mais de dois mil quilômetros de litoral, parques e reservas de animais no interior do país).

c) Clima

Moçambique tem um clima húmido e tropical com estações secas de Junho à Setembro. As temperaturas médias variam entre os 13^o - 24^o C em Julho a 22^o - 31^o C em Fevereiro. O clima tropical é influenciado pelo regime de monções do Oceano Índico e pela corrente quente do canal de Moçambique. A estação das chuvas ocorre entre Outubro e Abril.

d) O povo de Moçambique

O povo que habita esse país é incluído no grande grupo dos Bantos que povoam a região da África ao sul do Deserto de Saara. Dentro desse povo que povoa Moçambique há subdivisões ou etnias, a saber: os Suahilis, os Macuas-Lomués, os Makondes e os Ajauas (no Norte); os Mandaus, os Senas, os Chonas e os Chuabos (no Centro); os Angonis, os Tsongas, os Chopes e os Bitongas (no Sul).

e) Religião

O censo de 2007 revela que 56,1% da população moçambicana é cristã; 17,9% é muçulmana; 7,3% pratica a religião neo-pentecostal (ou novos grupos religiosos) e 18,7% pratica a Religião Tradicional. Contudo, a religião cristã católica tem maior expressão tanto nas áreas urbanas como nas rurais.

f) Cultura

Moçambique é reconhecido por seus artistas plásticos: *escultores* (principalmente da etnia Makonde); *pintores* (inclusive em tecido), tais como: Malangatana (in memória), Naguib, Ismael Abdula, Samat, Idasse, entre outros e a *música vocal moçambicana* que impressiona os visitantes em todos os cantos do país. É digna de nota a *Timbila chope* considerada patrimônio mundial.

3.2 JUSTIFICATIVA

A demonstração permitirá aos missionários e a quem é apaixonado pelos ensinamentos do Senhor a buscar o que há de verdadeiro e santo na cultura e nas religiões tradicionais do povo moçambicano⁹⁴, como base para a inculturação do Evangelho.

Se for verdade que ninguém nasce fora de uma cultura ou de uma tradição religiosa é verdade, também, que ninguém nasce cristão. Para que a pessoa se torne cristã é necessário que receba, antes, o anuncio da Boa Nova (cf. Mt 28, 18-20; Mc 16,15-16) que faz nascer a

⁹⁴ A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo em cada povo, pois, ela considera com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas que refletem lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens (cf. *Nostra Aetate*, 2).

fé (cf. Jo 20,31) no Deus que se encarnou e se fez companheiro de viagem de todos os peregrinos da terra rumo à pátria celeste. Não é necessário que o destinatário da Boa Nova renuncie a sua natureza para estar diante do Senhor, como insistiam os primeiros missionários ocidentais, em convencer o povo a renunciar a sua natureza e assumir valores e tradições ocidentais para se tornar cristão⁹⁵.

A *Congregação da Propaganda Fide* condenou essas atitudes, em 1907, com a seguinte tese: “Que há mais absurdo que levar para China o que é próprio da França, Espanha, Itália ou de qualquer parte da Europa? Não leveis estas coisas, mas a fé, que não suprime nem prejudica os ritos e costumes de nenhum povo, a não ser que se trate de costumes e ritos insensatos”⁹⁶.

Infelizmente, durante séculos os missionários insistiram na conversão obrigatória:

Na medida em que o cristianismo avançou com formas de violência simbólica que facilmente conduziu a uma pastoral sacramentalista e assistencial [...], em muitos casos, de submissão; e, em outros, até ao extremo para poder legitimar situações de injustiça e de pecado. [...]. África é esta velha terra onde a humanidade é tratada com desprezo desde há muitos séculos⁹⁷.

Mas, a verdade manda dizer que Deus permitiu que cada povo fosse ao seu encontro na condição que se encontra para sair transformado desse encontro com vista a transformar tantas situações de trevas na sua vida (cf. Mt 11, 28-30).

Como se depreende, Deus em seu infinito amor por todos os povos continua presente em cada cultura e em cada religião, imprimindo no coração do homem o seu mistério de amor, doação e entrega (cf. *Verbum Domini*, 7-8; 43; 116; 118-120). Esse mistério está profundamente enraizado no cotidiano da vida do povo moçambicano. O que os missionários são chamados a fazer hoje, em Moçambique, é oferecer às pessoas a oportunidade de encontrar-se com o Deus vivo e presente na própria vida, que O acolham e se deixem conduzir por Ele, para poderem viver melhor, de maneira mais acertada e sadia. Para que isso aconteça é necessário que os missionários se dispam de preconceitos e vão ao encontro do povo para conhecê-lo e aceitá-lo, abraçando-o com sua humildade. Esse encontro servirá de ponte para o anúncio da Boa Nova que iluminará os lampejos daquela Verdade que nutre esse povo:

⁹⁵ Essa imposição afastou o povo moçambicano do seu mundo cultural, religioso e familiar. O povo destituído das suas tradições passou a assumir o espírito europeu, caminhando assim para a destruição gradativa dos seus valores profundos e de sua cultura.

⁹⁶ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 52.

⁹⁷ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 53.

Explicar autenticamente a fé cristã. O africano é uma pessoa de profunda relação com o Divino e aqui, o missionário não deve pretender ensinar o africano a ter fé; o missionário deve ajudar o africano a centralizar a sua fé na pessoa de Jesus Cristo e no Evangelho. Claro que, para isso, o missionário deve ser, antes de mais, uma pessoa de fé devendo se permitir dar testemunho da pessoa de Cristo⁹⁸.

O missionário que for ao encontro desse povo desarmado de todos os preconceitos chegará à mesma conclusão dos padres da Igreja (séculos: IV-VI), apesar da sua posição negativa em relação às religiões não cristãs, reconheceram certos indícios positivos: havendo nelas elementos teológicos e litúrgicos aptos a serem purificados e assumidos pelo cristianismo⁹⁹. Hoje há maior razão para levar a bom termo essa discussão dado que:

A Igreja vive diariamente com os adeptos das religiões tradicionais africanas. Estas religiões, que fazem referência aos antepassados e uma forma de mediação entre o homem e a Imanência, são o húmus cultural e espiritual donde provém a maior parte dos cristãos convertidos e com o qual mantêm um contacto diário (*Africae Munus*, 92).

De fato, a religião cristã quando chegou em África encontrou um povo crente, portanto, o missionário não precisa ensinar o africano a ter fé, sua missão é explicar autenticamente a fé cristã ao povo para que encontre razões de abandonar alguns costumes e ritos insensatos das religiões tradicionais para aderir à fé cristã. Visto que muitos dos seus costumes e ritos impregnam a presença ativa do Espírito de Deus, pois todos eles procuram em última instância a verdade, que é Cristo (cf. Jo 14, 6).

Mas é lamentável que, hoje como ontem, existam alguns missionários que queiram destruir o que há de bom, honrável e belo nesses costumes e ritos para impor o que é próprio das suas terras de origem. Destarte, “Deus permitiu que em cada cultura emergissem partes da verdade. O cristianismo precisa descobrir sua capacidade de enxertar-se na árvore da vida de cada povo e de construir a sua unidade a partir da identidade dos diferentes povos e grupos sociais”¹⁰⁰.

Essa capacidade de enxertar-se na árvore da vida de cada povo consiste no entrosamento da fé com a cultura, num diálogo de enriquecimento recíproco, razão pela qual a Igreja, na sua missão *ad gentes*, há - de receber das culturas tudo o que concorra para a

⁹⁸ AUGUSTO, E. *Os desafios da missão na África*.

Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/Elvira2CMN.pdf>. Acesso em: 11 de Agosto de 2014.

⁹⁹ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 48.

¹⁰⁰ DIAS DE OLIVEIRA, I. *Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano*, p. 87.

edificação da vida cristã, tratará também de propor o Evangelho como fator purificador de toda e qualquer cultura. Por isso, hoje como ontem, toda a evangelização que dispensa o diálogo de enriquecimento recíproco, fere a identidade de um povo:

O problema é real e isto preocupa-nos. Se for verdade que o Cristianismo não está ligado a nenhuma cultura, não é menos verdade que se deve encarnar em cada cultura. Não admira, pois, certa confusão entre Cristianismo e Ocidente, confusão a que boa parte de nossos missionários não conseguiram escapar ao evangelizar-nos. Por isso, insistiram demasiado em convencer-nos de que nada tínhamos de positivo, nada de bom, que todos os nossos costumes e usos tinham nascido no pecado, [...]. Quiseram, depois, destruí-los implacavelmente, num zelo ardente que terá sua recompensa no Reino dos céus, é certo. Todo o problema está em que os nossos missionários estiveram desarmados, quanto ao conhecimento da nossa mentalidade, [...]. Hoje em dia cremos que tal atitude não seria tão compreensível, menos ainda desculpável [...]¹⁰¹.

Foi por essa razão que desde 1498 até 1965 a Igreja Católica em Moçambique foi fortemente impregnada de valores ocidentais. Mas a verdade manda dizer que existe um Moçambique, uno e indiviso, que tem um povo com uma história; um povo que pensa, cria e tem valores, e que, a despeito da secularização difusa, ostenta um patrimônio cultural e religioso digno de respeito que, dentro e por meio da comunidade, concorre para a promoção do indivíduo e para a harmonia do universo.

Nessa ordem de idéia, João Paulo II ressalta que a dimensão primeira e fundamental da cultura de um povo é a sã convivência: “Na verdade, quando as culturas estão profundamente radicadas na natureza humana, contêm em si mesmas o testemunho da abertura, própria do homem, ao universal e à Transcendência” (*Fides et Ratio*, 70).

João Paulo II confessa que:

Os africanos têm um profundo sentido religioso, o sentido do sagrado, o sentido da existência de Deus Criador e de um mundo espiritual. A realidade do pecado, nas suas formas individuais e sociais é bem percebida pela consciência daqueles povos, como sentida também a necessidade de purificação e expiação (*Ecclesia in África*, 42).

Trata-se de um terreno fértil onde a espiritualidade de Jesus alimentada pela oração tão sublime que ficou plasmada no Pai-Nosso pode ser assumida como manancial inesgotável da vida e da esperança do povo moçambicano. Para o efeito, é preciso que o

¹⁰¹ GWEMBE, E. *A mulher na sabedoria banto*, p. 7.

missionário vá ao encontro desse povo com uma visão profética, isto é, contemplar a pessoa com os olhos de Deus, porque Deus habita no mais íntimo de qualquer ser humano.

Segundo J. Mbiti, a tarefa primeira de toda a inculturação da fé cristã consiste em encontrar, nos recursos espirituais, metafísicos e morais de uma dada cultura, as razões profundas que subentendem a adesão das pessoas de hoje à pessoa viva de Jesus Cristo como Senhor e Salvador de toda a sua vida¹⁰².

3.3 BUSCANDO DEUS NA CULTURA E NAS RELIGIÕES TRADICIONAIS

Para provar a existência ou a inexistência de Deus em cada povo é preciso, antes, desarmar-se dos preconceitos e sair para o encontro desse povo. O missionário F. Martinez, desejando buscar Deus na cultura e nas religiões tradicionais do povo moçambicano pesquisou várias obras de antropólogos, etnólogos, sociólogos, historiadores, filósofos e teólogos que pesquisaram culturas africanas, tais como: G. Brentari (1969), H. Desroche (1972), M. Oduye (1979), E. Ciscato (1989), M. Dhavamony (1992), S. Biolo (1992), A. Langa (1992), M. Aguilar (1997), A. Amaral (1997) e A. Ciattini (1997); em seguida participou em várias conferências e, por fim, percorreu todo Moçambique contemplando o povo, no seu dia a dia, com os olhos de Deus, tendo chegado à seguinte conclusão:

O conhecimento de Deus não se encontra nas Escrituras Sagradas ou em qualquer outra fonte escrita, tem que ser buscado nas múltiplas expressões da literatura oral, que são a fonte primária mais importante. Por isso não devemos esperar doutrinas formalizadas sobre Deus e o mundo transcendente. Na África todos conhecem a existência de Deus quase por instinto¹⁰³.

O primeiro argumento que prova a existência de Deus é o nome: Deus é (cf. Ex 3,14). É o próprio *Ser*. Não tem origem nem fim. Ao passo que todas as criaturas recebem dele todo o seu *ser* e o seu *ter*. Essa certeza motiva a busca permanente de Deus no mundo sobrenatural, cuja vinculação, o povo moçambicano, considera essencial para a sua vida e para toda a natureza.

A crença (fé) em Deus penetra a vida desse povo até ao ponto de gerar uma certeza absoluta: “tudo o que é vida, nos seres invisíveis, nos homens, na natureza e nos

¹⁰² Cf. MBITI, J. *Colóquio dos teólogos do Terceiro Mundo* em Acra (Gana), 1977.

¹⁰³ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 131.

acontecimentos de cada dia, recebe a sua eficácia do Primeiro Ser Eficiente. Tal é Deus que existe”¹⁰⁴.

Essa fé em Deus que penetra a vida do povo moçambicano tem como húmus cultural e espiritual a religião. Pois, a religião tem poder de guiar o homem para fazer experiência de vida com Deus. “Isso inevitavelmente promove o encontro entre as duas tradições religiosas, onde a religião africana diz ‘sim’ à tradição bíblica e a tradição bíblica faz o mesmo com os elementos semelhantes da religião africana”¹⁰⁵.

Essa experiência de vida que Deus faz com o povo é tão forte que não se pode conceber Deus - diz Boka Di Mpasi - sem o nome tradicional de cada povo porque Ele fez-se africano¹⁰⁶. O nome é importantíssimo para o homem, desde que foi criado por Deus está colocando nomes em tudo (cf. Gn 2, 20.23), por isso, é um despropósito negar que Deus tenha um nome pessoal que Lhe identifica com cada povo e por meio do qual pode ser invocado. Por essa razão, Deus tem vários nomes africanos.

Diremos que Deus recebe uma infinidade de nomes nesta sociedade. Sim, Deus recebe tantos nomes segundo a maneira ou formas com que ele é apreendido e pressentido pelo homem. [...]. As circunstâncias existenciais e históricas do homem determinam os nomes pelos quais Deus é designado¹⁰⁷.

Esses nomes provam mais uma vez a Sua existência e a Sua intimidade com o povo. Tal existência quanto à intimidade tornaram-se mais nítidas com o mistério da encarnação do Filho de Deus, entendido como resgate e realização suprema da corporeidade e do ser humano. Desde a encarnação do Deus transcendente na pessoa de Jesus, o próprio corpo tornou-se epifania do divino: o divino desposou a corporeidade humana, com as suas leis e limitações.

O ser humano como tal tornou-se espaço privilegiado do encontro com o divino. Pela encarnação de Deus na humanidade de Jesus, realiza-se em pleno o entrosamento do homem com a imanência: o Deus transcendente faz história com os seres humanos, sem se tornar vulnerável, porque mantém a sua alteridade. Nesse seu mistério de encarnação quis Deus, salvar os seres humanos, não de longe, na sua solidão sublime e imperturbada, mas no terreno e na carne deles. Por isso, atrai para Si todo o homem porque só n’Ele o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso:

¹⁰⁴ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 129.

¹⁰⁵ MBITI, J. *Conceitos de Deus na África*, (Prefácio do livro).

¹⁰⁶ Cf. BOKA DI MPASI, L. *On the Popular Religions of Sub-Saharan*, in: *Lumen Vitae*, Bruxelles, XXXIV, 1979, p. 7-37.

¹⁰⁷ LANGA, A. *Questões cristãs à religião tradicional africana*, p.10.

A razão principal da dignidade humana consiste na vocação do homem para a comunhão com Deus. Já desde sua origem o homem é convidado para o diálogo com Deus. Pois o homem, se existe, é somente porque Deus o criou e isto por amor. Por amor é sempre conservado. E não vive plenamente segundo a verdade, a não ser que reconheça livremente aquele amor e se entregue ao seu Criador (*Gaudium et Spes*, 19).

É nesse contexto que o povo moçambicano nunca cessou de buscar Deus¹⁰⁸ e desde a primeira hora que o cristianismo chegou em África com especial destaque para Moçambique, o desejo de buscar Deus na experiência original, humanizadora e libertadora de Jesus Cristo, tornou-se a meta por alcançar.

3.4 DEUS CRIADOR É PAI

Para o povo moçambicano, o *pai* é considerado como o progenitor e o garante da subsistência da família, não só, é também considerado como referência para o ordenamento e a padronização de normas de comportamento na família. Dado que na família estão presentes as relações humanas mais candentes e socialmente mais significativas. Sendo a família o santuário da vida e o berço do ordenamento social, a presença de um pai é indispensável. Por isso, o pai na família tem um papel, inegavelmente, importante¹⁰⁹.

Existe uma crença num *pai* comum para toda a raça humana. Esse *pai* impregna toda a vida do povo moçambicano que O busca encontrar no seu patrimônio religioso como um elemento central da sua cultura. Tal *pai* é Deus que tradicionalmente é invocado como Criador ou Pai celeste.

Deus é invocado, em geral, como *Criador* por que é Ele que cria e ordena tudo o que existe; Ele é a realidade primeira e última, o centro e o círculo que engloba todas as coisas criadas: visíveis e invisíveis¹¹⁰. Mas também, Deus é carinhosamente chamado *Pai celeste*: expressão que sublinha a sua paternidade original para além da qual não existe outra e para distingui-lo do *pai biológico*. Quando o homem se dirige a Deus como *criatura* usa a expressão: *Criador* e quando se dirige a Deus como filho usa a expressão: *Pai celeste*.

Como o homem não vive plenamente segundo a verdade, a não ser que reconheça livremente aquele amor e se entregue ao seu Criador, assim também o povo moçambicano

¹⁰⁸ Cf. MARTINEZ, F. L. *Antropologia Cultural*, p. 180-183.

¹⁰⁹ Cf. MARTINEZ, F. L. *Antropologia cultural*, p. 126-134.

¹¹⁰ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 127.

não pode encontrar a resposta aos profundos enigmas da condição existencial do ser humano sem se abeirar do orbe de Deus.

Por meio de religiões diversas procuram os homens uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana, que tanto ontem como hoje afligem intimamente os espíritos dos homens, quais sejam: que é o homem, qual o sentido e fim da nossa vida, que é bem e que é pecado, qual a origem dos sofrimentos e qual sua finalidade, qual o caminho para obter a verdadeira felicidade, que é a morte, o julgamento e retribuição após a morte, finalmente, que é aquele supremo e inefável mistério que envolve a nossa existência, donde nos originamos e para o qual caminhamos (*Nostra Aetate*, 1).

Essa é a razão pela qual esse povo busca incessantemente a Deus para dar resposta a essas realidades profundas da vida. Considerando que de todas as criaturas visíveis, somente o homem - única criatura sobre a terra que Deus quis por si mesma (cf. *Gaudium et Spes*, 24) - é capaz de conhecer e amar o seu Criador (cf. *Gaudium et Spes*, 12), só ele é chamado a partilhar com Deus, as suas alegrias e esperanças, as tristezas e angústias (cf. *Gaudium et Spes*, 1). Com esse fim foi criado “à imagem de Deus” (Gn 1,27), e tal é a ousadia que tem de se dirigir a Deus com dignidade de criatura ou de filho. Nessa sua relação criatural ou filial com Deus, o homem é chamado a amar a Deus sobre todas as coisas. Assim, o povo moçambicano, no seu dia a dia procura viver uma vida coerente com a sua fé em Deus e no cuidado de tudo o que Ele criou.

A discussão feita até aqui permite elucidar a intimidade e a abertura do povo moçambicano para com Deus. Porque Deus não desiste de tudo realizar, para fazer subir o homem até Si e fazê-lo sentar à sua direita.

3.5 AS PETIÇÕES DO PAI NOSSO NA VIDA DO POVO MOÇAMBICANO

As petições do Pai-Nosso trazem a intimidade, trazem a paz e suprem as necessidades espirituais e materiais do ser humano. Visto que existe uma batalha dentro e na vida de cada ser humano, essa batalha é entre a carne e o espírito. Esse enigma da existência do ser humano é compreensível somente buscando o seu sentido na fonte da vida que é Deus. E, como buscar o seu sentido na fonte da vida? Orando! “E tudo o que pedirdes com fé, em oração, vós o recebereis” (Mt 21,22).

O povo moçambicano antes de receber o anúncio da Boa Nova já se dirigia a Deus como Criador e como Pai, pois acredita que Ele se agrada em ouvir a voz de quem n’Ele se dirige com confiança filial. Essa crença cria no povo o desejo ardente de tocar o coração de

Deus. É maravilhoso esse desejo que faz contemplar o povo moçambicano na unidade da sua origem em Deus. Deus, para o qual todo o gênero humano deve tender, na unidade dos meios para atingir esse fim.

Dessa unidade dos meios, está no centro a oração. É com a oração que o homem toca o coração de Deus e sente o abraço de um Pai que ama ardentemente o seu filho. Um Deus Criador que transborda carinho sobre as suas criaturas. E concede ao homem o grande privilégio de poder amar, transcendendo assim o efêmero e o transitório.

Convencido do poder da oração o povo moçambicano faz dela sua vida. Como? O que pede na oração põe-na em prática no seu agir e no seu viver. Porque as palavras e o pensamento que não se tornam realidade, são estéreis. E a oração, como a do Pai-Nosso, cujo seu impacto se conserva por uma sucessão contínua na vida do povo, ela exige ser vivida, pois, sabe bem rezar quem sabe bem viver.

Olhando para as próprias petições do Pai-Nosso, nota-se que estão entre si estreitamente unidas e comunicantes que não se distingue uma das outras. O que significa que a oração e a vida devem estar entre si estreitamente unidas.

Concluindo, se pode dizer que a oração do Pai-Nosso não se encontra em qualquer fonte escrita desse povo, ela encontra-se nitidamente registrada na vida, meta para a qual se ordena.

3.5.1 Pai nosso que estás nos céus

A oração do *Pai nosso* inicia invocando um Pai que, no entanto também é Pai de todos os povos, pois Deus não é colocado em posição de exclusividade, todos podem invocá-lo, todos podem se colocar sob o Seu orbe. Embora haja diversas formas de se colocar sob o Seu orbe. Trata-se, portanto, de uma invocação comunitária. O que se tem em mente aqui, todavia, é que essa oração não é um convite à repetição, isto é, não é para ser repetida como refrão, ela convida à fé, ou seja, o pronunciante está lançando-se ao desafio de ter fé na invocação do Pai, que está oculto e, todavia, também muito perto para ouvir. Esse Deus que permanece oculto, e que torna reais as coisas ainda inexistentes (cf. Hb 11,1-3), está, todavia, também perto o suficiente para ser ouvido e ouvir os clamores de quem O invoca em espírito e verdade. Contudo, é preciso que essa oração seja vivida.

3.5.1.1 Pai

A palavra *pai* como apelativo de Deus, tem eco em todas as tradições religiosas. E é digna de nota a manifestação da paternidade de Deus que se irradia sobre todo o homem¹¹¹. Essa paternidade gravita no fato de Deus ter criado os homens para que se realizassem no relacionamento com Ele. Trata-se do mistério escondido em Deus antes da criação do mundo e logo manifestado e comunicado à humanidade¹¹². Sendo Deus o criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis¹¹³ e que pela sua bondade e autoridade “fez todo o gênero humano habitar a face da terra” (*Nostra Aetate*, 1), o povo moçambicano não encontra menor dúvida em aceitar *Deus* como *Pai* por excelência. E quão profundo é o impacto desse *pai* na sua vida.

Para distinguir o *pai celeste* do *pai biológico*, o povo moçambicano sublinha três aspectos fundamentais: a *morada*, o *poder* e o *impacto da sua autoridade*. O *pai celeste* tem morada nos céus enquanto que o *pai biológico* tem morada temporária na *terra*. E quanto ao poder, o *pai celeste* tem um poder *eterno* enquanto que o *pai biológico* tem um poder *temporário e limitado*. Sobre o impacto da autoridade dos dois se resume no seguinte: a autoridade do *pai celeste* é absoluta, infalível e inquestionável, por isso, é aceito incondicionalmente pela razão humana, enquanto que a autoridade do *pai biológico* não é absoluta, dado que ela é falível e questionável, por que a razão deste é limitada e falível. Logo, a autoridade do *pai biológico* é aceito com ponderação, enquanto que a autoridade do *pai celeste* deve ser aceito: compreendendo ou não, por que é a suma autoridade da qual procede a verdadeira autoridade do *pai biológico*¹¹⁴.

Sobre a pessoa do *Pai* é preciso ter presente que Deus revelado por Jesus Cristo como *nosso Pai*, segundo o povo moçambicano, está fisicamente presente na pessoa do *pai biológico*, cujo filhos devem-lhe obediência e respeito por toda vida. Dado que para conhecer e amar o *pai celeste* é incondicionalmente necessário conhecer e amar o *pai biológico*, caminho sem o qual a criatura humana não pode nascer e nem pode conhecer e amar o verdadeiro Deus e verdadeiro Pai do qual o *pai biológico* é *pai* por com-participação. É a esse *pai celeste* que o povo moçambicano ao longo da sua história nunca cessou de O buscar; porque incondicionalmente, acredita que todos os homens são filhos amados de

¹¹¹ Cf. LATOURELLE, R; O'COLLINS, G. *Problemas e perspectivas de teologia fundamental*, p. 307s.

¹¹² Cf. LATOURELLE, R; O'COLLINS, G. *Problemas e perspectivas de teologia fundamental*, p. 309s.

¹¹³ As origens do mundo e da humanidade (cf. Gn 1,1-2,4a).

¹¹⁴ Cf. MARQUES, S. C. *Reflexão matutina*. Mumemo (Marracuene/ Maputo), 20 de Julho de 2013.

Deus, a quem Ele não desiste de indicar, todos os dias, os caminhos da felicidade e da vida eterna¹¹⁵.

Nessa firme certeza, o povo moçambicano, na sua cultura e nas religiões tradicionais, manifesta a sua total entrega à vontade de Deus Pai, sobretudo, nos momentos de crise, de derrota e de sofrimento, procura conservar os olhos postos nessa certeza: Deus ama todas as pessoas; por isso, oferece-as, de forma gratuita e incondicional, a salvação.

É preciso, no entanto, disponibilidade para acolhê-lo e atenção aos sinais através dos quais Ele se revela. Essa disponibilidade que se manifesta na vida cotidiana forma o arco-íris do ciclo vital do povo moçambicano que adquire consistência e unidade em um só Deus que se apresenta como *Pai*¹¹⁶. Não importa a sua doutrina, para Deus o que importa é o lugar que Ele ocupa no seu interior ou no seu coração.

A certeza de existência de Deus autor da vida e *Pai* de todos os homens faz com que o povo moçambicano mantenha a unidade na diversidade de crenças. Hoje, há mais razões para manter essa unidade e propagá-la de gerações em gerações para que aqueles que recebem o testemunho dos outros encontrem a vida e felicidade, em Deus. Esse legado é preservado e transmitido a novas gerações pelos pais como um mandato:

Deus falou e se manifestou aos antigos chefes do povo, ensinando-lhes muitas coisas e preparando-lhes uma habitação. Os chefes mantiveram contacto com Deus de quem receberam o mandato [...]. Esta voz não se apagou. Foi transmitida de pais para filhos e chegou até aos nossos dias. Além disso, a vida que temos deriva de Deus, aquele que tem o gérmen paterno e a substância materna¹¹⁷.

Essa firme certeza num Deus que se revela com “o gérmen paterno e a substância materna” na vida desse povo, transforma o seu agir e o seu viver.

3.5.1.2 Pai nosso

A busca do sentido do enigma da existência do ser humano forma um sistema completo e coerente do pensamento antropológico, ético e religioso que parte da concepção da coesão da *força vital* (Deus) identificada como origem e essência do *ser*. Dado que o *criador* (Deus) e o *criado* (gênero humano) estão de tal maneira entrelaçados e unidos, que o *criado* não tem subsistência sem o *Criador*. Por isso, o desejo de buscar Deus é um

¹¹⁵ Cf. LANGA, A. *Questões cristãs à religião tradicional africana*, p. 19-20.

¹¹⁶ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 110.

¹¹⁷ MARTINEZ, F.L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 130.

sentimento inscrito na alma do povo moçambicano, porque se acredita que o homem e a mulher foram criados por Deus e para Deus. E Deus não cessa de atrair a eles para Si e só em Deus é que eles encontram a verdade e a felicidade que procuram sem descanso¹¹⁸.

A certeza da presença de Deus que se revela como: “pai, salvador, criador, procriador, vivificador, santo, altíssimo e distribuidor”¹¹⁹, na vida cotidiana do povo moçambicano e na história da humanidade leva esse povo a desvendar tal mistério por meio dos ritos religiosos como caminho que o leva a desembocar na face de Deus Pai que é o princípio e a realização plena do ser humano.

Esse reconhecimento da presença de Deus Pai em todas as esferas da existência humana é transmitido de geração em geração¹²⁰ tornando, por conseguinte, evidente as pegadas de Deus Pai na vida e na história de quem deseja O buscar. Sendo Ele, Pai de cada *individuo* enquadrado numa família nuclear ou alargada e esta, numa sociedade integrada e global, na qual cada coisa permanece unida, Deus se entende resolutamente como *Pai nosso*, ou melhor, dito, *nosso Pai*¹²¹.

Deus é Pai, mas cabe a mim, a ti e a todo o povo reconhecer a sua paternidade. Porque só em Deus e somente nele devem se alicerçar a fraternidade universal e o amor entre as diversas pessoas que partilham a experiência da vida como membros integrantes da mesma família humana que peregrina sobre a terra rumo à terra prometida (a pátria celeste)¹²².

Por isso, o povo moçambicano, com temor e tremor, vive constantemente na busca incansável desse *Pai* cuja presença viva e silenciosa se revela em todas as criaturas.

3.5.1.3 Que estás nos céus

A expressão *que estás nos céus* indica, por um lado, a morada de Deus, isto é, o paraíso ou a sede de Deus¹²³ e, por outro a transcendência de Deus¹²⁴. Por ser um Deus eterno, ou seja, por não ter começo nem fim, a expressão, indica a imensurável grandeza e

¹¹⁸ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 124-125.

¹¹⁹ MARTINEZ, F. L. *El Pueblo Tswa: Analisis de los valores culturales de pueblo tshwa de Massinga (Mocambique)*, p. 70.

¹²⁰ Cf. MARTINEZ, F. L. *Existência do Ser Supremo nas culturas Changane e Ronga*, p. 2-5.

¹²¹ Cf. NKAUFU NKEMNKIA, M. *Vitalogia: principio del pensare africano*, in *Aquinas* (Roma), XXXVIII, 3, Settembre - Dicembre, 1995, p. 599-681.

¹²² MBOE, L. S. *Palavra de anciã e mãe*. Massinga: Xivinzane, 30 de Dezembro de 2012.

¹²³ Cf. LANGA, A. *Questões cristãs à religião tradicional africana*, p. 9-10.

¹²⁴ Cf. MARTINEZ, F. L. *El Pueblo Tshwa: Analisis de los valores culturales de pueblo tshwa de Massinga (Mocambique)*, p. 69.

onipotência de Deus e, exprime também a conexão entre o espaço da existência humana e o território do sagrado.

Como se depreende *céus* fazem o arco-íris com a *terra*. Esse arco-íris delimita o espaço onde Deus e a criatura humana estabelecem a relação de Pai para filho e vice-versa. Essa relação por ser misteriosa é acessível ao homem, cuja razão é limitada e falível, por meio da mística ritualizada e culturalmente vivida.

Para o povo moçambicano que acredita, como outros povos, que “Deus existe como fonte primeira de tudo o que tem vida e das demais coisas”¹²⁵, não pára de O procurar, pois Ele se revela continuamente na sua criação¹²⁶. É nessa procura que o povo moçambicano experimenta vivamente o contacto com Deus e sente-O como algo que diretamente lhe toca nos acontecimentos da vida. Esse contacto contagiante alimenta a fé: “A fé em Deus penetra a sua vida. A experiência religiosa vive-se como uma dependência estrutural com o mundo transcendente, sem o qual não é possível existir. Esta dependência torna-se comunhão através da vivência mística ritualizada no culto”¹²⁷.

Destarte, o povo moçambicano sabe que, “apesar de todos os recursos aos meios possíveis para solucionar os problemas da vida, Deus tem sempre a última palavra antes das questões importantes dos homens porque d’Ele tudo depende”¹²⁸.

Como se pode cogitar a invocação com a qual se inicia a oração do Pai-Nosso apresenta Deus como Pai. Sendo Ele o *pai* de todo o gênero humano é carinhosamente chamado *nosso Pai* (Pai Nosso). Esse *pai* por ser um Deus transcendente tem a sua morada *nos céus*, donde a todos e a tudo contempla e exerce o seu poder benfazejo como criador e Pai. É esse *pai* que de muitos modos e por diversas religiões, o povo moçambicano procurou-O encontrar, tendo chegado, hoje, a uma feliz notícia segundo a qual todos os homens podem se dirigir a Ele com a mesma intimidade filial de Jesus.

3.5.2 Santificado seja o teu Nome

A fé em Deus que penetra a vida do povo moçambicano é de modo constante, forte e unânime no seu cotidiano. Essa fé é alimentada pela certeza absoluta de que Deus é o

¹²⁵ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 129.

¹²⁶ “Os sinais da existência de Deus são, em primeiro lugar, os fenômenos da natureza já que o homem por si só não é capaz de descobrir as suas causas e os seus mecanismos; em segundo lugar, a própria vida e a morte são outros sinais da existência de Deus, pois ultrapassam o domínio do homem. O homem recorre permanentemente ao mundo sobrenatural, cuja vinculação considera essencial para a sua vida e para toda a natureza” (MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 128).

¹²⁷ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 129.

¹²⁸ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 129.

criador de todas as coisas (cf. Ap 4,11)¹²⁹. Por isso, se torna dever para toda a criatura humana, invocar, bendizer, louvar e glorificar o seu Santo Nome. Por outro lado, é uma obrigação evitar o abuso de invocar o Santo Nome de Deus para justificar um descaso ou crime, e ainda todo o uso inconveniente do seu Santo Nome, como a blasfêmia, que por sua natureza é um pecado grave, as omissões e a infidelidade às promessas feitas em seu Nome. E não se pode, nunca, jurar nem pelo Criador, nem pela criatura, senão com verdade, por necessidade e com reverência. Porque Deus penetra no íntimo do ser humano e tudo sabe; nada pode ficar ignorado por Ele e nada lhe está oculto porque vê tudo, seja de noite ou de dia¹³⁰.

3.5.3 Venha o teu Reino

A fé em Deus cujo nome deve ser santificado e os seus poderes estão acima das capacidades dos homens e dos espíritos e a sua permanente ação benéfica em favor dos homens e da natureza se faz sentir¹³¹, atrai o povo moçambicano a invocar incessantemente a Deus para que abrace a humanidade inteira com o Seu Reino, em especial para o povo que n'Ele crê, invoca e apresenta tudo o que acontece na sua vida com confiança filial.

As experiências das situações extremas da vida (a dor, o sofrimento, a doença, a morte) são outros tantos motivos que leva o povo moçambicano a pedir pela vinda do Reino de Deus sobre a terra. Esse pedido é feito com firme certeza de que Deus não ignora nada e pelo fato de que Ele demonstra estar ligado com a própria natureza essencial do ser humano, nas pessoas e, em sincronismo, com os fluxos da Terra¹³². Destarte, é pela preservação da própria humanidade e de tudo o que existe na Terra que faz com que esse povo clame pela vinda do Reino de Deus¹³³.

Segundo a cosmovisão do povo moçambicano, o universo está dividido em dois reinos: o *reino dos céus*, considerado perfeito e o *reino terreno*, considerado imperfeito. No *reino terreno* vivem todas as criaturas, estando no centro das atenções o ser humano e no *reino dos céus* vive Deus donde a todos e a tudo contempla e exerce o seu poder benfazejo.

¹²⁹ Cf. LANGA, A. *Questões cristãs à religião tradicional africana*, p. 12-13.

¹³⁰ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 140-146.

¹³¹ Cf. Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 149-156.

¹³² Cf. LANGA, A. *Questões cristãs à religião tradicional africana*, p. 142-145.

¹³³ Cf. COLLOQUE SUR LÊS RELIGIONS. Abidjan, 5-12 de Abril de 1961.

Esse povo, cômico de que Deus transcende a vida das pessoas e permanece perto delas, sente-se impellido a pedir a vinda do seu Reino sobre a terra para instaurar o reino dos homens¹³⁴.

3.5.4 Seja feita a tua vontade na terra, como céu

Essa petição, segundo o povo moçambicano, liga diretamente às duas petições sobre a santificação do Nome de Deus e da vinda do Seu reino sobre a terra. Porque só Deus, origem e sustento de todas as criaturas pode satisfazer todo o tipo das necessidades dos homens no momento exato. Por isso, a formulação dessa petição (*seja feita a tua vontade na terra, como céu*), se encaixa na mente desse povo que nunca duvidou que o curso dos acontecimentos da vida do homem e do universo depende do querer de Deus¹³⁵: se Deus quiser.

3.5.4.1 Seja feita a tua vontade

Já que tudo acontece conforme a vontade de Deus, faz sentido, para o povo moçambicano, pedir a Ele para manifestar a sua vontade, porque a vontade do homem, sem ser iluminada pela suma vontade de Deus, nada pode fazer.

Esse povo humilde reconhece profundamente que Deus tem o mundo em suas mãos. Essa crença está enraizada em três pilares: *plenitude do poder, sabedoria e bondade*. Deus que governa a obra das suas mãos com *poder, sabedoria e bondade* levará a bom termo a vontade do homem que é iluminada pela Sua suma vontade¹³⁶. É pela experiência da vida e do seu contato com a natureza que o povo moçambicano descobriu Deus que continuamente se dá a conhecer para quem O procura.

Esse argumento se fundamenta em duas verdades inquestionáveis: nenhum ser vivo pode gerar o seu alimento, nem garantir a sua sobrevivência para o dia seguinte. Tudo isso é garantido por Deus¹³⁷, por isso, é dever do homem desejar e pedir que a vontade de Deus seja feita em sua vida, porque sem mérito algum, o homem recebe graças e bênçãos que Deus proporciona à medida que lhe concede vida e saúde para lutar pela sua sobrevivência.

¹³⁴ MARTINEZ, F. L. *El Pueblo Tshwa: Analisis de los valores culturales de pueblo tshwa de Massinga (Mocambique)*, p. 264-267.

¹³⁵ Cf. MARTINEZ, F. L. *A Vida do Povo Tshwa*. Vilankulo: Manuscrito, 1987.

¹³⁶ Cf. MATSINHE, M. M. *Deus na Cultura Tshwa*. Seminario Santo Agostinho de Matola: Manuscrito, 1994.

¹³⁷ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 121.

3.5.4.2 Na terra, como céu

A verdade segundo a qual a benfazeja vontade de Deus é feita no trono de Deus (no céu) e ao mesmo tempo esse trono de Deus é o coração do homem que peregrina sobre a “terra” (escabelo dos pés de Deus), é lógico que o homem, cômico das suas limitações e tentações que o mundo lhe oferece, peça para que a vontade de Deus seja feita na terra, como céu.

Recorre-se a Deus porque a sua obra benfazeja “em benefício dos homens realça sua imanência, sua proximidade na vida dos homens, o amor de pai-mãe, a ação salvadora, seu papel de defensor ante as injustiças e sua proteção aos mais desafortunados”¹³⁸.

Para o povo moçambicano que tem experiências amargas das atitudes negativas do homem que age à margem da vontade de Deus¹³⁹, faz sentido pedir para que Deus desfaça e impeça todo o mau plano e vontade do homem que não santifica o Santo Nome de Deus, não deixa o reino de Deus vir e não permite que a vontade de Deus seja feita na terra como no céu. Porque bem sabe que o bem querido pelo homem, cujo coração se volta para Deus, acontece quando Deus o fortalece e o mantém firme na sua palavra e na fé, até ao fim.

De qualquer modo, se a busca se tornar difícil, nada de desistência, será a própria vontade de Deus a ir ao encontro de quem a busca, ou melhor, dito, a precedê-lo. Pois, está escrito: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo” (Ap 3,20).

Concluindo, se pode dizer que o povo moçambicano ao desejar que a vontade de Deus seja feita na terra como no céu, visa o maior bem para o homem e para a natureza, pois Seus planos e propósitos são perfeitos. E por outro lado, para que a vontade do homem seja plenamente satisfeita na terra é necessário que esteja em sintonia com a vontade de Deus.

3.5.5 O pão nosso de cada dia dá-nos hoje

A vida e a comunhão de um povo são fundadas e vivificadas na partilha do *pão* que é expressão visível do amor entre os esposos, pais e filhos, parentes e amigos. Como, sem o amor, a família não é comunhão de pessoas, assim, sem o pão, nenhum povo pode viver e

¹³⁸ MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 149.

¹³⁹ Cf. GWEMBE, E. A miséria do povo não pode continuar a ser a riqueza de quem governa! *Canal de Moçambique*. Maputo, p. 15, 25 de Julho de 2012.

aperfeiçoar-se como um povo coeso que deseja ardentemente crescer na unidade indivisível e perpétua.

O homem não pode viver sem o pão. Se não lhe for dado o pão, ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido¹⁴⁰.

A partilha do pão entre os membros da família, ou seja, entre os esposos, pais e filhos, parentes e amigos, torna o homem compreensível e sua vida ganha sentido, gerando neste, um dinamismo interior e incessante do amor que conduz a família ou uma nação inteira a uma comunhão sempre mais profunda e intensa. Esse dinamismo interior e incessante se depreende como fundamento e alma da comunhão de um povo com o seu Criador.

3.5.5.1 O pão

O pão simboliza o alimento indispensável e cotidiano para o sustento da vida física. A partilha do pão para o povo moçambicano caracteriza-se não só pela comunhão dos comensais, mas também pela sua união íntima e indivisível. Essa união íntima torna-se um dom recíproco entre os membros da família e da sociedade em geral. E, exige, do mesmo modo que as circunstâncias existenciais de um membro sejam assumidas por toda a família ou sociedade¹⁴¹.

Tal partilha radica-se na certeza de que Deus que se revela como *Pai*, chama o homem à existência para viver em comunhão que se confirma e se aperfeiçoa na partilha do pão e da vida.

A família moçambicana, desde a tradicional até a cristã é, portanto, chamada a perpetuar por sua natureza e dinamismo interior a partilha do pão que sustenta o amor fraterno.

Um momento fundamental e indispensável da família moçambicana é o da reunião em volta de um e único prato onde todos metem a mão para se alimentar. Esse gesto faz recordar para os cristãos, a última ceia de Jesus com os seus Apóstolos (cf. Mt 26, 20.26-27) quando passou de mãos em mãos o único pão e o único cálice para manifestar o espírito da partilha nos bens, nas alegrias e nos sofrimentos. Não se trata de falta de pratos para o povo moçambicano, nem de falta de pão e de cálices para igual número dos comensais da última

¹⁴⁰ Cf. MAZULA, B. Exclusão social pode pôr em risco a paz e a estabilidade social em Moçambique. *Palestra sobre a prevalência da paz em Moçambique*. Maputo, 07 de Outubro de 2010.

¹⁴¹ Cf. GEORGE S. *Études sur les formes de la socialisation*, p. 39-79.

ceia de Jesus, mas sim, trata-se de demonstrar que a comunhão fraterna se torna realidade na convivência, na partilha da refeição, dos mesmos bens e nas mesmas circunstâncias, onde cada um dá e recebe, mediante o amor e o respeito recíprocos¹⁴². Comer juntos desenvolve união, relacionamento, coesão; ajuda a desenvolver comportamentos sociais; é uma oportunidade de criar memórias, ouvir os filhos, o marido, a mulher, dar boas risadas e fortalecer os vínculos familiares.

A experiência mostra que toda a família que mantém vivo o hábito da partilha do alimento e da vida cotidiana, não ignora como o egoísmo, o descaso, o desacordo, as tensões e os conflitos agridem de forma violenta e mortal, a vida e a comunhão fraterna.

No mundo, a fonte de todas as tensões e conflitos que agridem de forma violenta e mortal, a vida e a comunhão fraterna é o descaso na partilha do pão que Deus providencia gratuitamente à humanidade. O povo moçambicano, cômico de que é chamado por Deus que se revela como Pai da misericórdia e do amor infinito, para fazer a experiência alegre e renovada da comunhão restabelecida e unidade reencontrada que se depreende na partilha do pão que um dia faltou para alguns em detrimento de outrem que tem a coragem de tirar na boca do seu semelhante o pão necessário para cada dia, tudo o que tem (muito ou pouco) partilha com o próximo (cf. *Africae Munus*, 29).

3.5.5.2 O pão nosso

Enquanto é, e deve tornar-se motivo de comunhão entre pessoas, o pão é estímulo para acolher, respeitar e promover cada um dos membros da família ou da sociedade na altíssima dignidade de pessoas, isto é, de imagens vivas de Deus. Segundo o povo moçambicano, o critério moral da autenticidade das sãs relações familiares e sociais consiste na partilha incondicional do pão. Nessa perspectiva, o povo moçambicano presta muita atenção especial aos idosos, doentes, crianças e aos imigrantes que por si só não podem prover o seu próprio sustento: o pão. É de ressaltar que tudo é feito para que o *eu* que vive no *tu* não desfaleça. E a outra razão é: “A beleza das pessoas está na capacidade de amar e encontrar no próximo a continuidade de seu ser [...]. E, também, em reconhecer que nessa vida você estará sempre precisando de alguém e sempre terá alguém precisando de você”¹⁴³.

Destarte, quando se partilha o pão com os demais se enraízam as relações familiares e sociais. É na partilha, segundo o povo moçambicano, que o *pão* se torna *nosso*. Quando o

¹⁴² Cf. ARAUJO, R. Somos chamados a partilhar o pão com misericórdia. *Reflexão*. 08 de Janeiro de 2013.

¹⁴³ MARTINEZ, F. L. *A vida do povo tshwa*, p. 18.

pão é partilhado por ser *nosso*, se depreende que Deus que é o providente desse *pão*, é verdadeiramente *nosso Pai*.

Alcança essa verdade quem oferece o seu obséquio religioso de fé a Deus e O obedece como único e eterno Pai que não faz acepção de pessoas e a todos providencia o pão de cada dia.

Segundo o povo moçambicano, tudo o que a razão intui e reconhece sobre o valor do *pão* na vida das pessoas, constitui um apelo incondicional para que a ninguém lhe seja negado o *pão* de cada dia porque é *nosso*. De fato, tal *pão* será *nosso* e tal *Pai*, também, será *nosso* quando na evolução sócio-cultural e religiosa de cada povo for verdadeiro e plenamente acolhido com o seu valor original e insubstituível.

3.5.5.3 O pão de cada dia dá-nos hoje

A situação da fome que assola ciclicamente maior parte do povo moçambicano e ameaça a própria espécie humana em muitos países em via de desenvolvimento, indubitavelmente, exige medidas urgentes a curto e longo prazo para salvar milhões de vidas. Os efeitos devastadores, dessa fome, fazem com que o povo moçambicano anseie ter *pão* que é puro dom de Deus concedido à raça humana, em cada dia. Em virtude desse direito ao *pão*, toda a pessoa vítima da fome deve ser imediatamente socorrida, pois, acredita-se que qualquer indivíduo tem deveres para com seus semelhantes e para com a coletividade a que pertence, tendo, conseqüentemente, a obrigação de lutar, com o auxílio de Deus, pela promoção da vida e demais direitos inerentes à dignidade humana (cf. *Ecclesia in Africa*, 43.68).

Considerando a crise alimentar cujas causas se encontram tanto na natureza como nas ações negativas do homem, urge para esse povo pedir para que lhe seja concedido, *hoje*, o *pão* de cada dia. Pois, para que o homem possa viver segundo a vontade de Deus é necessário que tenha o *pão* no *dia* que se chama *hoje*, isto é, *agora e sempre*. Porque o *pão*, quando é partilhado, sustenta, cria bom relacionamento com os semelhantes e reforça a perseverança no amor até ao fim.

Cumprido, então, salientar que a questão do *pão*, em Moçambique, como em qualquer parte do Planeta-Terra, não se trata de um favor para quem o recebe, mas sim, trata-se de direito para quem o recebe quanto para quem o dá. Não é por mérito que o alimento chega aos homens é pelo puro dom de Deus. Essa concepção do povo moçambicano comanda as

ações de todos os homens na busca e na partilha desse puro dom de Deus para que a ninguém falte o mínimo necessário para sobreviver¹⁴⁴.

É absurdo, que uns pereçam por falta do mínimo necessário para sobreviver enquanto que uns e outros descartam toneladas de comida por dia.

Com relação ao clamor do povo moçambicano sobre o *pão de cada dia* que se pretende que seja dado no dia que se chama *hoje*, isto é, *agora e sempre*; ressalta-se a necessidade da doação e partilha desse puro dom de Deus a todos os homens de todos os tempos e lugares.

Conclusão: no início da discussão dessa petição sobre o *pão nosso*, foi dito que a vida e a comunhão de um povo são fundadas e vivificadas na partilha do *pão*. De fato, quando falta o pão na família ou numa nação a vida e a comunhão entram em colapso e, conseqüentemente, gera-se um caos total. O povo moçambicano que tem atravessado momentos cruciais no que diz respeito à falta do *pão*, aprendeu o suficiente para ser compassivo com os seus semelhantes que não têm o que comer. E lamenta o fato de existir no Planeta-Terra pessoas que descartam toneladas de comida por dia, enquanto que muita gente morre por falta do mínimo necessário para viver: o *pão*.

Deus que a todos providencia o alimento cotidiano, não por mérito de quem o alcança, mas pela Sua santa vontade, exorta, a todos os homens, por meio desse povo, a terem compaixão pelo seu semelhante que passa fome.

3.5.6 E perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores

Todos os homens ficam presos numa engrenagem de injustiça e de culpabilidade ao pensar que a vingança é a única reação possível à injustiça recebida. Essa petição, mostra que é possível romper essa engrenagem. Para o efeito, a pessoa ofendida deve fazer com que o amor seja mais forte que a ofensa e a ira que roem o seu coração: procurando dialogar com quem lhe ofendeu com o intuito de dar-lhe uma oportunidade para se resgatar. Essa oportunidade será benéfica para quem a recebe quanto para quem a dá.

¹⁴⁴ Cf. RAFAEL A. Direito humano à alimentação adequada em Moçambique: “quo vadis”. “*Um outro Moçambique é possível*”. Maputo, 19 de Setembro de 2012.

3.5.6.1 O perdão

O perdão é uma possibilidade nova, pois não se conta entre as variáveis normalmente consideradas em situação de conflito (cf. *Africae Munus*, 19-21). A ofensa, o dano, a injustiça clamam ao céu pedindo reparo e vingança. Existe uma dinâmica perversa que multiplica os efeitos dessa negatividade, até fazer dela uma força destrutiva não só do ofensor, mas também do ofendido, pois nesta dinâmica se atinge com facilidade um ponto grave no qual já não é possível discernir o ofensor do ofendido. O mal chama o mal, a violência a violência, a ofensa a resposta adequada, e, deste modo, todos acabam resultando ofensores e ofendidos. Só o perdão e a reconciliação são capazes de romper essa dinâmica diabólica e destrutiva.

A reconciliação não é um acto isolado, mas um longo processo em virtude do qual cada um se vê restabelecido no amor; um amor, que cura por acção da Palavra de Deus. Deste modo a reconciliação torna-se uma maneira de viver e, ao mesmo tempo, uma missão (*Africae Munus*, 34).

Mas, de onde tirar a força para deter essa tempestade de maus sentimentos? O caminho é vencer o mal com o bem e jamais cansar-se de fazer o bem. Essa dinâmica garante a todos o poder incalculável do perdão, feito aos outros e principalmente a quem perdoa. Visto que guardar ressentimento - diz W. Shakespeare - é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra. Deus exige que o perdão seja liberado (cf. Mt 18,21-22). Essa é a lógica de Deus que contagiou o povo moçambicano.

Diante da complexidade dos dramas que afligem Moçambique e das complicitades que as alimentam, há quem preferira se calar e convidar à prudência. Mas os filhos desta terra, discípulos dos seus antepassados, não podem nunca ficar calados. Porque a voz daquele que está nos céus nos interpela a resolver pacificamente qualquer que seja o conflito. Cada ser humano é chamado a ser instrumento do perdão e da reconciliação do Altíssimo na vida dos indivíduos e dos povos¹⁴⁵.

De fato, em Moçambique depois das duas grandes guerras: a de Independência (1964-1974)¹⁴⁶ e a Civil (1976-1992)¹⁴⁷ ninguém foi excluído ou marginalizado porque a

¹⁴⁵ BONICELA, F. Resolução de conflitos. *Tribunal Tradicional*. Muvamba, 20 de Novembro de 2012.

¹⁴⁶ Cf. FILIPE, J. *O fim da guerra colonial em Moçambique*. Maputo: F. Letras U. E. M, 1997; GOUVEIA, F. *M. Análise global de uma guerra (Moçambique 1964-1974)*. Porto: Universidade Portucalense, 2001.

¹⁴⁷ Cf. *Ata do Acordo Geral de Paz de Moçambique, assinado pelos signatários da FRELIMO e da RENAMO*. Dado em Roma aos 04 de Outubro de 1992.

exclusão e a marginalização, do ofensor, não geram vida nova; só o amor e a misericórdia interpelam o coração e provocam uma resposta de amor. O amor e a misericórdia são a solução mágica usada pelo povo moçambicano para sarar as mágoas, ódio e vinganças cujas marcas só o tempo pode apagar¹⁴⁸.

3.5.6.2 Perdoa-nos as nossas dívidas

O perdão é a cura das mágoas causadas pelo descaso, pelos conflitos e pela cultura da indiferença para com a situação concreta do próximo. É por isso que a cultura e as religiões tradicionais do povo moçambicano sugerem e exigem a prática do perdão e da reconciliação onde houver ofensa, conflitos, ódio ou desentendimento. Pelas suas aspirações se depreende que a alma desse povo se orienta constante e incondicionalmente a percorrer com toda a raça humana o caminho do perdão e da reconciliação, tal como o Pai celeste o traçou, ao revelar em si mesmo a sua infinita misericórdia e o seu amor de Pai¹⁴⁹.

Em Deus, todos os caminhos em direção ao homem, tais como foram confiados de uma vez para sempre a todos os povos, no contexto variável dos tempos e lugares, são ao mesmo tempo um caminhar ao encontro do Pai e do seu amor.

Para o povo moçambicano, esse caminhar ao encontro do Pai e do seu amor deve desembocar na necessidade de ouvir e compensar o ofendido, ouvir e compreender o ofensor, facilitando a sua posterior reintegração na família ou na sociedade por uma justiça restauradora e não criminal. Esse espírito de abertura ao perdão e reconciliação baseia-se também no conceito do “*eu em tu e tu em mim*” que parte da idéia tradicional de que a humanidade de uma pessoa está intrinsecamente ligada à humanidade da outra, salientando a necessidade do perdão, da reconciliação e do acolhimento do ofensor e a eliminação dos desejos de vingança¹⁵⁰.

3.5.6.3 Como também nós perdoamos aos nossos devedores

Uma exigência de igual importância leva o povo moçambicano a valorizar cada vez mais e a promover o espírito do perdão a quem ofende os seus irmãos, porque é perdando

¹⁴⁸ Cf. CHISSANO, J. Um modelo de reconciliação e paz. *Moçambique para todos*, Maputo, p. A1, 06 de Maio de 2010.

¹⁴⁹ MENSAGEM DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE. *Apelo à reconciliação e perdão*. Maputo: Rádio Maria, 25 de Junho de 2014. Vaticano Informativo.

¹⁵⁰ Cf. MACAMO, M. E. Reflexão sobre plano de reconciliação nacional. *Moçambique para todos*, Maputo, p. A1, 08 de Novembro de 2011.

que se é perdoado. Para o efeito, a pessoa ofendida coloca-se no lugar de quem a ofendeu e avalia de forma consciente tudo o que ocorreu de errado e memoriza as experiências ruins para não as repetir no futuro. E, em seguida, concede o perdão a quem a ofendeu como forma de lhe dar nova oportunidade para nascer de novo. Porque “sem o perdão não há futuro para o relacionamento entre indivíduos nem entre nações”¹⁵¹.

O perdão das ofensas restaura as sãs relações quebras por algum motivo. Como a repercussão das desavenças de duas pessoas ou mais atinge toda a comunidade e a Deus, o perdão e a reconciliação dessas pessoas, são o perdão e a reconciliação de toda a comunidade e com Deus. Visto que o perdão faz bem e alivia o estresse causado pelo ódio. Esse processo é um dos princípios fundamentais, e talvez o mais importante que orienta a vida e o agir do povo moçambicano nas suas relações com Deus e com os demais.

Concluindo, se pode cogitar que o perdão é uma prova de amor cujo seu impacto tem uma repercussão coletiva, pois, para o povo moçambicano, o verdadeiro perdão individual, deve tornar-se capacidade de perdão coletivo porque as desavenças de duas ou mais pessoas têm uma repercussão coletiva. O perdão, por um lado, significa escolher amar mesmo quando há todos os motivos para odiar e por outro, o perdão significa porta aberta para sair dos becos sem saída em que duas ou mais pessoas se enfiaram por desavenças que geraram discórdia e ódio.

3.5.7 E não nos submetas à tentação

A prevalência da pobreza absoluta¹⁵² que gera muitas tentações¹⁵³ e a existência de muitos recursos naturais invejáveis¹⁵⁴ que aguçam o paladar dos países mais industrializados do mundo coloca Moçambique numa iminência certa do assalto final do seu território e de uma nova era da colonização e saque dos seus recursos.

Desde a assinatura do Acordo Geral de Paz (1992), as condições de vida deram salto qualitativo e quantitativo para a minoria (os governantes e seus sequazes), enquanto

¹⁵¹ TUTU, D. *Frases, pensamentos e citações*. Disponível em: <http://kdfrases.com/autor/desmond-tutu>. Acesso em: 07 de Setembro de 2014.

¹⁵² Cf. SEPÚLVEDA, M. Moçambique: pobreza está aumentar. *Notícias de Moçambique*, Maputo, p. A1, 16 de Abril de 2013.

¹⁵³ Violência, furto, roubo, seqüestro, mortes, corrupção, injustiça, insegurança e intranquilidade públicas. Enfim, o espírito Maquiavélico que reina em Moçambique: *o fim determina os meios*.

¹⁵⁴ Tais como: recursos minerais, florestais, faunísticos, turísticos, marinhos e humanos.

que a maior parte do povo moçambicano vive mergulhada na pobreza absoluta que apresenta múltiplas ameaças que ultrapassam muito as que eram conhecidas até então¹⁵⁵.

Sem cessar de denunciar tais ameaças, em diversas circunstâncias, o grito do povo dessa pátria amada se eleva a Deus que se revela como Pai de misericórdia e de amor. Somente por Deus, com Deus e em Deus o povo pode combater o mal institucionalizado e amar as pessoas nele envolvidas. Essa deve ser a base para fazer prosperar o amor e a justiça no meio desse povo que pela situação da pobreza absoluta que tende a crescer é arrastado para o mal¹⁵⁶.

3.5.7.1 O medo de sucumbir na tentação

Revelada em cada povo a verdade a respeito de Deus, Pai de misericórdia e de amor, permite ao povo moçambicano buscá-lo, sobretudo, quando é ameaçado no próprio núcleo da sua existência e da sua dignidade. Por esse motivo, na situação hodierna do povo moçambicano, cristãos e pagãos guiados por um vivo sentido da presença de Deus na vida do ser humano voltam-se quase instintivamente, por assim dizer, para pedir a misericórdia de Deus a fim de pôr termo todo o tipo das tentações. Esse povo é impelido a procurar o auxílio e proteção a Deus Pai, que mediante a sua presença misteriosa, continua operante no íntimo do coração do homem e em tudo o que por Ele existe. Revelado de geração em geração, o mistério de Deus, Pai de misericórdia, torna-se necessário, no contexto das atuais “ameaças”¹⁵⁷ contra a vida e a dignidade da pessoa humana, suplicar com confiança a Deus Pai: *não nos submetas à tentação*.

3.5.7.2 Tentação

A *tentação* é uma das grandes ameaças de todos os tempos. Para o caso de Moçambique, a raiz da *tentação* é a ganância do *ter* que extrapola o *ser*; gerando, infelizmente, uma situação extrema cuja máxima já é conhecida: ao que tem dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado (cf. Mt 13,12). Perante essa situação, o povo moçambicano dirige-se a Deus com firme certeza de que

¹⁵⁵ Cf. ANDRÉM, U. A corrupção é um problema muito grande e visível em Moçambique. *O País*, Maputo, p. A1, 29 de Junho de 2012.

¹⁵⁶ Cf. DUMA, Custódio. Ausência de políticas públicas e a revolta social. *Defesa de direitos humanos*. Maputo, 07 de Fevereiro de 2008.

¹⁵⁷ A globalização do individualismo e da indiferença, o espírito maquiavélico na luta desenfreada pela posse de riquezas e da fama, a desestruturação de muitas famílias e a instabilidade política, o saque incontável das riquezas moçambicanas e a marginalização do próprio povo, as epidemias crônicas e a fome, o desemprego e a pobreza absoluta, entre outras.

sendo Ele o Pai de misericórdia e de amor, que vê o que é secreto, está continuamente atento para ouvir e responder aos pedidos de todos aqueles que o invocam com o coração filial. Essa crença em Deus que contagia a vida do povo moçambicano serve de força motriz para aproximar cada vez mais toda gente aos braços de Deus. Porque esse povo sabe que sem Deus nada pode fazer para inverter o curso dos acontecimentos.

3.5.8 Mas livra-nos do Maligno

Diante dos efeitos devastadores do mal, faz sentido pedir auxílio e salvação a quem nada lhe é impossível, isto é, Deus Pai. Somente Deus pode livrar as vítimas do mal e todos aqueles que correm o perigo de serem arrastados, um dia, para esse mal. Assim, baseando-se na firme certeza de que Deus é Pai da misericórdia, cujo amor não faz acepção de pessoas, o povo moçambicano deposita n'Ele todas as suas tristezas e angústias, as suas lamentações e lutas, enfim, todos os acontecimentos do dia a dia.

De igual modo, hoje, se dirigem a Deus os governantes de Moçambique que nas décadas de 70 e 80 se auto-proclamaram ateus e, declarando, por conseguinte, o fim de qualquer que seja a religião¹⁵⁸.

Como o homem não pode viver sem Deus, depois de atravessarem vales tenebrosos na sua tremenda desventura, todos os que viviam como se Deus não existisse, abandonaram a sua vida atea e voltaram para casa do Pai como filhos pródigos porque estão convencidos que uma vida vivida sem Deus é uma ilusão. E perante a iminência do assalto final do mal que anda a volta do povo moçambicano como um leão que ruge à procura de presa para devorar, urge o grito em uníssono: *mas livra-nos do maligno*.

Está comprovada a intervenção de Deus que se revela como Pai nas várias experiências milenárias da cultura e das religiões tradicionais do povo moçambicano. Destarte, se pode dizer com absoluta certeza que, hoje como ontem Deus escuta o clamor desse povo. É nessa certeza, inquestionável, que se radica a confiança do povo moçambicano na misericórdia de Deus (cf. Sb 11,25; Col 1,17). Esse Deus que caminha ao lado do homem para guiá-lo e proteger, amá-lo e salvar, pode ser invocado em quaisquer circunstâncias existenciais de cada homem.

Como se depreende, a finalidade dessa petição é apresentar não o mero desejo de ser salvo na hora das tentações, mas uma entrega confiante e incondicional de todo o seu ser na misericórdia do Altíssimo, porque o pedido não torna ninguém isento das tentações

¹⁵⁸ Cf. CABRITA, J. Combater as igrejas para erradicar a religião. *Canal de Análise*. Maputo, p. A4, 17 de Setembro de 2012.

cotidianas. Mas a petição feita com fé e vontade de evitar todas as tentações ajuda o homem a ser poupado das tentações e ajuda-o também a assumir as vicissitudes da vida e a viver o dia a dia com dignidade na graça de Deus Pai.

Como conclusão dessas duas últimas petições: *não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno*, se pode cogitar que elas denunciam, por um lado, os perigos para os quais o povo é arrastado e por outro, manifestam a confiança em Deus, cujo auxílio e proteção garante a todo o homem.

4 SINOPSE COMPARATIVA DO PAI-NOSSO NA PERSPECTIVA TEOLÓGICA E CULTURAL MOÇAMBICANA

Nessa sinopse comparativa do Pai-Nosso pretende-se destacar e explicar as palavras principais que constituem o escopo da oração do Senhor para demonstrar que elas constituem os conceitos que impregnam a vida do povo moçambicano nas suas relações com Deus e com os demais. Destarte, cabe àqueles cuja missão é transmitir a mensagem de Jesus Cristo a todas as nações, fazer chegar, fiel e docilmente a Boa Nova ao povo moçambicano, conforme o estabelecido no Evangelho de Mateus: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinado-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,19-20).

4.1 FIDELIDADE E DOCILIDADE NO ANÚNCIO DA BOA NOVA

A missão da Igreja é a de anunciar a Boa Nova da salvação; uma salvação que liberta o homem, o homem todo, o homem em todas as suas dimensões: espiritual, moral, cultural, social e econômica. É essa a missão que cabe aos discípulos missionários de Cristo; uma missão que interpela todos os membros da Igreja, cada qual no seu nível e ambiente de vida.

Ao consagrado, como primeiro agente da pastoral, cabe assumir em primeira pessoa uma responsabilidade missionária e procurar encontrar o método e as atitudes adequadas para ensinar e traduzir em atos esse anúncio da Boa Nova. Isso exige que ele tenha de manifestar uma ampla solidariedade para com o povo e uma grande sensibilidade para com os problemas que tocam a vida do povo de Deus que lhe está confiado. Deve também permitir que haja diálogo de enriquecimento recíproco para que a Igreja receba do povo tudo

o que concorre para a edificação da vida cristã e, o povo receba da Igreja tudo o que concorre para a inculturação do Evangelho. Porque a inculturação do Evangelho e a evangelização da cultura “impõe à Igreja um discernimento aprofundado para identificar tanto os aspectos da cultura que são de obstáculo à encarnação dos valores do Evangelho, como aqueles que os promovem” (*Africae Munus*, 36).

O diálogo entre a Palavra de Deus, que se revelou em Cristo, e as solicitações mais profundas que brotam da multiplicidade das pessoas e das culturas, na história, continuam o evento do Pentecostes que se enriquece através da diversidade das linguagens e das culturas na unidade duma única e mesma fé em Deus.

Assim o cristianismo, embora permanecendo plenamente o que é, na fidelidade absoluta ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, revestirá a fisionomia de inumeráveis culturas e dos povos onde for acolhido e lançar raízes. Então a Igreja tornar-se-á um ícone do futuro que o Espírito de Deus nos prepara, ícone para o qual a África dará a sua própria contribuição (*Africae Munus*, 37).

Do exposto se conclui: a partir dessa fidelidade e docilidade no anúncio da Boa Nova se pode penetrar a alma de quem se pretende que acolha, assuma e faça da vida a oração do Pai-Nosso.

Para o povo moçambicano que não tem nenhuma fonte escrita sobre essa oração, ela deve ser encontrada nas suas múltiplas expressões da literatura oral e nas suas relações com Deus e com os demais.

O texto que se segue vai destacar e explicar as palavras principais dessa oração na perspectiva teológica e cultural moçambicana.

4.2 PALAVRAS PRINCIPAIS

Cada palavra principal terá duas alíneas: *a* e *b*. A alínea *a* vai discutir o assunto na perspectiva teológica e a alínea *b* na perspectiva cultural moçambicana.

4.2.1 Pai

a) Ao dizer *Pai* a Deus, ressoa a vibração de um dos arquétipos mais ancestrais da experiência humana de todos os homens e, ao mesmo tempo, transparece a relação única e íntima que Jesus entretinha com Deus.

Os cristãos de ontem quanto de hoje aprenderam de Jesus que Deus é Pai. Essa paternidade de Deus é tão terna e familiar que Deus emerge verdadeiramente como Pai, não por ser criador, mas sim, porque antes da criação já era eternamente Pai do Filho por meio do qual imaginou e criou os homens (cf. Ef 1,3-5). Por isso, quando os homens em uníssono com Jesus chamam a Deus de Pai é porque desde sempre estiveram no coração do Pai e as suas raízes, hoje, estão enraizadas n'Ele. Essa verdade é inquestionável, contudo, cabe a quem se reconhece filho de Deus mover a inteligência daquele que tem de ser instruído nessa verdade, para que dê seu assentimento e adesão.

Na verdade, Deus é Pai de todos os homens, mas desfrutam de todos os direitos e privilégios aqueles que deram o seu assentimento e adesão ao mistério da Sua paternidade. Esse mistério experimenta-o todo o homem na vida cotidiana. É essa experiência que a testa mais uma vez que Deus é Pai; um Pai que ama, protege e supre as necessidades dos Seus filhos. Esse Pai merece assentimento e adesão dos Seus filhos.

A Sagrada Escritura descreve de muitas maneiras os privilégios daqueles que deram ou dão o seu assentimento e adesão a Deus Pai: são “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8,17), sacerdotes santos (cf. 1 Pd 2,5), novas criaturas (cf. 2 Cor 5,17) e “participantes da natureza divina” (2 Pd 1,4). Entretanto, mais do que qualquer uma dessas descrições, o mais importante é o simples fato de que todos os homens são filhos de Deus, porque Deus antes de criá-los já eram Seus filhos.

b) O mistério da existência de um Ser superior que cria e sustenta o universo, despertou, no povo moçambicano, desde a antiguidade até hoje, o temor e o fascínio. Desse temor e fascínio surgiu a religião que ainda de maneira “confusa” o povo conseguiu enxergar Deus como criador do universo e de toda a vida do planeta. De fato, no início, por exemplo, a fé em um só Deus, não foi um elemento constante na vida do povo. Mas, mais tarde, o povo, descobriu que o Deus verdadeiro é somente aquele que cria e sustenta o universo e fora dele não tem outro. Esse Deus verdadeiro é aquele que desde sempre falou e se manifestou a cada povo, ensinando-lhe muitas coisas e preparando-lhe uma habitação e, hoje, mantém vivo o Seu contacto com o povo moçambicano como um Deus que se revela com o germen paterno. Essa verdade é transmitida de pais para filhos.

Olhando para a religiosidade desse povo não há como não entender que a sua relação de vida com Deus é de intimidade filial. Essa intimidade gera um vínculo efetivo e afetivo com todo o indivíduo que faz sua aclamação de Jesus: *Abbá* (cf. Rm 8,15; Gl 4,6; Mc 14,36).

4.2.2 Nome

a) No antigo Oriente Médio, o nome não era uma simples etiqueta estranha à realidade que ela designava, mas estava misteriosamente ligado a essa realidade. Por isso, para o povo do antigo Oriente Médio, o nome dado a um lugar ou a uma pessoa determinava seu sentido e seu destino. Isso era claro durante a atribuição de nomes de reinado ao novo Faraó, ou ainda ao rei de Israel (cf. Is 9,5). Ao receber o nome, a pessoa ganha sentido e destino (cf. 2 Sm 7,9; 8,13; 1 Rs 1,47). A título de exemplo, Deus deu novo nome a Abrão e a Jacó: de Abrão para “Abraão” (Gn 17,5), de Jacó para “Israel” (Gn 32,39; 35,10). Essa mudança de nomes era para eles o começo de uma nova vida. Tal começo da nova vida acontece também na vida de quem conhece e invoca o Santo Nome de Deus. Porque a invocação do Seu Santo Nome garante a presença e proteção de Deus a quem o invoca em espírito e verdade. Na invocação de Deus, a Sagrada Escritura usa diversos vocábulos (cf. Gn 9,6; 17,1; 28,3; Ex 3,1ss; 6,2s), mas “o nome” *Pai* é o que Jesus quis que seus discípulos usassem ao se dirigirem a Deus¹⁵⁹.

Sendo Deus um “Pai Santo” (Jo 17,11), Jesus pediu a seus discípulos para que rezassem pela santificação do Seu Nome (cf. Mt 6,9; Lc 11,2) porque só Ele tem o poder de fazer participar de Sua santidade aqueles que Ele chama para viver em sua presença.

b) Falar do nome em Moçambique é falar de uma identidade, por isso, para o povo dessa terra, tudo o que existe é dado um nome próprio¹⁶⁰. Se alguém deseja falar com uma pessoa, basta chamar por seu nome; porém, se chamar por um nome que não lhe identifica essa pessoa não responderá, pois quem cabe responder é quem o nome lhe identifica. Da mesma forma, se alguém pretende ir a um lugar, deve saber antes o nome desse lugar, caso contrário não poderá chegar ao destino. Com esses exemplos se pode cogitar a importância que têm os nomes das pessoas, das coisas e dos lugares.

Assim como todas as pessoas, coisas e lugares têm nomes, seria estranho se Deus na Sua relação paterna com o povo moçambicano não tivesse nome. Dado que o nome de Deus é digno de honra e de muito respeito porque representa o que Ele *é* e *faz*. Tudo o que a partir do Seu nome Deus *é* e *faz* para o povo moçambicano, promove inevitavelmente o encontro entre as duas tradições religiosas: a *cristã* e a *tradicional*, pois, onde a religião

¹⁵⁹ Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1261-1263.

¹⁶⁰ A cada ser: pessoa ou animal, planta ou coisa, lugar geográfico ou estado do tempo, enfim, tudo o que se crê que existe tem nome.

tradicional diz *sim* aos ensinamentos do Senhor, a religião cristã *faz o mesmo*, purificando em simultâneo o que não é digno desse nome.

Concluindo, se pode dizer que o nome e tudo o que Deus é para o povo moçambicano confirma a herança cultural e religiosa dentro da Revelação que Deus dá de Si mesmo e de Sua relação com cada povo.

4.2.3 O Reino

a) Para o homem mergulhar no mistério de Deus Pai não basta invocar o Seu Santo Nome. É preciso pedir e aceitar ser instrumento de Deus na implantação do Seu Reino na terra. Pois, o Reino de Deus é, segundo Jesus, uma nova proposta de vida que se baseia na prática dos seguintes valores: comunhão fraterna de todos os homens sob a guia de um só Mestre e de um só Pai (cf. Mt 23,8-9), igualdade entre homens e mulheres (cf. Gn 1,27-28), partilha dos bens (cf. At 2,42; Mc 10,28; Jo 13,29), hospitalidade (cf. Lc 9,4; 10,5-7), convivência amigável que supera a relação servo/Senhor (cf. Jo 15,15), o exercício do poder como serviço (cf. Lc 22, 25-26; Mc 10,44; Jo 13,15; Mt 20,28), o espírito de perdão e reconciliação (cf. Mt 16,19; 18,18; Jo 20,23), a oração comunitária (cf. Jo 2,13; 7,14; 10,22-23; Mc 6,41; Lc 4, 16; 24,30) e o cultivo da alegria mesmo nas adversidades da vida (cf. Lc 6,20; 10,20; 10,23-24; Mt 5,11; Jo 16,20-22). Pelo que o homem, enriquecido com os valores do Reino e praticando-os fielmente com caridade, humildade e abnegação, perpetua a missão do Mestre de anunciar e instaurar o Reino de Deus em todos os povos. E enquanto vai crescendo, a humanidade clama pela sua consumação (cf. Mt 6,10), por isso espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória.

b) Confrontando os valores do Reino de Deus acima citados com a convivência cotidiana do povo moçambicano, se pode afirmar categoricamente que o Reino de Deus já tem os seus alicerces na alma desse povo; visto que apesar de ser um povo que atravessa muitas adversidades da vida ao logo da sua história, tem um espírito coeso, solidário, fraterno, hospitaleiro, respitoso, amante da paz, isto é, onde há descaso não guarda rancor, procura evitar tudo o que é inconveniente para uma sã convivência, tudo desculpa tudo suporta e não faz acepção de pessoas. Com essas atitudes se pode cogitar que para o povo moçambicano o Reino de Deus, não é uma questão de sorte, é uma questão de profunda transformação da mente e do coração que faz com que a pessoa assuma incondicionalmente aquela nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros e para os outros. Essa transformação de vida manifesta-se em todos os níveis da existência da pessoa: na sua vida

interior (de acolhimento da vontade divina); na sua participação ativa na vida familiar; no exercício da vida profissional e no cumprimento das atividades sociais. Como se depreende, o Reino de Deus brota do coração da pessoa humana que cōnscio ou inconscientemente vive e faz a vontade de Deus (cf. Mt 7,21).

4.2.4 Vontade

a) A vontade de Deus se revela quando a pessoa ama a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu entendimento e ama também o seu próximo como a si mesmo (cf. Mt 22,37-39). Essa vontade que se resume no amor a Deus e ao próximo, a pessoa cultiva-a ao longo da sua vida e atinge o seu auge quando conhece a Deus por Jesus Cristo (cf. Jo 7,14-24; 14,1-14). Esse conhecer significa deixar-se guiar pela vontade de Deus como Jesus fez: “Eis que eu vim para fazer a tua vontade” (Hb 10,9). Jesus, não só ensinou a desejar a vontade de Deus; Ele fez da sua vida a vontade de Deus (cf. Lc 22,42). De facto, Deus quer que o homem faça sempre a Sua vontade. Essa vontade de Deus que está plasmada no coração de cada homem é a causa primeira de todos os efeitos que produzem bons frutos (cf. Mt 4,4; Jo 10,10; Dt 10,12; Pr 3,1-5; 23,26). Mas, os efeitos da causa primeira podem ser impedidos por deficiência da causa segunda que nasce da astúcia do homem (cf. Gn 4,1-8). Para que a vontade de Deus (*causa primeira*) se cumpra sempre sem a interferência da vontade do homem (*causa segunda*) é necessário que a pessoa se coloque à disposição de Deus: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua vontade (cf. Lc 1,38).

b) O povo moçambicano reconhece a primazia e a onipotência de Deus, como Pai do inteiro gênero humano e criador de todas as coisas visíveis e invisíveis¹⁶¹. Esse reconhecimento faz com que o povo, de geração em geração, O busque sempre em todas as circunstâncias existenciais. Nessa busca o povo coloca-se à disposição d’Ele para que tudo aconteça segundo a Sua vontade. Essa disposição é incondicional: “Ainda que eu não entenda o porquê de certas coisas em minha vida. Ainda que pareça que é o fim [...], eu não preciso entender, eu preciso confiar. Pois nada é impossível para Deus”¹⁶².

Essa abertura total do povo moçambicano à vontade de Deus faz entender que o seu maior desejo é de assumir em sua vida a vontade de Deus, pois, bem sabe que sem Deus nada é possível.

¹⁶¹ Cf. MARTINEZ, F. L. *Religiões Africanas Hoje*, p. 100.

¹⁶² MARTINEZ, F. L. *A Vida do Povo Tshwa*, p. 21.

4.2.5 O pão

a) O pão constitui um elemento indispensável para a vida do ser humano. Por essa razão, Deus se dignou a estabelecer todas as fontes da alimentação para que nenhuma geração, desde Adão e Eva, desfaleça de fome¹⁶³. Como se pode cogitar, o pão, de cada dia, desejado por todo o gênero humano é tão indispensável que a ninguém devia faltar. Diante do sofrimento que a falta do pão causa, ninguém devia ficar indiferente. O gesto de Jesus nos milagres de multiplicação dos pães revela a necessidade da partilha do pão com o próximo, independentemente da quantidade que tiver¹⁶⁴.

A partilha (cf. Is 58,7; Mt 14,16-20), hoje como ontem, deve ser um compromisso de fidelidade a Deus e de comunhão com o próximo¹⁶⁵. Pois, ela quebra as barreiras e separações e une misteriosamente a humanidade n'Aquele que lhe deu a existência como presente. Dessa unidade, o Reino de Deus se instaura e a Sua vontade se sobrepõe sobre a vontade do homem.

b) Uma das pobreza mais profundas que o homem pode, amargamente, experimentar é a falta do pão. Essa falta do pão nasce da dificuldade de amar e de não ser amado¹⁶⁶. Essa dificuldade de amar o próximo e de prover as suas necessidades, nasce da recusa do amor de Deus pela parte de quem tem e permanece fechado no seu egoísmo.

O povo moçambicano no seu dia a dia cultiva o amor ao próximo que gravita na partilha e na solidariedade. A fonte desse amor não é o povo moçambicano é Deus (cf. 1 Jo 4,8). Quando o povo moçambicano partilha e solidariza-se com quem passa necessidades abre um caminho que aponta para o verdadeiro desenvolvimento integral da pessoa humana e indica para quem se fecha no seu “egoísmo” o que é o bem e em que consiste a felicidade.

A partilha indica também que o pão (ou a refeição) é sagrado, e a sua partilha é partilha dos comensais com Deus. O ditado moçambicano acrescenta: “acolher e repartir o pão com o próximo é acolher e repartir o pão com Deus porque Deus tem rosto humano”. O povo moçambicano entende que não é um jugo fazer o bem para o próximo, por isso, faz valer essa honra de servir a Deus, ajudando quem necessita. Ao fazer isso, não se restringe

¹⁶³ Confronte as seguintes citações: Gn 1,29-30; 2,9; 3,18; 9,3; Ex 16,4.31; Nm 11,18.31-34; Is 7,21-22; 22, 12-14.22; Rs 17,6.9; 19,6.

¹⁶⁴ Confronte o *milagre dos cinco pães e dois peixes* (Mt 14,13-21; Mc 6,31-44; Lc 9,10-17; Jo 6,5-15) e o *milagre dos sete pães e alguns peixinhos* (Mt 15,32-39; Mc 8,1-9).

¹⁶⁵ Tomai, todos, e comei [...]. Tomai, todos, e bebei [...]. Fazei isto em memória de mim (cf. Orações Eucarísticas).

¹⁶⁶ Dificuldade de amar pela parte de quem tem pão e de não ser amado pela parte de quem passa fome.

apenas aos patrícios, faz pelo bem e para o bem da pessoa humana¹⁶⁷. Pois, o povo moçambicano, está cômico que negar partilhar o pão ou ajudar quem passa necessidades é, sem dúvidas, desrespeitar os direitos da “pessoa humana”¹⁶⁸. Nessa ótica do povo moçambicano, o Concílio Vaticano II, exorta:

Ninguém, [...], se contente com a ética meramente individualista. Cumprem-se cada vez melhor os deveres de justiça e caridade, se cada um, contribuindo para o bem comum segundo suas capacidades e as necessidades dos outros, promover e ajudar também as instituições públicas e particulares que estão a serviço de um aprimoramento das condições de vida dos homens (*Gaudium et Spes*, 30).

Esse espírito de partilha, do povo moçambicano, em prol do bem comum e da promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana corresponde à perspectiva social, proposta pelo agir de Cristo.

A perspectiva social, proposta pelo agir de Cristo fundado no amor, transcende o mínimo que a justiça humana exige, ou seja, dar ao outro o que lhe é devido. A lógica interna do amor supera esta justiça, chegando ao ponto de dar o que se possui: “Não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade” (*1 Jo* 3, 18)¹⁶⁹.

Essa perspectiva social, proposta pelo agir de Cristo e encarnada na alma do povo moçambicano, rejeita energicamente toda discriminação por causa do sexo, da raça, da cor, da condição social, da idade, da língua, da religião e da cultura, que afeta os direitos fundamentais da pessoa, tanto pessoais quanto sociais.

Como se pode cogitar, o povo moçambicano, para além do pão, partilha tudo com todos porque acredita que todas as pessoas, sem exceção alguma, são membros da grande família de Deus. Essa grande família vai além dos limites acima citados, abrangendo toda a humanidade. Por isso, quando se trata dos assuntos sensíveis, a vida e a subsistência da pessoa humana, todo o povo se encontra no nível muito profundo da humanidade comum da pessoa. Conseqüentemente, a ética meramente individualista dá lugar a uma ação conjunta na luta contra todo o tipo da discriminação e exclusão social. Essa ação conjunta responde à seguinte exortação: “Não negues um favor a quem necessita, se tu podes fazê-lo. Não digas

¹⁶⁷ Não é possível ficar indiferente, vendo homens e mulheres, adultos e crianças, velhos e jovens, patrícios e estrangeiros a desfalecerem de fome e de outros males. A pessoa humana não foi criada para a infelicidade, mas sim para a felicidade que nasce do amor (cf. *Jo* 13,34) cujos frutos são as obras de misericórdia. Aquelas obras por meio das quais se socorre o próximo nas suas necessidades corporais ou espirituais.

¹⁶⁸ Imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn* 1,27; *1 Cor* 11,7; *Cl* 3,10; *Ef* 4,24).

¹⁶⁹ BENTO XVI. Exortação Apostólica pós-sinodal *Africae Munus*, n. 28.

a teu próximo: ‘Vai embora! Passa depois! Amanhã dar-te-ei...’ E tens a coisa na mão... Não trames danos contra o teu próximo, quando em ti deposita confiança” (Pr 3,27-29).

Por isso, o povo moçambicano, em uníssono, ergue a voz, dirigindo-se a todos os homens e mulheres de boa vontade, apelando, de forma especial, a todos os povos para repartirem o pão com quem passa fome.

4.2.6 O perdão

a) O que é perdoar? Perdoar é levar a misericórdia e o perdão de Deus ao ofensor: restaurar a partilha da vida e amizade quebradas pelo mal praticado.

Por quê existem ofensas ou discórdias? Leonardo Boff responde:

A vida pessoal e social dos seres humanos é movida por duas grandes paixões: o amor e o ódio. Santo Agostinho projetou sua concepção da história universal sobre essas duas forças poderosas: o amor leva até à morte do eu por causa do outro e o ódio que leva até à morte do outro por causa do eu. O amor funda a Cidade de Deus, onde os humanos se sentem integrados como um grande útero. O ódio funda a cidade de Satanás, onde os humanos se entre - devoram como numa prisão¹⁷⁰.

A discórdia perpassa não raro os membros de uma mesma família e desta para toda a sociedade (cf. Gn 4,1-16). É triste ver o irmão a odiar seus irmãos, a mãe odiar seus filhos e os filhos a desejarem a morte dos seus pais para herdarem a fortuna acumulada. Enfim, a discórdia alcança as profundezas do coração humano quando se deixa tomar pelo ódio, pelos maus propósitos e pela vontade de vingança. Para que a discórdia não semeie ódio e vontade de vingança pela parte da pessoa ofendida é necessário que haja perdão e reconciliação. Porque o perdão e a reconciliação são o remédio divino para os relacionamentos enfermos.

Sendo o perdão o remédio para os relacionamentos enfermos ou cura das mágoas, São Paulo exorta:

Revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros, e perdoados mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazei vós. Mas sobre tudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição (Cl 3,12-14).

Como se pode cogitar, o perdão é a prova de amor. Só quem tem amor pode perdoar. Deus Pai manifestou a sua maior prova de amor ao reconciliar o mundo consigo por

¹⁷⁰ BOFF, L. *A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*, p. 72.

Jesus Cristo, estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz, com todas as criaturas que há na terra e nos céus (cf. 2 Cor 5, 18 s; Cl 1, 20).

De fato, Jesus Cristo que é o Sacramento do Pai, durante a sua vida terrena perdoou os pecados (cf. Mt 9,1-13) e antes da sua Paixão, Morte e Ressurreição, instituiu o Sacramento da Penitência para que em sua memória fosse perpetuado o perdão dos pecados (cf. Mt 16,19). Desde então nunca mais a Igreja deixou de chamar os homens do pecado à conversão e de manifestar, pela celebração sacramental da penitência, a vitória de Cristo sobre o pecado¹⁷¹.

Nesse contexto, o Concílio Vaticano II recorda: “aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo e orações” (*Gaudium et Spes*, 11).

Quais são os passos a percorrer na celebração penitencial?

O cristão que, depois do pecado, movido pelo Espírito Santo, se aproxima do sacramento da Penitência deve, antes de mais, converter-se a Deus de todo o coração. Essa conversão interior do coração engloba: a “contrição do pecado e o propósito de nova vida”¹⁷², a “confissão dos pecados”¹⁷³ feita ao ministro de Deus e a conveniente “satisfação e a emenda de vida”¹⁷⁴. Feita a conversão interior do coração do penitente, Deus, por seu

¹⁷¹ Essa fidelidade ao compromisso que o Senhor confiou aos seus apóstolos (cf. Mt 16,19), a Igreja exprime-o na vida e celebra-o na sua liturgia, quando os fiéis se confessam pecadores e pedem o perdão de Deus e dos irmãos, como acontece nas celebrações penitenciais, na proclamação da palavra de Deus, na oração, e nos elementos penitenciais da celebração eucarística.

¹⁷² Entre os atos do penitente, ocupa o primeiro lugar a contrição que é uma dor da alma e uma detestação do pecado cometido, com o propósito de não pecar mais no futuro. Na verdade, o penitente só pode ter acesso ao reino de Cristo pela ‘metanoia’ (mudança interior), pela qual ele começa a pensar, a julgar e a dispor a sua vida, impelido pela santidade e caridade de Deus, que se manifestaram nos últimos tempos no filho e foram plenamente comunicadas (cf. Hb 1,2-4; Col 1, 19-20; Ef 1, 23). É desta contrição do coração que depende a verdade da penitência. A conversão deve tocar o homem por dentro, para o iluminar sempre mais profundamente e o tornar cada vez mais conforme a Cristo.

¹⁷³ A confissão das culpas faz parte do sacramento da Penitência; procede do verdadeiro conhecimento de si mesmo diante de Deus e da contrição dos pecados. Todavia, este perscrutar íntimo do coração e a acusação exterior devem ser feitos à luz da misericórdia de Deus. A confissão exige no penitente a vontade de abrir o seu coração ao ministro de Deus, em ordem ao juízo espiritual, por meio do qual ele, agindo na pessoa de Cristo, pronuncia, em razão do poder das chaves, a sentença de remissão ou de retenção dos pecados.

¹⁷⁴ A verdadeira conversão completa-se pela satisfação das culpas, pela emenda de vida e ainda pela reparação dos danos. As obras e a medida da satisfação devem ser adequadas a cada penitente, de modo que cada um repare a ordem que lesou e, consoante a doença de que sofreu, seja curado com o remédio contrário. É, por isso, necessário que a pena seja realmente remédio do pecado e renove de algum modo a vida. Assim, o penitente, esquece o que fica para trás e avança para o que está diante (cf. Fl 3, 13), isto é, insere-se de novo no mistério da salvação e projeta-se para o futuro.

lado, concede “o perdão dos pecados”¹⁷⁵ por meio do ministro, que atua em nome de Cristo e da Igreja.

b) O perdão (ou a reconciliação) a nível familiar ou social contribui para a paz. Após um conflito, a reconciliação restabelece a união dos corações e a vida em comum. Graças à reconciliação, as famílias e a sociedade moçambicanas que nalgum momento da história se envolvem em conflitos encontram a paz e as pessoas atingidas nesses conflitos reconstruem a unidade.

É o reconhecimento mútuo das causas que arrastaram duas ou mais pessoas aos conflitos e o desejo de restabelecer a união dos corações e a vida nova em comum que movem as pessoas à reconciliação. Para o efeito, as pessoas, em causa, pedem e dão-se o perdão, curando, por conseguinte, as mágoas que os conflitos causaram. Pois, a reconciliação ultrapassa as crises, restabelece a dignidade pessoal e abre o caminho ao desenvolvimento e à paz duradoura entre as pessoas em todos os níveis.

A forma tradicional de pedir e dar-se o perdão segue analogicamente à forma da celebração sacramental da penitência. Mas é preciso sublinhar alguns detalhes: a celebração sacramental da penitência envolve o ministro de Deus e o penitente enquanto que a celebração tradicional envolve os mediadores, o ofensor e o ofendido. Nessa celebração tradicional da reconciliação encontra-se o aspecto da correção fraterna presente no discurso eclesial de Jesus: “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão. Se não te ouvir, porém, toma contigo mais uma pessoa ou duas pessoas, para que toda questão seja decidida pela palavra de duas ou três testemunhas” (Mt 18,15-16).

Os líderes tradicionais e pessoas adultas nos conflitos sociais e familiares, respectivamente, atuam como “mediadores ou ministros de Deus” na mediação e na superação dos conflitos por meio de cerimônias de reconciliação como mecanismo para a reintegração no contexto pós-conflitos. Os líderes legitimados para essa missão, são escolhidos entre os anciãos cuja experiência de vida é tida como exemplo para todos os residentes dessa povoação ou comunidade e nos conflitos familiares os mediadores são as pessoas adultas (anciãos ou pais) que garantem a alta credibilidade em tarefas de mediação e reconciliação.

De acordo com os costumes do povo moçambicano, quando um ofendido se queixa a quem de direito deve ouvir e buscar soluções, inicia-se um processo de identificação da

¹⁷⁵ Ao pecador, que manifestou ao ministro de Deus a sua conversão na confissão sacramental, Deus concede o seu perdão pelo sinal da absolvição e assim se perfaz o sacramento da Penitência.

origem do conflito. Identificada a origem do conflito segue a celebração do perdão (reconciliação) das duas pessoas em conflito, seguida da sua reintegração na família ou na comunidade.

Essa celebração tem três passos, a saber:

Em primeiro lugar, a cerimônia de purificação: as pessoas em conflito fazem o juramento e o propósito de nunca mais voltarem a brigar. Se a origem do conflito afetou a comunidade são recomendados a tomarem banho com água misturada com ervas e sangue de cabrito ou de galinha. Essa purificação limpa os elementos estranhos em seus corpos para serem reintegrados na família ou na comunidade livres de qualquer impureza.

Em segundo lugar, o ofensor repara os danos causados. A reparação dos danos causados deve ser factível para não impedir a restauração das relações.

Em terceiro lugar, reparados os danos causados, segue-se o abraço da paz e por fim é servido uma refeição durante a qual os líderes tradicionais ou os mais velhos lembram a todos os presentes que não se deve promover antagonismo.

Chegado a esse ponto a vida e a convivência retomam o seu ritmo normal como se nunca tivesse havido antagonismo. O mesmo acontece com o sacramento da penitência onde “o amor cobre todas as ofensas” (Pr 10,12) do penitente e restitui-lhe a dignidade de filho de Deus.

4.2.7 Tentação

a) A expressão *tentação* na Bíblia representa um aspecto importante na vida religiosa e na vida moral. Mas, é preciso distinguir bem os dois sentidos contidos nessa expressão: o de *provação* (cf. Tg 1,2-4) e o de *tentação* para o pecado (cf. Tg 1,12-15); nesse último sentido, o sujeito do verbo é o diabo, os homens ou a concupiscência má do homem; no primeiro sentido é Deus quem prova o homem, ou o homem que provoca (“tenta”) a Deus. Quando Deus prova o homem, o seu objetivo é purificar o homem de intenções egoístas e não se pode falar numa tentação, a não ser indiretamente, isto é, enquanto a situação querida por Deus pode levar o homem a fazer uma escolha pecaminosa, ou enquanto forças malignas podem aproveitar-se da situação para impelir o homem ao mal¹⁷⁶, como atesta o apóstolo Paulo (cf. Rm 7,18-25).

¹⁷⁶ Cf. LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1700-1703.

A tentação acompanha o homem onde quer que esteja. Eis alguns exemplos clássicos da tentação/provação: a queda no paraíso (cf. Gn 3,1-19); a provação de Abraão (cf. Gn 22,1-19); a provação de Jó; a provação na doença (cf. Lc 7,1-10) e a provação nas tribulações (cf. Jo 15,18-20; 16,2-4; 1Pd 4,1; 2Tm 3,13); enfim, a grande maioria dos textos bíblicos, a título de exemplo a literatura sapiencial, fala da provação da parte de Deus que intervém na vida de cada homem para experimentar a sua fidelidade (cf. Ex 16,4; 20,20; Dt 8,2; Jz 2,22). Essa provação que parte de Deus é entendida como uma educação para a maturidade espiritual do homem, sendo até uma manifestação do amor de Deus (cf. Tb 12,13) e quando parte do homem é entendida como manifestação da sua incredulidade na sua relação com Deus (cf. Sb 1,2)¹⁷⁷.

Como se depreende, na existência concreta do homem duas forças opostas entram em conflito, pelo que a vida do homem tem um caráter de uma luta contínua. Como se pode cogitar trata-se da luta entre Cristo que vem fundar o Reino de Deus (cf. Mt 5,8; Rm 6,12; 14,17) e o exército de Satanás (cf. Mt 12, 25-30.43-45) que se opõe aos valores do Reino. Mas é preciso dizer que o poder de Satanás não está na mesma altura que o de Deus, dado que fica limitado ao espaço que Deus lhe permite (cf. Ap 20,1-3). Essa situação de perigo contínuo exige do homem que não cesse de pedir a Deus para que não o submeta à tentação, ou seja, para que não o permita que as circunstâncias existenciais o leve ao pecado, mas sim, que seja livre do mal.

b) Ninguém é isento aos efeitos cotidianos das duas forças opostas: a *provação* que testa e purifica o homem e a *tentação* que corrompe e arrasta o homem ao mal. Por isso, tanto crentes quanto pagãos clamam pelo socorro de quem tem maior amor por eles: “não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno” (Mt 6,13). Esse grito da humanidade é o grito do povo moçambicano que hoje como ontem pede a Deus para que o livre das seduções do Maligno a fim de não entrar em tentação, isto é, para nunca mais duvidar em Deus, porque a Ele pertence o Reino, o Poder e a Glória para sempre. Esse povo que faz seu grito da humanidade, está ciente da sua fragilidade, por isso, tudo quanto deseja fazer é precedido de uma cerimônia na qual se pede a Deus Todo-Poderoso para que permita somente o que é segundo os seus desígnios (cf. Jr 29,11). De fato, quem procura a Deus de todo o coração, mesmo sem saber o caminho certo, a mão de Deus, que a todos os seres sustenta e faz serem o que são, o leva a bom termo.

¹⁷⁷ Cf. BORN, A. V. D. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, col. 1486.

Esse Deus que ao longo da história se revela como solícito e preocupado com o ser humano, se deixa encontrar e experimentar por aquele que, em meio às desgraças e aos desafios da vida por dias melhores, anseia em ser conduzido por sua mão e aí esconder-se e livrar-se da tentação e do mal.

Quando o povo moçambicano encontra e experimenta Deus jamais vive sem Ele. Visto que é em meio à própria história, provisória, contingente e conflitiva que o povo é solicitado a fazer experiência do seu Deus, criador e Pai, que se manifesta misteriosamente velado nas criaturas, mas sobretudo, revelando-se e solicitando ao povo a resposta de fé. Essa fé faz o povo moçambicano confiar sempre mais em Deus, mesmo naquelas situações em que a *tentação* e o *mal* parecem ganhar o terreno. Resumindo: a confiança, o encontro e o relacionamento que o povo moçambicano tem com Deus transcendem o homem. E quem crê n'Ele em espírito e verdade alcança a resposta das suas inquietações.

Concluindo se pode dizer que as *palavras-chaves* do Pai-Nosso acima discutidas têm conteúdos inesgotáveis a serem promovidos e defendidos. Pois, o que nelas encerra são amor e vida. Só se tornam amor e vida pela aceitação incondicional do projeto de Deus e pela doação e vivência recíprocas dos homens.

Como a fé transporta o homem ao plano religioso, a doação e a convivência recíprocas do povo moçambicano transportam quem tem um olhar de Deus ao Pai-Nosso feito vida. Tratando-se de algo de intimidade humana e divina, os conteúdos do Pai-Nosso feito vida pelo povo moçambicano são guardados e alimentados com todo esmero e transmitidos de geração em geração para frutificarem no amor a Deus e ao próximo.

Frente a essa questão, cabe àqueles cuja missão é transmitir a mensagem de Jesus Cristo fazer interagir os conteúdos do Pai-Nosso com a vida do povo moçambicano na qual caem como sementes. Essa interação ajudará a encarnar a universalidade da fé em Deus que abraça a todos os povos.

CONCLUSÃO

Afirmou-se que a oração do Pai-Nosso gira em torno da causa de Deus e da causa do homem. Essas causas são contemporâneas a todas as gerações. Por essa razão, a oração do Pai-Nosso é feita objeto de estudo por vários exegetas e teólogos sistemáticos de todos os tempos e lugares. São aplausíveis os resultados alcançados até hoje, mas nenhuma pesquisa já esgotou o seu rico conteúdo. Por isso, o estudo que agora se conclui é uma contribuição para encorajar o povo moçambicano e toda a pessoa a se preocupar sempre com a causa de Deus e a causa do homem para que a humanidade tenha vida em abundância (cf. Jo 10,10b). Nessa tentativa de discutir assuntos tão incisivos do Pai-Nosso como são a santificação do nome de Deus, a vinda do seu reino, a realização da sua vontade, o pão de cada dia, o perdão recíproco e a proteção perante a tentação e libertação perante o maligno, foi necessário sondar a profundidade desses conteúdos e os seus significados a partir da Exegese (I seção), da Teologia de L. Boff (II seção), da cultural moçambicana (III seção) e da Sinopse comparativa do Pai-Nosso (IV seção).

Na primeira seção foram expostos alguns procedimentos julgados indispensáveis para compreender o sentido do texto da oração do Pai-Nosso. Visto que é sempre necessário recorrer à exegese quando em Teologia se estuda um texto que suscita um interesse durável.

Na segunda seção, foram explicados os conteúdos das sete petições e o sentido de algumas expressões que verdadeiramente sintetizam o essencial: a causa de Deus (a santificação do seu Nome, o seu Reino, a sua vontade) e a causa do Homem (o pão de cada dia, o perdão recíproco, a proteção perante a tentação e libertação perante o maligno).

Na terceira seção (centro da dissertação) discutiram-se alguns aspectos informativos e descritivos sobre Moçambique e o seu povo na sua relação com Deus e, em seguida, foram discutidas as sete petições com o intuito de demonstrar que a vida prática do povo moçambicano está impregnada dos valores contidos na oração do Pai-Nosso: o reconhecimento da paternidade de Deus para o inteiro gênero humano; o respeito pelo Seu santo Nome; o reconhecimento da superioridade do reino dos céus sobre o reino terreno; o reconhecimento da superioridade da vontade de Deus sobre a humana, a partilha do pão que faz comunhão de pessoas; o perdão que cura as mágoas e a confiança em Deus na hora de tentação e para situações futuras.

Na quarta seção foi feita uma sinopse comparativa das “palavras principais”¹⁷⁸ do Pai-Nosso na perspectiva teológica e cultural moçambicana para demonstrar que as mesmas expressões que constam no Pai-Nosso impregnam a vida do povo moçambicano nas suas relações com Deus e com os demais.

O povo moçambicano ao ultrapassar diferenças de origem, de cultura, de etnia ou de língua se abre realmente à universalidade do amor de Deus que se nota na reverência ao Seu nome, ao acatamento da Sua vontade e ao respeito às coisas sagradas (causa de Deus e causa do homem). Esse tripé, do qual gravita a vida do povo moçambicano, é transmitido de pais para filhos num “diálogo” que exerce grande influência sobre a vida dos filhos. No diálogo, os filhos acatam a palavra dos pais como lei e a vontade divina como verdade e vida. Por isso, desde a tenra idade toda a pessoa é ensinada a amar a Deus sobre todas as coisas e ninguém ousa duvidar em Deus seja de que religião for. Esse acatamento mantém o povo moçambicano unido e obediente à vontade de Deus. Por isso, em Moçambique, homens e mulheres diversos por origem, cultura, língua ou religião vivem juntos harmoniosamente graças à ação das “sementes” da oração do Pai-Nosso.

Finalmente, é preciso dizer que:

- Ao povo moçambicano não é necessário ensinar a ter fé porque todo o moçambicano tem uma profunda relação com Deus, o que se deseja é explicar autenticamente a fé cristã para que encontre mais razões de buscar Deus.

¹⁷⁸ Pai, Nome, Reino, Vontade, Pão, Perdão e Tentação.

- Para que o povo moçambicano dê seu assentimento e adesão à fé cristã é necessário que seja seduzido de um jeito doce, delicado e suave, com liberdade e até mesmo com gosto, prazer e amor. Por isso, ninguém deve ser coagido a ter fé.

- No encontro entre a cultura e o Evangelho, sejam quais forem as circunstâncias, o diálogo é indispensável. Porque “antes de qualquer missionário ou igreja chegar ou falar, Deus já está em todos”¹⁷⁹.

- Para que a Igreja Católica em Moçambique seja sempre um dos pulmões espirituais do povo e se torne cada dia mais uma bênção para essa terra, para a Mãe África e para o mundo inteiro é necessário que saia em missão ao encontro das pessoas, nas suas reais situações, para lhes oferecer Cristo e colocando-se ao serviço delas.

- As religiões tradicionais e as culturas africanas sejam objeto de uma pesquisa científica qualificada e consistente à luz da Palavra de Deus nas Universidades católicas.

¹⁷⁹ GEORGE, S. K. *Juntos é melhor!* Convite ao diálogo missionário, p. 45.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

AMARAL, Amaral Bernardo. *Religião Tradicional Bantu*. Inhambane: Jangamo, 1988.

ANDRÉM, Ulla. A corrupção é um problema muito grande e visível em Moçambique. *O País*, Maputo, p. A1, 29 de Junho de 2012.

ARAÚJO, Roger. Somos chamados a partilhar o pão com misericórdia. *Reflexão*. 08 de Janeiro de 2013.

Ata do Acordo Geral de Paz de Moçambique, assinado pelos signatários da FRELIMO e da RENAMO. Dado em Roma aos 04 de Outubro de 1992.

AUGUSTO, Elvira. *Os desafios da missão na África*. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/elvira2cmn.pdf>. Acesso em: 11 de Agosto de 2014.

AZEVEDO, Reinaldo. *Deus não se cansa de perdoar; nós é que cansamos de pedir perdão*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/deus-nao-se-cansa-de-perdoar-nos-e-que-cansamos-de-pedir-perdao>. Acesso em: 23 de Junho de 2014.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Reinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (I)*. [s.l]: Loyola, [s.d].

BENTO XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*. Roma, 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20071130_spealvi_po.html. Acesso em: 12 de Março de 2014.

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal *Africae Munus*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_benxvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html. Acesso em: 07 de Julho de 2014.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 8ª impressão. São Paulo: Paulus, 2012.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Teologia do cativo e da libertação*. Lisboa: Multinova, 1976.

_____. *Via-Sacra da justiça*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *O Pai-Nosso: oração da libertação integral*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *The Lord's Prayer: The Prayer of integral Liberation* (Petrópolis: Vozes, 1979; English trans. Theodore Morrow; Maryknoll NY: Orbis, 1983).

_____. *Libertar para a comunhão e participação*. Rio de Janeiro: CRB, 1980.

_____. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. *Teologia da libertação no debate atual*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *A Graça Libertadora do Mundo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *E a Igreja se fez povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *A fé na periferia do mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Principio Terra: A volta à Terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Ética da vida*. 3. ed. Brasília: Letraviva, 1999.

_____. *A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*, Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

_____. *Tempo de transcendência: O ser humano como um projeto infinito*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. *O Casamento entre o Céu e a Terra*. [s.l]: Salamandra, 2001.

_____. *O casamento entre o céu e a terra: Contos dos povos indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

_____. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

_____. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. 3. ed. Petrópolis; Vozes, 2002.

_____. *O Senhor é meu Pastor: consolo divino para o desamparo humano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. *A força da ternura: Pensamentos para um mundo igualitário, pleno e amoroso*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

_____. *Virtudes para um outro mundo possível – Vol. III: comer e beber juntos e viver em paz*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Homem: satã ou anjo bom*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Opção Terra*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 48. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Experimentar Deus*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Crise, oportunidade de crescimento*. Petrópolis; Vozes, 2010.

_____. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Paixão de Cristo, paixão do mundo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *A cruz nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *Graça e experiência humana*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Via - sacra: Para quem quer viver*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *A nossa ressurreição na morte*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *O cristianismo em poucas palavras*.

Disponível em: www.brasildefato.com.br/node/26020. Acesso em: 05 de Março de 2014.

_____. *A tradição de Jesus versus a religião crista*.

Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/10/13/a-tradicao-de-jesus-versus-a-religiao-crista>. Acesso em: 05 de Março de 2014.

_____. *Deus acredita em todos os seres humanos.*

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514475-deus-acredita-em-todos-os-seres-humanos-entrevista-especial-com-leonardo-boff>. Acesso em: 05 de Março de 2014.

_____. *Ecologia social: pobreza e miséria.*

Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/o-sentido.htm>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

_____. *O homem, a mulher, assumidos por Deus.*

Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/o-homem.htm>. Acesso em: 25 de Junho de 2014.

_____. *Como enriquecer a teologia da libertação: Pobre, Nova Cosmologia e Libertação.*

Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/como-enriquecer.htm>. Acesso em: 11 de Novembro de 2014.

BAUER, Johannes Baptist. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.

BONICELA, Francisco. Resolução de conflitos. *Tribunal Tradicional*. Muvamba, 20 de Novembro de 2012.

BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BORTOLLETO FILHO, Fernando; CARLOS DE SOUZA, José; KILPP, Nelson. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

BOKA DI MPASI, Londi. *On the Popular Religions of Sub-Saharan*, in: *Lumen Vitae*, Bruxelles, XXXIV, 1979, p. 7-37.

CABRITA, João. Combater as igrejas para erradicar a religião. *Canal de Análise*. Maputo, p. A4, 17 de Setembro de 2012.

CARMIGNAC, Jean. *Recherches sur le Notre Père*. Paris: Letouzey et Ané, 1969.

CHISSANO, Joaquim. Um modelo de reconciliação e paz. *Moçambique para todos*, Maputo, p. A1, 06 de Maio de 2010.

CIVIT, Isidro Goma. *El Evangelo Segun San Mateo*: volumen primero (1-13). España: Barcelona, 1980.

_____. *Padre Nuestro I. Sagrada Escritura.*

Disponível em: http://www.mercaba.org/Rialp/P/padre_nuestro_i_sagrada_escritur.htm. Acesso em: 30 de Outubro de 2014.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia Do Novo Testamento*. 2. vol. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLLOQUE SUR LÊS RELIGIONS, Abidjan, 5-12 de Abril de 1961. Paris: Presence Africaine, 1962.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. in: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1969, p.37-113.

_____. *Gaudium et Spes*. in: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969, p.141-256.

_____. *Nostra Aetate*. in: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969, p.617-625.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. 12 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE.

Disponível em: <http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 06 de Novembro de 2014.

COSTA, Jefferson Magno. *Provas da Existência de Deus*. São Paulo: Vida, 1995.

DIAS, João Ferreira. *A religião se faz com a colheita da terra*. Disponível em: <http://www.joaoferreiradias.net/a-religiao-se-faz-com-a-colheita-da-terra-problematizacao-concetual-de-religiao-em-africa-e-o-caso-yoruba>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

DIAS DE OLIVEIRA, Irene. *Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano (os tsongas)*. Goiás: Annablume, 2002.

DIDAQUÉ: *Catecismo dos primeiros cristãos*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DUMA, Custódio. Ausência de políticas públicas e a revolta social. *Defesa de direitos humanos*. Maputo, 07 de Fevereiro de 2008.

DUPONT, Jacques. *Le Beatitudini*. Itália: Paoline, 1992.

EBELING, Gerhard. *Sulla Preghiera. Prediche sul Padre Nostro*. Brescia: Paoline, 1973.

FRANCISCO (Papa). *Quero uma igreja pobre e para os pobres*. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2013/03/16/francisco: quero uma igreja pobre e para os pobres/bra-673943>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

_____. *Mensagem para Quaresma 2014*.

Disponível em: <http://www.aleteia.org/pt/sociedade/artigo/-pobrissima-riqueza-e-a-riquissima-pobreza-5811743385190400>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

_____. Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium*. Disponível em:

<http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/EVANGELIIGAUDIUMPapaFrancisco2013CEP.pdf>
f. Acesso em: 27 de Junho de 2014.

FIGUEIREDO, Fernando António. *Curso de Teologia Patrística*. 3. ed. Vozes: Petrópolis, 1990.

FILIFE, Jossias. *O fim da guerra colonial em Moçambique*. Maputo: F. Letras U. E. M, 1997.

GEORGE, Sherron Kay. *Juntos é melhor!* Convite ao diálogo missionário. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

GEORGE Simmel. *Études sur les formes de la socialisation*. Paris : PUF, 1999.

GOUVEIA, Francisco Miguel. *Análise global de uma guerra (Moçambique 1964-1974)*. Porto: Universidade Portucalense, 2001.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. 2. ed. [s.l]: Loyola, 1992.

GWEMBE, Ezequiel. *A mulher na sabedoria banto*. Maputo: Paulistas, 1989.

_____. A miséria do povo não pode continuar a ser a riqueza de quem governa! *Canal de Mocambique*. Maputo, p. 15, 25 de Julho de 2012.

JEREMIAS, Joaquim. *Pai Nosso: a oração do Senhor*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

_____. *O sermão da montanha*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

_____. *Teologia do Novo Testamento: nova edição revista e atualizada*. São Paulo: Paulus, 2004.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. Roma, 04 de Março de 1979.

_____. Carta encíclica *Redemptoris Missio*. Roma, 07 de dezembro de 1990.

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in África*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. Carta Encíclica *Fides et Ratio*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1998.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004.

LANCELLOTTI, Angelo. *Matteo*. Roma: Paoline, 1975.

LANGA, Adriano. *Questões cristãs à religião tradicional africana (Moçambique)*. 2. ed. Braga: Franciscana, 1992.

LAPIDE, Pinchas. *Filho de José?* Jesus no judaísmo de hoje e de ontem. São Paulo: Loyola, 1993.

LATOURELLE, René; O'COLLINS, Gerald. *Problemas e perspectivas de teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1993.

MACAMO, Marcos Efraim. Reflexão sobre plano de reconciliação nacional. *Moçambique para todos*, Maputo, p. A1, 08 de Novembro de 2011.

MATEOS, J; CAMACHO, F. *O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 2000.

MATOS, Henrique Cristiano José. *O pai-nosso: oração do novo milênio*. Belo Horizonte: O Lutador, 1999.

MARQUES, Ir. Susana Custódio. *Reflexão matutina*. Mumemo (Marracuene/ Maputo), 20 de Julho de 2013.

MARTINEZ, Francisco Lerma. *A Vida do Povo Tshwa*. Vilankulo: Manuscrito, 1987.

_____. *Existência do Ser Supremo nas culturas Changane e Ronga*. Matola: Santo Agostinho, 1995.

_____. *Religiões Africanas Hoje*. Matola: S. Agostinho, 1997.

_____. *El Pueblo Tshwa: Analisis de los valores culturales de pueblo tshwa de Massinga (Mocambique)*, 1980-2002. Laborum: Murcia, 2005.

_____. *Antropologia Cultural: guia para o estudo*. Maputo: Paulinas, 2009.

MARTINS, Pinho dos Santos Afonso. *Religiões Tradicionais e Cristianismo em diálogo: caminho para uma evangelização inculturada*. [sl]: Ed. Noticias, 2003.

MATSINHE, M. M. *Deus na Cultura Tshwa*. Seminario Santo Agostinho de Matola: Manuscrito, 1994.

MAZULA, B. Exclusão social pode pôr em risco a paz e a estabilidade social em Moçambique. *Palestra sobre a prevalência da paz em Moçambique*. Maputo, 07 de Outubro de 2010.

MBITI, John. *Colóquio dos teólogos do Terceiro Mundo em Acra (Gana)*, 1977.

_____. *Conceitos de Deus na África*. London: SPCK, 1970.

MBOE, Laugineta Senda. *Palavra de uma anciã e mãe*. Massinga: Xivinzane, 30 de Dezembro de 2012.

MENSAGEM DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE. *Apelo à reconciliação e perdão*. Maputo: Rádio Maria, 25 de Junho de 2014. Vaticano Informativo

MESTERS, Carlos. *Um projeto de Deus: a presença de Deus no meio do povo oprimido*. São Paulo: Paulinas, 1982.

MISSAL ROMANO. Restaurado por decreto do Sagrado Concilio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa. 2. ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. aprov. pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1972.

NKAFU NKEMNKIA, Martin. *Vitalogia: principio del pensare africano*, in *Aquinas* (Roma), XXXVIII, 3, Settembre - Dicembre, 1995.

NETTO, João Paixão; MACHADO, Alda da Anunciação. *Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

PAGOLA, José António. *Pai-Nosso: orar com o Espírito de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *O caminho aberto por Jesus: João*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PAROSCHI, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Roma, 08 de dezembro de 1975.

PONTIFICIO CONSIGLIO PER IL DIALOGO INTERRELIGIOSO. *Camminare Insieme*. Citta del Vaticano, 1999.

RAFAEL Adelson. Direito humano à alimentação adequada em Moçambique: “quo vadis”. “*Um outro Moçambique é possível*”. Maputo, 19 de Setembro de 2012.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2007.

RELATÓRIO DA UNCTAD. Disponível em: [http://www2.cultura.gov.br/economiacriativa/wpcontent/uploads/2013/06/relatorio UNCTAD 2010 Port.pdf](http://www2.cultura.gov.br/economiacriativa/wpcontent/uploads/2013/06/relatorio_UNCTAD_2010_Port.pdf). Acesso em: 24 de Março de 2014.

REVISTA MUNDO e MISSÃO. Disponível em: <http://www.pime.org.br/mundoemissao/religtradicionalis2.htm>. Acesso em: 10 de Março de 2014.

RODRIGO DE CAMARGO, Yuri. *Livro de orações judaico - messiânica em português e hebraico*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6892563/Sidur>. Acesso em 30 de Outubro de 2014.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. Roma, 06 de Agosto de 1984. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acesso em: 30 de Janeiro de 2014.

SEPÚLVEDA, Magdalena. Moçambique: pobreza está aumentar. *Notícias de Moçambique*, Maputo, p. A1, 16 de Abril de 2013.

SUSIN, Luíz Carlos. *Assim na terra como no céu: Brevilóquio sobre escatologia e criação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SVIDERCOSCHI, Gian Franco. *Em busca do Pai*. Um “lugar” para Deus no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2009.

TANQUEREY, Adolph. *Compêndio de teologia ascética e mística*. 4. ed. Porto: Livraria Apostolado da imprensa, 1948.

TERRA, J. E. Martins. *Releitura judaica e cristã da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 1988.

TUTU, Desmond. *Frases, pensamentos e citações*. Disponível em: <http://kdfrases.com/autor/desmond-tutu>. Acesso em: 07 de Setembro de 2014.